

Arte no Metrô

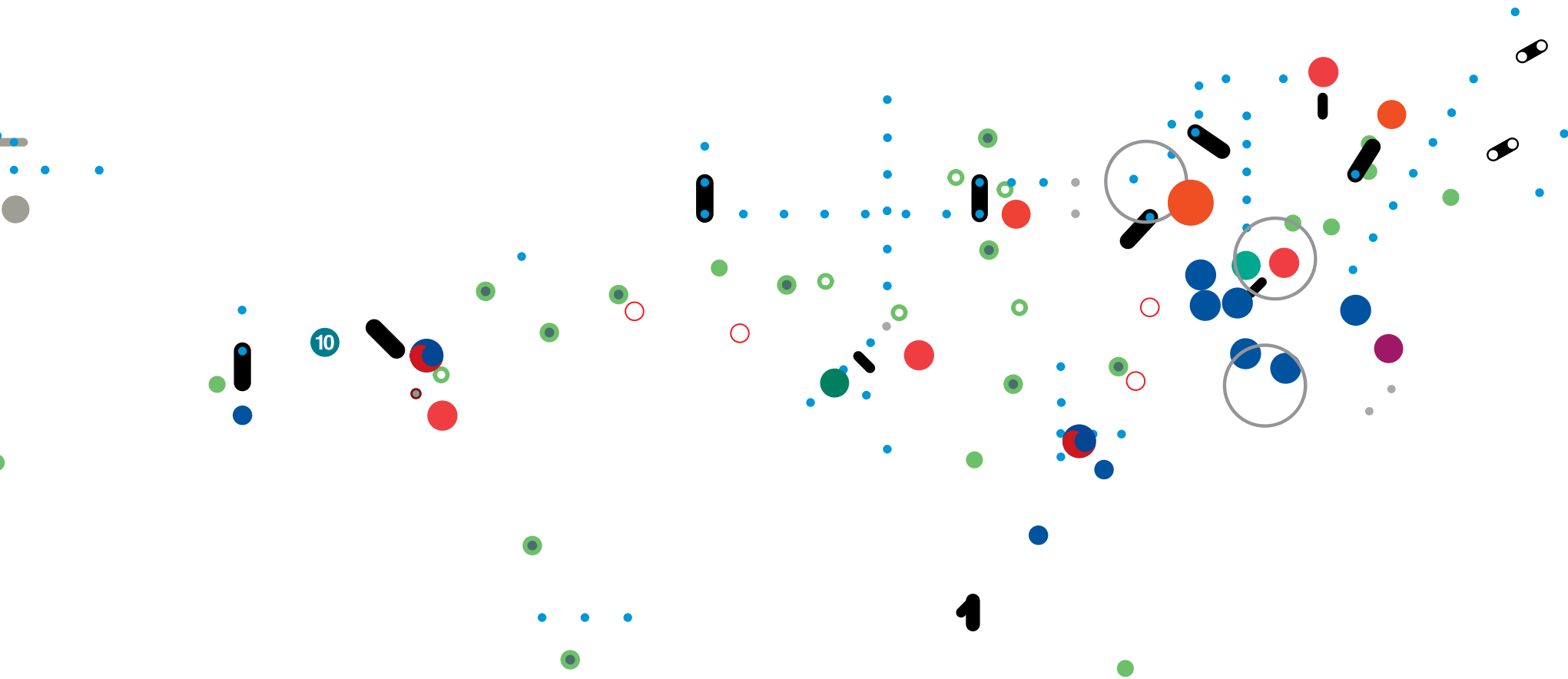
Arte no Metrô

Enock Sacramento

Arte no Metrô

Edição
A&A Comunicação Ltda.

São Paulo
2012



Apoio Institucional



Patrocinador

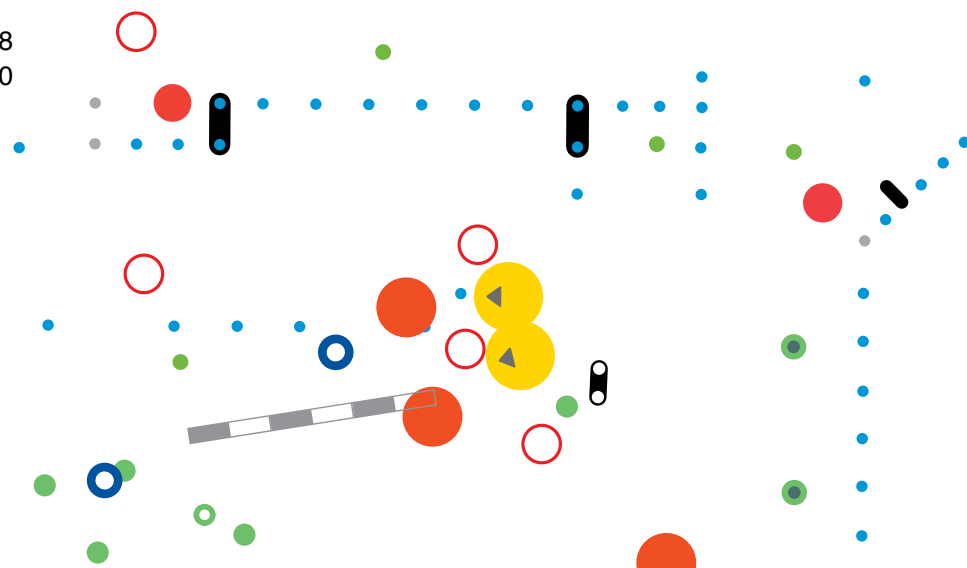


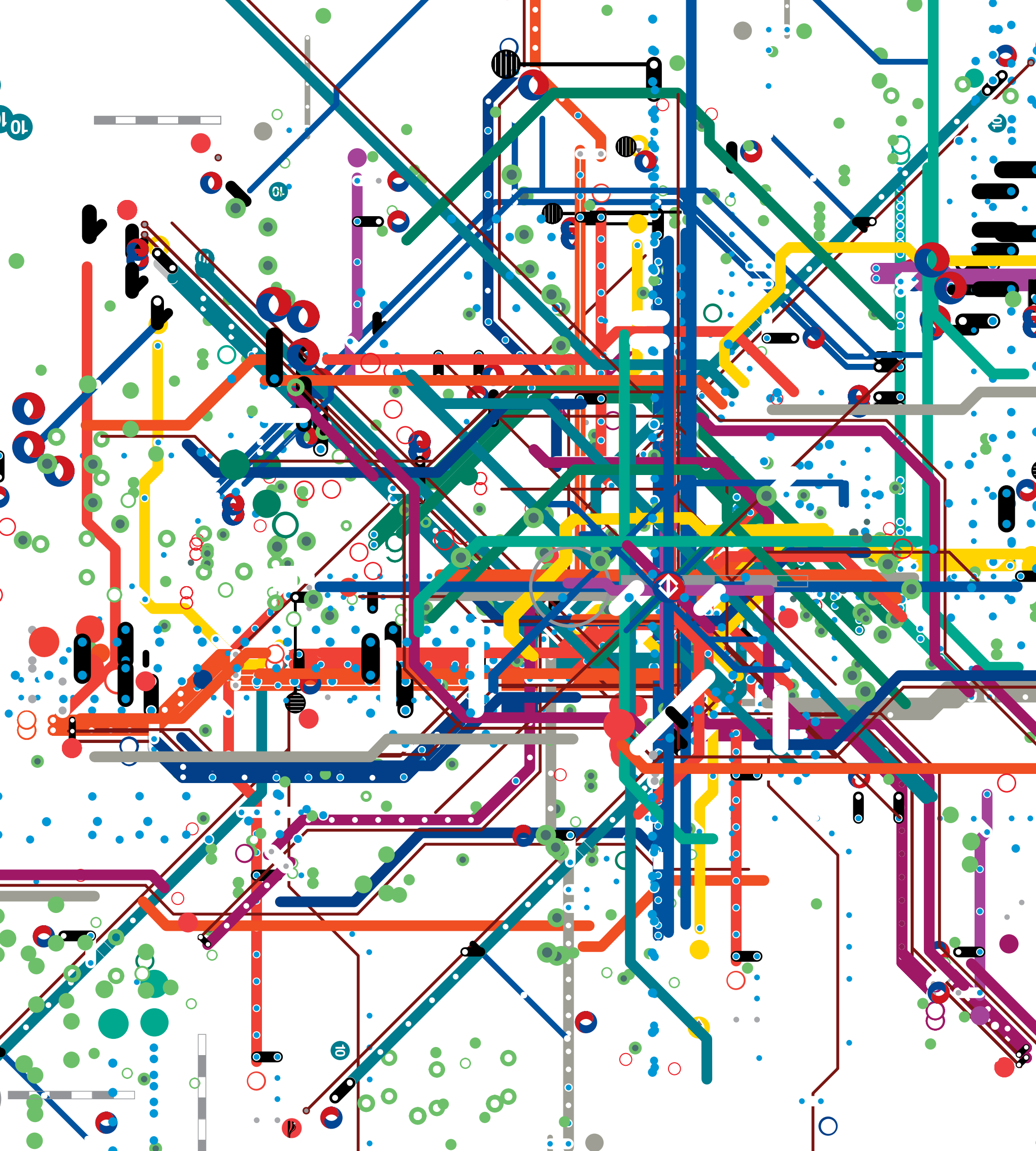
Ministério da
Cultura



ÍNDICE

Introdução	07	José Roberto Aguilar.....	104
Akinori Nakatani	12	Josely Carvalho.....	106
Alberto Nicolau.....	14	Laerte Yoshiro Orui	108
Aldemir Martins	16	Leilah Costa	110
Alex Flemming.....	18	Lúcio Kume	112
Alfredo Ceschiatti.....	22	Luiz Gonzaga M. Gomes.....	114
Amélia Toledo.....	24	Luiz Hermano	116
Antonio Cordeiro	28	Lygia Reinach.....	120
Antonio Peticov	30	Marcello Nitsche.....	122
Ayao Okamoto.....	36	Marcos Garrot	124
Bené Fonteles	38	Marcos Lopes.....	126
Betty Milan	40	Maria Bonomi	128
Caciporé Torres.....	42	Mário Fraga	132
Caíto.....	44	Mário Gruber	134
Carlos Yasoshima	46	Mário Ishikawa	138
Cícero Dias.....	48	Maurício Nogueira Lima	140
Cláudio Tozzi.....	50	Milton Sogabe	144
Cleber Machado.....	54	Odiléa Toscano	146
Criação Coletiva.....	56	Oscar Satio Oiwa	154
David de Almeida	58	Renato Brunello.....	156
Denise Milan e Ary Perez.....	62	Renina Katz.....	160
Eliana Zaroni	64	Roberto Micoli	166
Emanoel Araújo.....	66	Sérgio Ferro	170
Fernando Lemos	68	Tatti Moreno	174
Francisco Brennand	70	Tomie Ohtake	176
Françoise Schein.....	72	Toshifumi Nakano.....	182
Geraldo de Barros.....	74	Valdir Sarubbi.....	184
Gilberto Salvador.....	78	Waldemar Zaidler.....	186
Glauco Pinto de Moraes.....	82	Wesley Duke Lee	190
Gontran Guanaes Netto	86	Xico Chaves	192
Hiro Kai.....	94	Yae Takeda.....	194
Hisae Sugishita	96		
Isabelle Tuchband, Verena Matzen e Paula Pedrosa.....	98		
José Guerra.....	100		





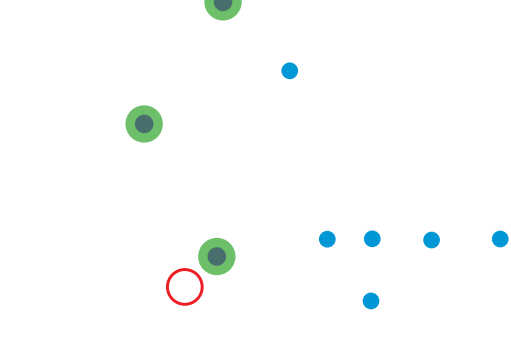
An abstract graphic design featuring a variety of colorful circles (red, blue, green, yellow, purple, black) and lines of different colors and thicknesses (grey, orange, black) scattered across the page. Some circles are solid, while others are hollow. The lines are mostly horizontal and vertical, with some diagonal ones. The overall composition is dynamic and modern.

INTRODUÇÃO

O metropolitano, conhecido entre nós como metrô, em Portugal como metro, e em outros países com várias denominações, entre elas *subway* e *underground*, é um sistema de transporte urbano de massa operado por trens elétricos que circulam numa rede exclusiva, geralmente subterrânea, mas que, em alguns trechos, sobe à superfície.

O primeiro metrô circulou em 1863, em Londres. Os vagões eram tracionados por locomotivas a vapor, que apresentavam o inconveniente da fumaça nos túneis sob a cidade. Com a eletrificação das linhas, em 1890, o meio de transporte ganhou novo impulso. O sistema de transporte foi adotado por dezenas de metrópoles de tal forma que atualmente existem cerca de 150 redes de metrô espalhadas nos cinco continentes. A de Xangai é a de maior extensão (420 km), seguida de perto pela de Nova York (418); a de Londres é a terceira mais extensa.

A primeira viagem do Metrô de São Paulo ocorreu em 1972 entre as estações Jabaquara e Saúde. Dois anos depois, entra em operação comercial o trecho da então Linha Norte-Sul (hoje Linha 1-Azul), ligando Jabaquara à Vila Mariana. Em 1975, os trens atingem a estação de Santana no outro lado da cidade. Quatro anos depois, é inaugurado o primeiro trecho da linha Leste-Oeste (hoje Linha 2-Vermelha), ligando a Sé à Estação do Brás. A expansão contínua das linhas resultou na malha atual, ampliada, em 2010, com o primeiro trecho da Linha 4-Amarela (Faria Lima/Paulista) que liga atualmente Butantã à Luz. Ao todo, são 64 estações que integram a malha de um sistema de transporte de massa utilizado por 4,4 milhões de pessoas por dia. Em 37 dessas estações foram instaladas obras de arte.

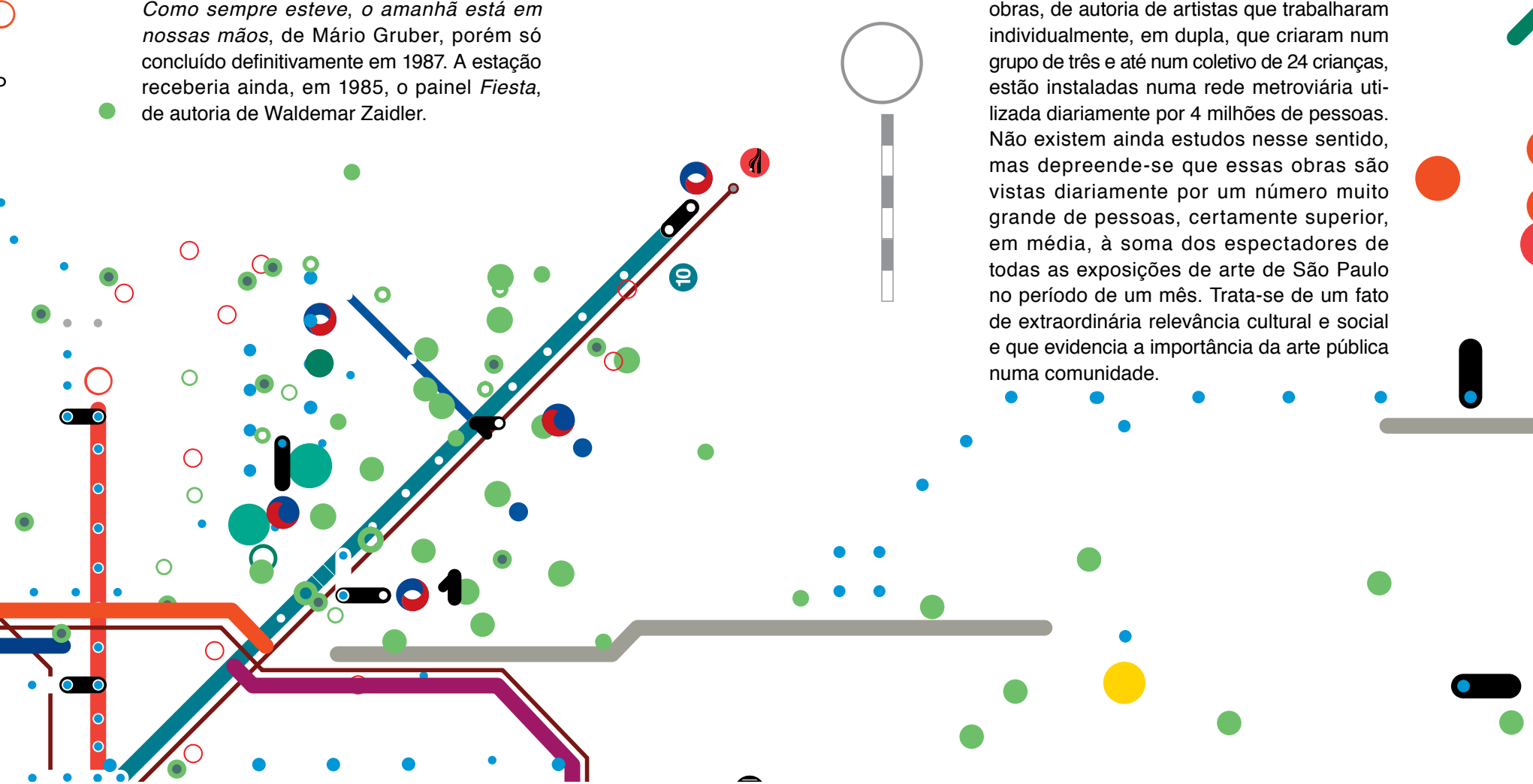


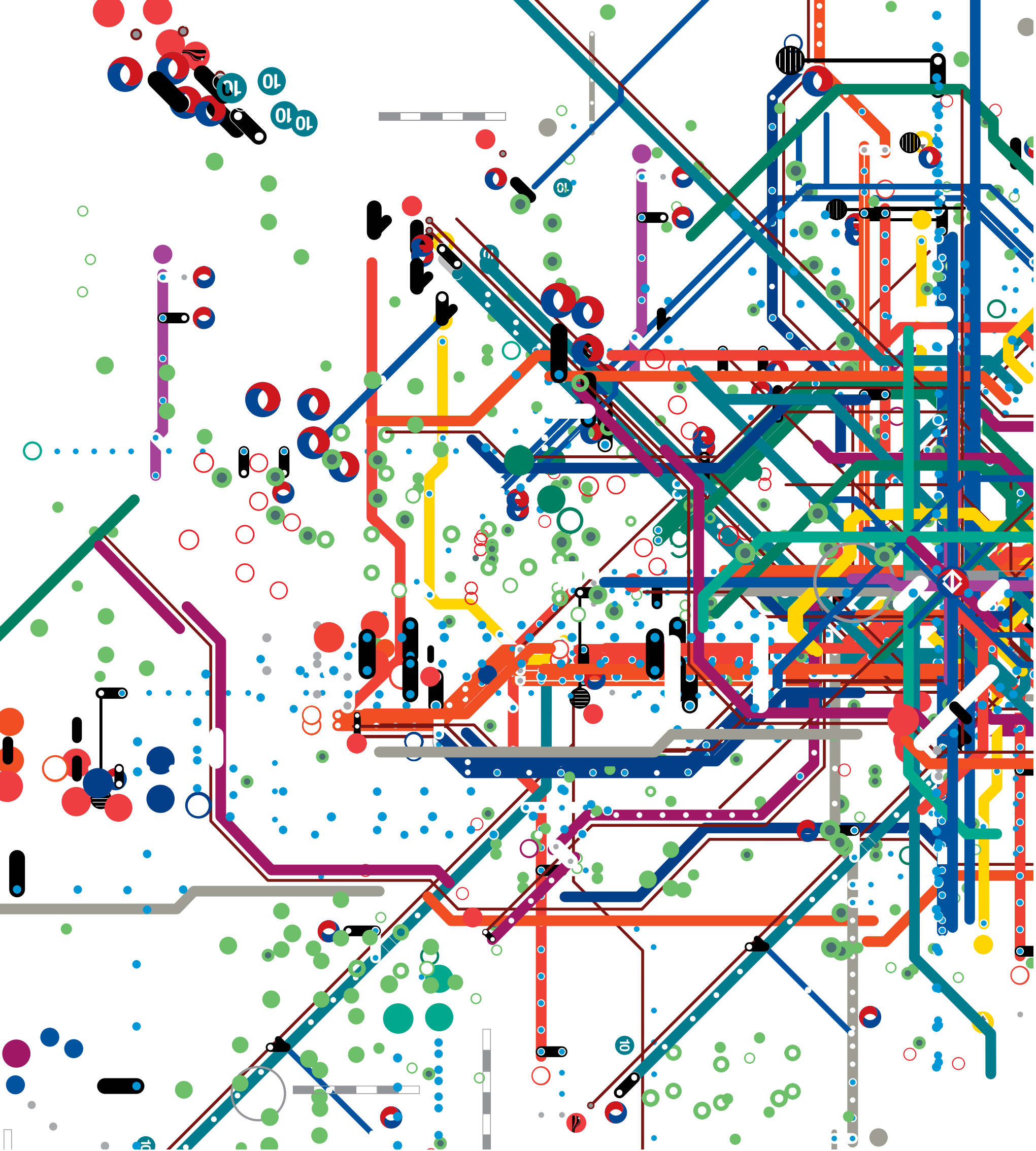
Por ocasião da reurbanização da Praça da Sé para a construção da Estação Sé do Metrô, a Prefeitura de São Paulo instalou nos jardins da nova praça uma coleção de esculturas de consagrados artistas brasileiros ou residentes no Brasil: *Condor*, de Bruno Giorgi, *Nuvem sobre a cidade*, de Nicolas Vlavianos, *Totem*, de Domenico Calabrone, *Diálogo*, de Franz Weismann, *Os pássaros*, de Felícia Leirner, *Satélite*, de Francisco Stockinger, e esculturas *Sem título* de Amílcar de Castro, Sérgio Camargo, Mário Cravo Jr. Esse fato desencadeou um debate sobre a conveniência de se instalar obras de arte nas estações do Metrô de São Paulo, a exemplo do que ocorre em metrôs de outros países. A ideia prevaleceu e, assim, nos anos 1978/79, foram instaladas na Estação da Sé as primeiras obras: a escultura *Garatuja*, de Marcelo Nitsche, um mural em acrílica sobre concreto de Renina Katz, um mural em pastilhas de vidro de Cláudio Tozzi e uma escultura de autoria de Alfredo Ceschiatti. Também nesse período foi iniciado o mural *Como sempre esteve, o amanhã está em nossas mãos*, de Mário Gruber, porém só concluído definitivamente em 1987. A estação receberia ainda, em 1985, o painel *Fiesta*, de autoria de Waldemar Zaidler.

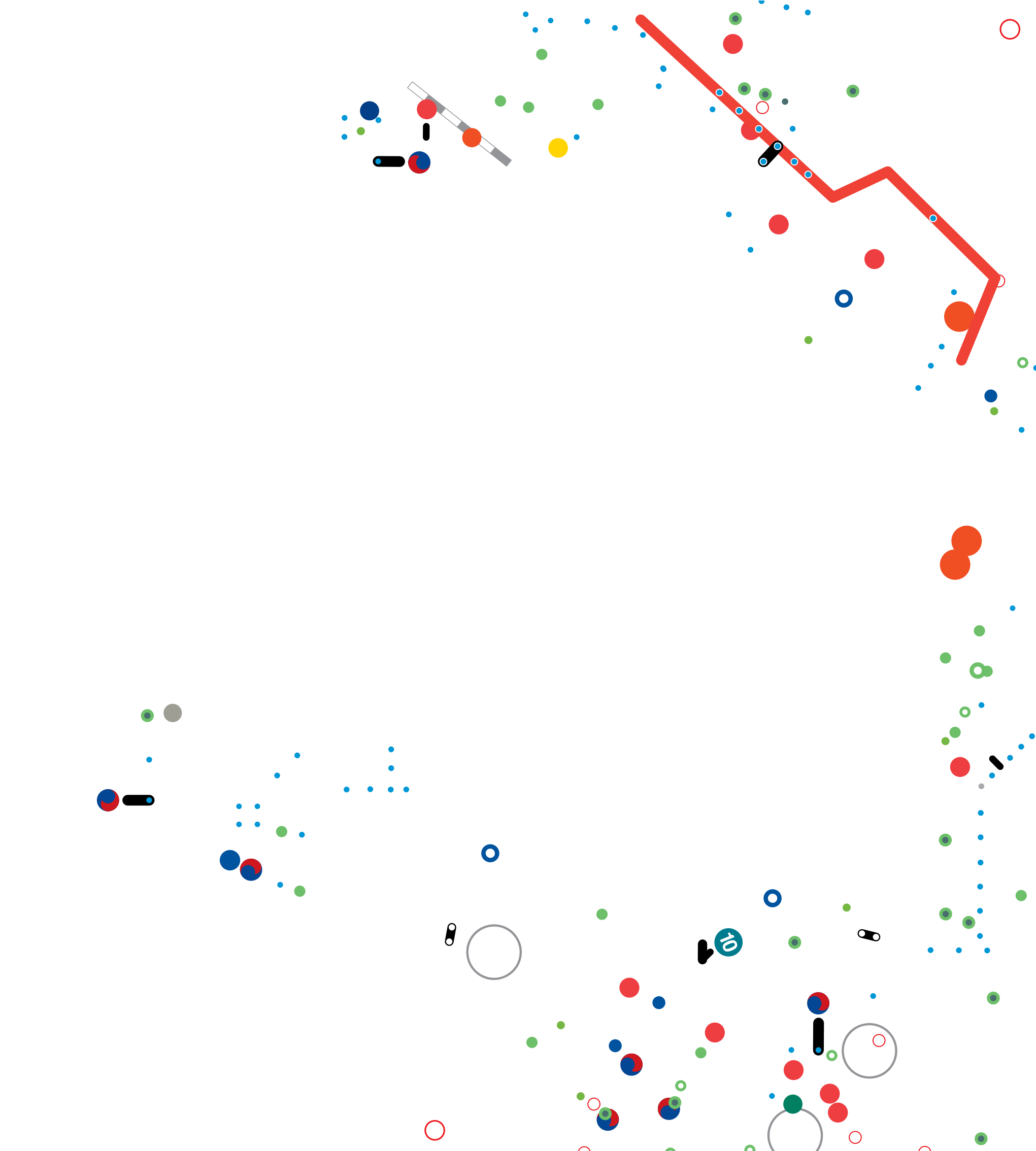
A política de incluir obras de arte nos mezaninos, corredores e plataformas do Metrô, objetivando uma melhoria de qualidade a seus usuários foi se consolidando e se instituiu uma Comissão Consultiva de Arte, formada por representantes de instituições ligadas à arte e à cultura – tanto públicas como privadas – e por integrantes da Companhia do Metrô de São Paulo para a análise e aprovação dos projetos artísticos apresentados para ocupação de espaços disponíveis nas estações. A partir de abril de 2012, o Metrô inclui em seu site um regulamento que tem como objetivo divulgar os espaços com vocação para a instalação de obras de arte nas estações em fase de projeto, para a convocação de interessados em encaminhar propostas de obras de arte para comporem o acervo de arte permanente da Companhia. As obras de arte são encaradas como uma forma de interação positiva com uma arquitetura de qualidade das estações, reconhecida pela V Bienal Internacional de Arquitetura de Buenos Aires.

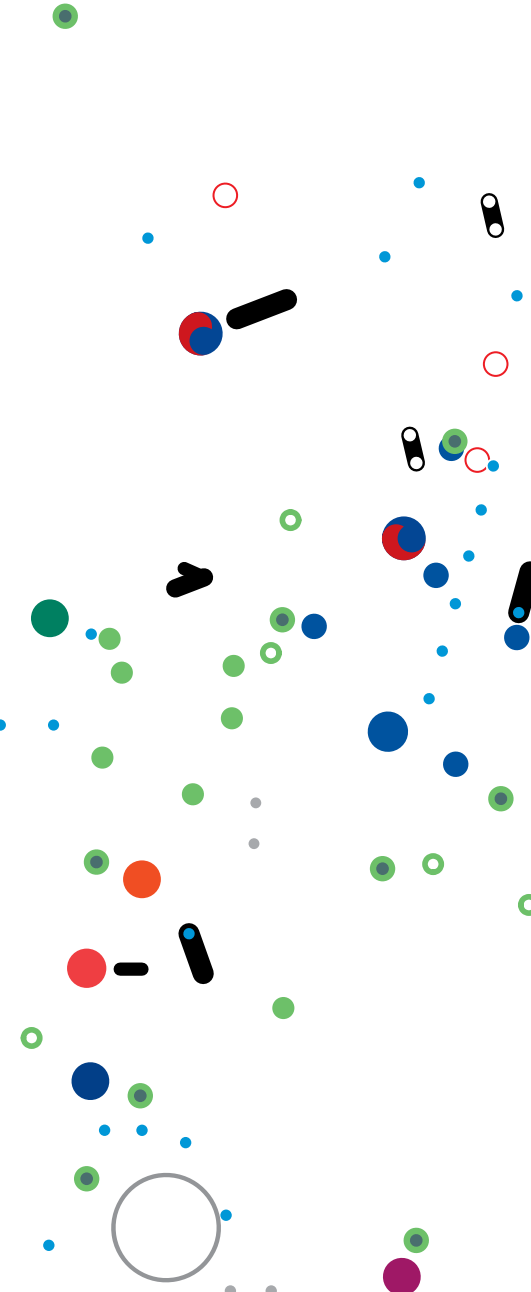
Para Radha Abramo, que durante anos foi uma espécie de curadora do projeto *Arte no Metrô*, a disponibilização de obras de arte para milhares de usuários do metrô resgata o sonho utópico do intelectual inglês John Ruskin de levar a arte até o povo, em função de seu inegável potencial educador. Entende Radha que o homem moderno é caracterizado pela percepção fragmentada das coisas e que essa fragmentação tem suas origens na aceleração da vida. E acrescenta que, normalmente “o fruidor não para diante do painel do metrô; movimentando-se no percurso convencional que o leva ao trem, vai acumulando formas, cores e linhas que depois se arranjam mentalmente em correspondência com a obra vista. Com essa atitude, ele soma ao anterior prazer de admirar concretamente a obra, o prazer maior de recriá-la abstratamente na memória”.

As 91 obras atualmente instaladas em 37 estações do Metrô de São Paulo, algumas múltiplas, constituídas por dezenas de outras obras, de autoria de artistas que trabalharam individualmente, em dupla, que criaram num grupo de três e até num coletivo de 24 crianças, estão instaladas numa rede metroviária utilizada diariamente por 4 milhões de pessoas. Não existem ainda estudos nesse sentido, mas depreende-se que essas obras são vistas diariamente por um número muito grande de pessoas, certamente superior, em média, à soma dos espectadores de todas as exposições de arte de São Paulo no período de um mês. Trata-se de um fato de extraordinária relevância cultural e social e que evidencia a importância da arte pública numa comunidade.

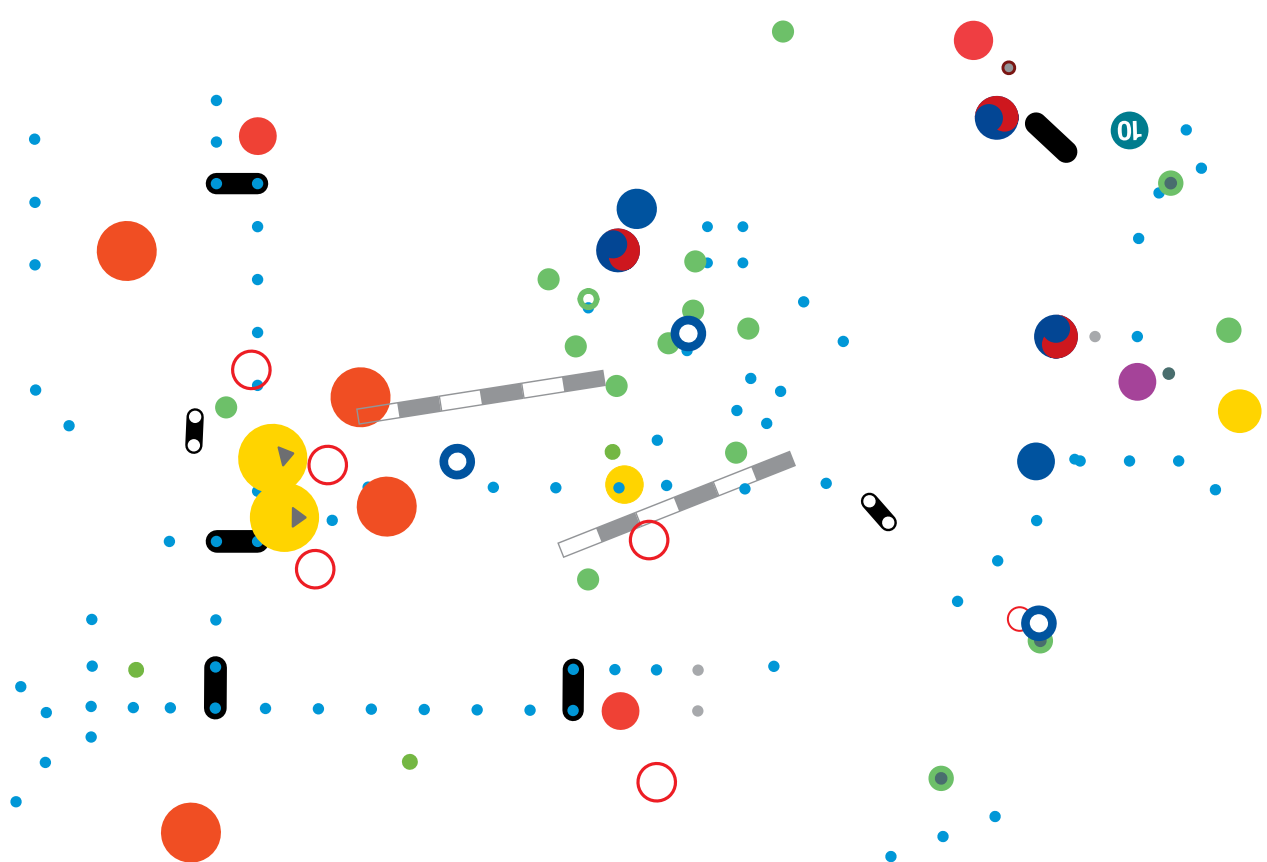








Acervo Artístico do Metrô de São Paulo



Título

Sem Título (Série Orgânica)

Gênero

Escultura

Técnica

Cerâmica de alta temperatura

Dimensões

0,81 m x 0,79 m x 1,22 m

Data

2002

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Tiradentes, mezanino



AKINORI NAKATANI



Akinori Nakatani (Osaka, Japão, 1943) diplomou-se em Educação Artística na Faculdade Pedagógica da Universidade de Kyoto (1966), estudando em seguida com Mitsuo Kanno. Em 1974, imigra para o Brasil. Antes porém, juntamente com outros voluntários japoneses, dirige-se a El Salvador com o objetivo de ensinar a arte da cerâmica e, em seguida, faz um périplo por vários países da América do Sul e da América Central para estudar a cerâmica desenvolvida por incas, maias e astecas. Em 1975, monta seu primeiro ateliê de cerâmica em São Simão, interior de São Paulo, transferindo-o, no ano seguinte, para Ibiúna. Em 1978, atraído pela exuberância da mata atlântica, instala-se na região rural de Mogi das Cruzes.

A Casa da Cerâmica Nakatani, na qual ele reside e trabalha, fica localizada no quilômetro 14 da Estrada Mogi–Salesópolis, bairro Capixinga, em Mogi das Cruzes. Ali, Nakatani tem fornos a gás e noborigama, sendo que neste a temperatura chega, durante a queima das peças, a 1.280 graus centígrados. Ali ele trabalha juntamente com a mulher Mary, as filhas Selene Miha e Higussa, e o filho Yuuki. Em Mogi, desenvolve pesquisas no sentido de incorporar ao processo de seu trabalho matérias-primas brasileiras. Produz uma ampla gama de cerâmicas, que vão desde peças utilitárias tais como pratos, tigelas, xícaras, até esculturas, passando por objetos de decoração, miniaturas de animais e peças de adorno. Perfeitamente integrado à comunidade, Nakatani criou em Mogi das Cruzes, em 1996, a Associação Casarão do Chá para preservar o marco histórico da imigração japonesa na região, construído mediante encaixes de madeira, sem a utilização de um único prego.

Akinori Nakatani desenvolveu uma sólida reputação como ceramista. Participou de importantes exposições coletivas, conquistou a Medalha Presidente da República no Concurso Internacional de Cerâmica de Arte, em Faenza, Itália (1980) e o prêmio de Melhor Ceramista de 1988 da Associação Paulista de Críticos de Arte. Realizou cerca de 20 exposições individuais, entre elas a minirretrospectiva *Uma expressão entre duas culturas*, em estações do Metrô de São Paulo, em 2008/2011. Sua obra está representada nos acervos do Masp, da Pinacoteca do Estado de São Paulo, do Museu de Arte Cerâmica de Fukui e do município de Miyazakimura, Japão; do Museu Alfredo Andersen, Curitiba; do Museu de Arte Ponce, Porto Rico e do Metrô de São Paulo.

No início dos anos 1980, Akinori Nakatani procurou o Metrô com a finalidade de apresentar projeto de instalação de uma cerâmica de sua autoria numa das estações da empresa. Sua obra, uma escultura realizada dentro da série orgânica que notabilizou o artista junto à crítica e ao público, foi analisada pela Comissão Consultiva de Arte e aprovada. Está exposta na Estação Tiradentes, no bairro do Bom Retiro, região central da cidade.





ALBERTO NICOLAU



Alberto Nicolau (Belém, PA, 1961), pintor, desenhista, muralista e músico, iniciou seus estudos de pintura na capital paraense aos dez anos de idade, com Benedicto Mello, em cujo ateliê permaneceu 5 anos. Paralelamente, estuda piano em Belém. Em 1980, com o objetivo de continuar seus estudos de música clássica, transfere-se para Paris, ingressando na École Normale Supérieure de Musique. Em 1985, todavia, sua vocação para as artes visuais volta a manifestar-se e ele retoma os estudos de pintura na Académie de la Grande Chaumière. Durante 15 anos, recebe orientação de desenho e pintura de Henrique Ahil, na capital francesa.

Começa a expor seu trabalho na segunda metade dos anos 1980 em exposições individuais na Realidade Galeria de Arte, Rio de Janeiro (1987) e Fundação Rômulo Majorana, Belém (1988). A partir dos anos 1990, realiza exposições solo na Casta Diva, no Marais, Paris (1991), na Votre Galeria de Arte (1992 - 2005) e na Villa Riso (2000), Rio de Janeiro; Galeria Paulo Vasconcelos (1991), Atracção Escritório de Arte (1991-93), Dan Galeria (1996) e Mônica Filgueiras (2005), São Paulo; na Gallery 32, Embaixada do Brasil, Londres (2003). Paralelamente, participa de coletivas no Brasil e no exterior, entre elas no Espace des Blancs Manteaux, em Paris (1997-2006), no Salon d'Automne (1997) e no Museu Municipal de Mokpo, na Coreia do Sul. Em 1997 lhe é atribuída a *Medaille de la Ville de Paris*.

Por ocasião da construção da Estação Sacomã do Metrô, uma grande árvore da espécie jequitibá-rosa que existia no local foi transplantada para a Praça Padre Lourenço Barendse, localizada em Vila Prudente, próxima à estação. O fato foi o ponto de partida para que Alberto Nicolau criasse para a Estação Sacomã uma “árvore subterrânea”, com fragmentos cerâmicos. Registre-se que o nome do bairro deriva da família francesa Saccoman, que manteve na região, no século XIX, uma fábrica de cerâmica, pioneira em São Paulo na produção de telhas Marselha.

Alberto Nicolau criou para a estação Sacomã do Metrô de São Paulo um mural em mosaico com fragmentos cerâmicos de 113 metros quadrados. “Fiquei muito feliz em participar do projeto Arte no Metrô com um mural permanente na Estação Sacomã”, afirma o artista. E prossegue: “Sempre gostei de pintar a natureza e ter criado uma grande árvore subterrânea reaproveitando resíduos cerâmicos foi bem gratificante, principalmente neste momento em que se discute a sustentabilidade do nosso planeta. Interessante observar esta vocação ambiental natural que o Metrô tem. Por onde passa, recupera áreas, oferece transporte a muita gente e ainda por cima qualifica o espaço público urbano com arte!”

Título

Árvore Subterrânea

Gênero

Mural

Técnica

Mosaico com fragmentos cerâmicos

Dimensões

112 m²

Data

2010

Localização

Linha 2 - Verde, Estação Sacomã, extremidade da plataforma, sentido Vila Prudente





ALDEMIR MARTINS



Aldemir Martins (Ingazeiras, CE, 1922 – São Paulo, SP, 2005) mostrou habilidade para o desenho desde cedo. Quando tinha 11 anos de idade, sua família muda-se para Fortaleza. Aos 12, ingressa no Colégio Militar, no qual torna-se monitor de desenho de sua classe. Ao servir no Exército, desenha o mapa aerofotogramétrico da capital do Ceará. Após vencer concurso nas oficinas de material bélico, é promovido a cabo pintor. Com 20 anos de idade, funda, juntamente com Mário Barata, Antonio Bandeira e outros, o Grupo Artys da Sociedade Cearense de Artistas Plásticos, responsável pela renovação do ambiente artístico cearense.

Em 1945, Aldemir muda-se para o Rio de Janeiro e, no ano seguinte, para São Paulo, onde realiza sua primeira exposição individual, no Instituto dos Arquitetos do Brasil (1946). Em 1947, integra a exposição *19 Pintores*, na Galeria Prestes Maia, que marca a emergência de um novo grupo de artistas. A partir de então, intensifica sua participação no movimento artístico. Participa da I Bienal Internacional de São Paulo (1951) com desenhos que já denotam linguagem gráfica pessoal e temática centrada no Brasil, com os quais conquista o Prêmio Olívia Guedes Penteadado. Participa da II Bienal obtendo o Prêmio Nadir Figueiredo (1953), e da III Bienal, na qual recebe o destaque de Melhor Desenhista Nacional (1955). No ano seguinte, Aldemir conquistaria a maior láurea de sua carreira, o Prêmio Internacional de Desenho da Bienal de Veneza por conjunto de obra. Ele tinha então 34 anos de idade e, com o prêmio quebrava dois recordes: antes dele nenhum sul-americano o havia conquistado e nenhum artista de sua idade de qualquer país fora anteriormente distinguido com ele. Esses prêmios pavimentaram um caminho largo que fizeram de Aldemir um dos mais conhecidos artistas brasileiros. Esse conhecimento foi favorecido pela publicação de trabalhos de sua autoria em embalagens diversas, capas de discos, de livros, serviços de cama, mesa e banho, tecidos para vestuário e até em abertura de novelas.

Obras de Aldemir estão presentes nos acervos de praticamente todos os museus brasileiros e em muitos do exterior. Desenhista e pintor prolífico, está também em inúmeras coleções particulares.

Para a Estação Tatuapé do Metrô ele criou um mural em cerâmica vitrificada de quase 25 metros de largura, no qual enfoca as inter-relações entre a cidade e o campo e, de maneira mais ampla, entre a natureza e a civilização. Sentindo de perto a problemática dos deslocamentos humanos, das migrações, Aldemir produziu este mural para uma cidade que recebeu grandes contingentes humanos provenientes do Nordeste brasileiro em função de secas frequentes e da falta de estrutura econômica, política e social em determinadas regiões nordestinas e, paralelamente, ao progresso verificado na Região Sudeste, a partir dos anos 1950, em função do processo de industrialização. Esses fluxos humanos ainda existem, mas diminuíram sensivelmente em decorrência de programas desenvolvimentistas regionais e à superpopulação de grandes cidades do Sudeste, o que tornou a vida dos imigrantes muito difícil nesses “eldorados” sonhados.

Título

Inter-relação entre o Campo e a Cidade

Gênero

Mural

Técnica

Cerâmica vitrificada e pintada, de alta temperatura

Dimensões

2,9 m x 24,8 m

Data

1993

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Tatuapé, mezanino



**Título**

Estação Sumaré

Gênero

Instalação

Técnica

Fotografias ensolarizadas e textos impressos com tinta vinílica sobre vidro

Dimensões

44 peças de 1,75 m x 1,25 m cada

Data

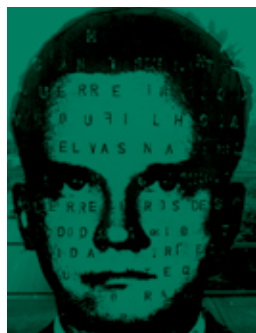
1998

Localização

Linha 2 - Verde, Estação Santuário Nossa Senhora de Fátima – Sumaré, plataformas



ALEX FLEMMING



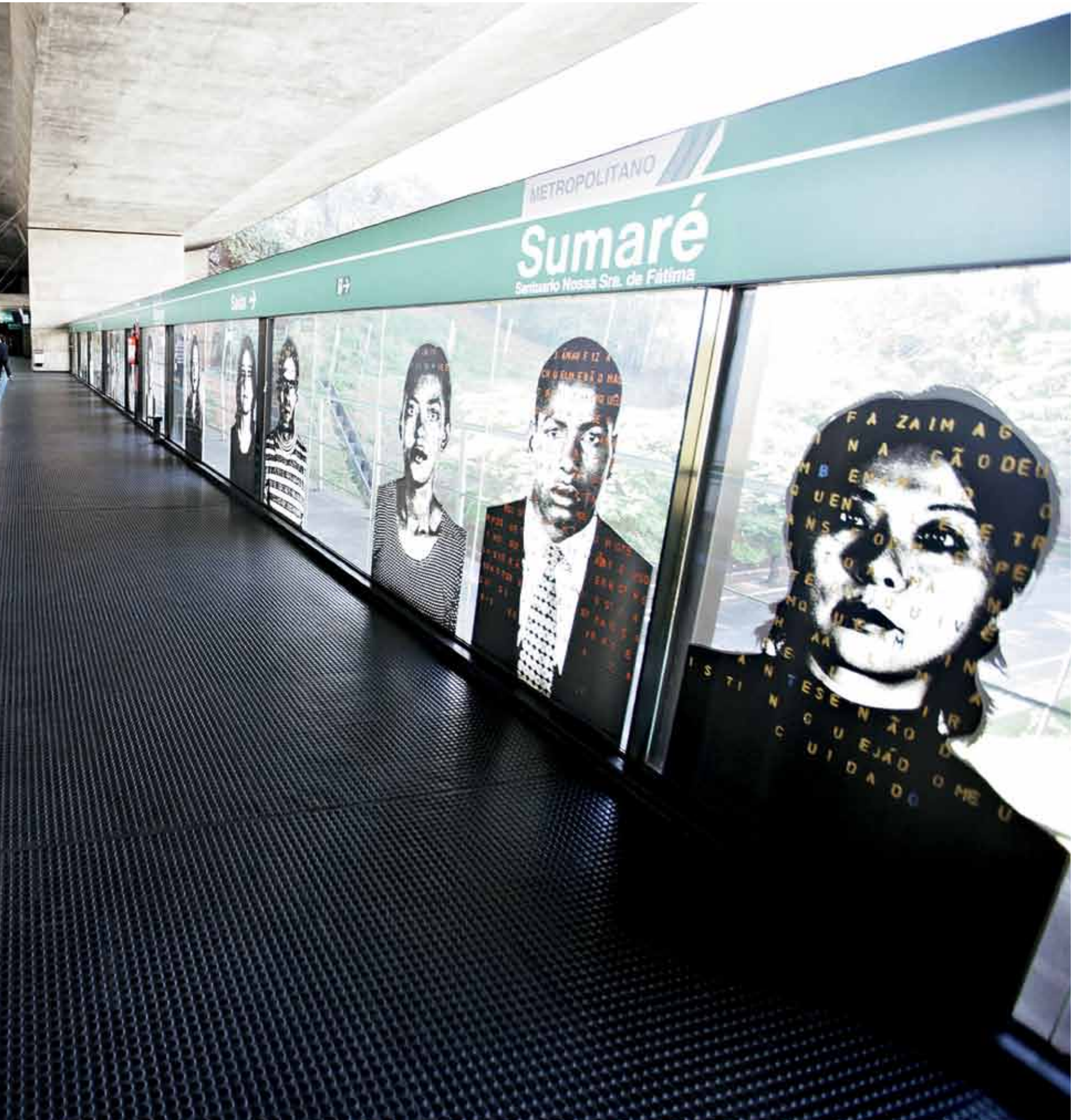
Os pais de Alex Flemming (São Paulo, 1954), o aviador Ary Flemming, natural de Canoinhas, SC, de ascendência alemã e Maria Adelaide de Almeida Prado, planejavam para o filho a carreira diplomática, mas Alex acaba transformando-se em artista plástico, depois de estudar Economia, Arquitetura e Cinema. Em 1981, com bolsa da Fulbright Foundation, viaja para Nova York, onde desenvolve, até 1983, projeto de arte no Pratt Institute Manhattan. Nesse período participa duas vezes da Bienal Internacional de São Paulo. Em 1991, transfere-se para Berlim, onde reside e trabalha até o presente, sem perder contato com o Brasil.

Foram lançados até o presente três livros sobre sua vida e obra: *Alex Flemming*, pela Edusp, organizado pela arte-educadora Ana Mae Barbosa, com textos de vários autores, *Flemming, uma Poética...*, de autoria de Kátia Canton, pela Metalivros e *Alex Flemming - Arte e História*, de Roseli Ventrella e Valéria de Souza, pela Editora Moderna. Atualmente, Alex Flemming é um dos artistas brasileiros mais conhecidos na Europa, sobretudo na Alemanha e em Portugal, onde é representado por importantes galerias.

A obra mais conhecida de Alex Flemming é uma instalação realizada em 1989 na então Estação Sumaré do Metrô de São Paulo, que posteriormente incorporou o nome de Santuário Nossa Senhora de Fátima, constituída por 44 retratos em alto-contraste, impressos sobre vidro, enfileirados, 22 numa plataforma e 22 na outra, contendo vinte e dois poemas de autores brasileiros, grafados livremente em preto, negativo ou em cores, às vezes borradas, sem alinhamento e sem se preocupar com separação silábica. A utilização de palavras impressas sobre suportes diversos, tais como poltronas, é um dos traços mais característicos do processo criativo do artista.

As vinte e duas imagens, todas frontais, do tipo fotos para RGs ou passaportes, remetem à questão da identidade e, ao mesmo tempo, da alteridade, ou seja, do respeito pelo outro, pela diferença. As imagens, solarizadas, praticamente desprovidas de áreas cinzentas se destacam por fortes contrastes de luz e sombra. Na produção da obra, o artista considerou tanto o efeito da luz natural do dia como da luz artificial da noite sobre os vidros impressos tendo-se em vista uma boa visualização. Os diversos elementos agenciados por Alex Flemming na criação da obra, entre eles o contraponto das imagens artificiais e da paisagem natural da Avenida Sumaré que se descortina através do vidro, resultaram não apenas numa instalação fotográfica de sólido impacto visual como também num consistente discurso político sob forma plástica.





**Título**

Sem Título

Gênero

Escultura

Técnica

Bronze

Dimensões

1,27 m x 3,05 m x 1 m

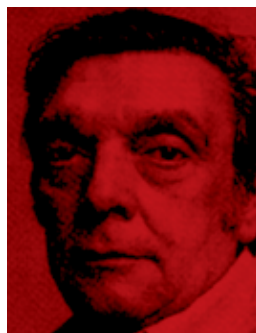
Data

1978

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Sé, mezanino central

ALFREDO CESCHIATTI



Alfredo Ceschiatti (Belo Horizonte, MG, 1918 – Rio de Janeiro, RJ, 1989), escultor e professor, depois de uma viagem à Itália, ingressa, em 1940, na Escola Nacional de Belas Artes – ENBA, no Rio de Janeiro, onde estuda escultura com Corrêa Lima. Juntamente com Bruno Giorgi e José Pedrosa, trabalha num ateliê instalado na Biblioteca Nacional. Próximo do arquiteto Oscar Niemeyer, é por este convocado várias vezes para a criação de esculturas a serem integradas ao espaço arquitetônico de seus projetos. A primeira delas é uma encomenda, feita em 1944, de um baixo-relevo do batistério da Igreja de São Francisco de Assis, na Pampulha, em Belo Horizonte. Com esse trabalho Ceschiatti conquista, no ano seguinte, o Prêmio de Viagem ao Exterior do Salão Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Viaja para a Europa, onde permanece de 1946 a 1948, entrando em contato com a obra de diversos escultores, entre eles Aristide Maillol.

Ceschiatti, que já participara de três versões do Salão Nacional de Belas Artes, realiza, em 1948, sua primeira exposição individual no espaço cultural do Instituto dos Arquitetos do Brasil – IAB, no Rio de Janeiro. Artista muito voltado para o trabalho de ateliê, não participou de muitas exposições coletivas em sua vida. Mas entre elas figuram a Bienal Internacional de São Paulo (1953 e 1955), o Panorama da Arte Atual Brasileira, no MAM/SP (1972 e 1975), *Um Século de Escultura no Brasil*, Masp (1982); *A Nova Flor do Abacate*, Grupo Guignard, 1943, Galeria do Banerj, Rio de Janeiro. Além da primeira individual, no IAB, expôs nos jardins da residência de Oscar Niemeyer, no Rio de Janeiro (1956), no MAM/SP (1976) e na Ana Maria Niemeyer, no Rio de Janeiro (1981). No início dos anos 1960, leciona desenho e escultura na Universidade de Brasília.

Alfredo Ceschiatti tem várias esculturas de sua autoria em espaços públicos brasileiros, sobretudo em Brasília, onde se encontram *As banhistas*, no Palácio da Alvorada, *A Justiça*, no Supremo Tribunal Federal, *Os Anjos e os Evangelistas*, na Catedral Metropolitana, *As Gêmeas*, no Palácio Itamaraty, *Anjo*, na Câmara dos Deputados e *A contorcionista*, no Teatro Nacional Cláudio Santoro. No Parque do Flamengo, Rio de Janeiro, está *As três forças armadas*; nos jardins do Museu de Arte da Pampulha, em Belo Horizonte, *O abraço*; no foyer do Auditório Simon Bolívar, no Memorial da América Latina, em São Paulo, está *A pomba* e no mezanino da Estação Sé do Metrô, uma mulher reclinada. Essa escultura em bronze apresenta as características do artista mineiro: as formas sintéticas, elegantes e harmoniosas. Sobre ele, afirmou Niemeyer: “Como dois bons amigos, vamos caminhando pela vida. Eu, absorvido pela arquitetura, inventando formas, brincando com o concreto armado; ele, a fazer suas esculturas. Essas mulheres lindas, barrocas, cheias de curvas. Como gosto de vê-las!”. A escultura da Estação da Sé é uma dessas mulheres.

Título

Caleidoscópico

Gênero

Instalação

Técnica

Aço inoxidável, verniz poliuretano e corantes

Dimensões

25 peças de 2,1 m x 1,25 m x 0,4 m

Data

1999

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Brás, mezanino



AMÉLIA TOLEDO



Amélia Toledo (São Paulo, SP, 1926), pintora, escultora, designer e instaladora, recebeu orientação artística de Anita Malfatti, no final dos anos 1930. No início da década de 1940, estuda desenho, pintura e modelagem com Takaoka frequentando, em seguida, o ateliê de Waldemar da Costa. Nesse período, trabalhou como desenhista projetista no escritório do arquiteto Villanova Artigas. Em 1958-59, como bolsista do governo brasileiro, Amélia Toledo estudou na London Country Council Central School of Arts and Crafts, ocasião em que realizou seus primeiros livros-objetos. De volta ao Brasil, estuda gravura, trabalha na criação de joias, torna-se mestra pela Universidade de Brasília, na qual ministra cursos e desenvolve outras atividades (1962-64). A docência lhe atrai e ela atua, na sequência, como professora na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, Portugal (1966-67), na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, São Paulo (1967-68), na Escola Superior de Desenho Industrial do Rio de Janeiro – ESDI (1969) e na Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP, em São Paulo (1973-74).

Amélia Toledo é atraída pelas formas geométricas, pela tridimensionalidade e pelo espaço arquitetônico. Nos anos 1970, aproxima-se da natureza na medida em que recolhe pedras, conchas e outros materiais e com eles produz obras de arte mediante arranjos e intervenções parcimoniosas. Para ela, “em seu silêncio mineral e milenar, a pedra é o testemunho mudo e expressivo das eras passadas”, “imagem de solidão e plena maturidade”. Com elas cria todo um universo de formas, cores e texturas em ambientes abertos ou fechados. Interessa-se também por produtos metálicos, sobretudo módulos em aço com os quais cria conjuntos escultóricos.

Além dessas peças tridimensionais, Amélia Toledo trabalha também com resina acrílica e pigmentos sobre linho ou juta e aquarela sobre papel criando obras bidimensionais quase sempre monocromáticas com pinceladas mais escuras ou mais claras que estabelecem entre si um diálogo pulsante

e uma vibração luminosa. Também integram seu repertório criativo, joias, obras cinéticas, obras lúdicas, interativas, discos tácteis, impressões digitais. Suas obras têm sido mostradas em importantes exposições coletivas e individuais no Brasil e no exterior.

Amélia Toledo tem várias obras em locais públicos, entre elas o projeto cromático do complexo viário *Cebolinha*, na Avenida 23 de Maio, ao lado do Parque Ibirapuera, em São Paulo, o *Parque das Cores do Escuro*, formado por vários tipos de pedras dispostas nas proximidades, uma obra de grandes dimensões que está se expandindo para outras partes da cidade. Amélia fez também, por intermédio da sua empresa *Tria*, em 1999, o projeto cromático e de acabamento de toda a Estação Arcoverde do Metrô do Rio de Janeiro e, no ano seguinte, a obra *Caleidoscópio*, para a Estação Brás do Metrô de São Paulo, constituída por placas de aço inoxidável curvadas, polidas ou pintadas de azul e violeta formando um conjunto escultórico de forte presença no local.





**Título**

Figuras Entrelaçadas

Gênero

Escultura

Técnica

Cerâmica de alta temperatura

Dimensões

1,72 m x 0,65 m x 0,4 m

Data

1990

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Pedro II, mezanino

ANTONIO CORDEIRO



Antonio Cordeiro (Guaxupé, MG, 1949 – Caraguatatuba, SP, 1991) foi artesão e ceramista. Iniciou sua carreira como artesão no início dos anos 1970, trabalhando com couro, metal e madeira.

Participou, em 1975, da criação do núcleo pioneiro de cerâmica de alta temperatura no antigo Matadouro de Cunha, SP, juntamente com Alberto Cidraes, Toshiyuki Ukeseki, Mieko Ukeseki, Rubi Imanishi e seu irmão Vicente Cordeiro (Vicco). No ano seguinte, trabalhou com Vicco em seu ateliê de Teresópolis, RJ. Em 1977, Toninho montou seu primeiro forno noborigama em Miguel Pereira, RJ e, em 1983, um outro em Caraguatatuba, onde trabalhou os últimos 8 anos de sua vida.

Cordeiro começou a expor sua obra em 1974, ao participar de uma exposição coletiva na agência de publicidade Thompson, em São Paulo. Em 1987, aproxima-se do *Projeto Arte Litoral Norte* criado por Antonio Carelli e Sandra Mendes, em Caraguatatuba, passando a integrar as mostras de cerâmica contemporânea do grupo. Participa, assim das versões 2, 5, 6, 7 e 8 do projeto, as duas primeiras promovidas pela Secretaria de Turismo de Caraguatatuba em 1987 e 1988. Em 1989, a mostra é realizada no Sobradão do Porto, Fundart, de Ubatuba e em Cachoeira Paulista; no ano seguinte ela acontece em São Paulo, na Galeria Sadalla. Antonio Cordeiro participou ainda da quarta versão da Mostra Aberta de Cerâmica Arte, no MIS (1988) e da quinta, no Museu de Arte Brasileira da FAAP (1989), em São Paulo. Suas últimas participações ocorreram em coletivas na Fundart, Ubatuba, e no Centro Cultural de Caraguatatuba, em 1991, ano em que faleceu devido a um acidente de moto.

Cordeiro tem duas obras públicas em Caraguatatuba: um mural de 9 metros quadrados na Câmara Municipal da cidade, cuja criação ele dividiu com Antonio Carelli e Sandra Mendes, e uma escultura em frente ao Museu de Arte Contemporânea de Caraguatatuba - Macc. Em 1992 foi-lhe prestada uma

homenagem póstuma no Museu de Arte de São Paulo, onde esteve exposta sua escultura *Figuras Entrelaçadas*, que saiu do Masp, doada por sua família, diretamente para a Estação D. Pedro II do Metrô de São Paulo. Na ocasião, o escritor Flávio Girão Carvalho, afirmou textualmente sobre o artista que partiu prematuramente: “Antonio Cordeiro é a saga do homem tocado pela paixão. Joga-se inteiro como hippie, artesão, operário do fazer ceramista. Desconhece a prudência do meio-termo, a precaução do resguardo. A terra, a água, o ar e o fogo, sua alquimia, sua febre, sua ternura, seu deslumbre. Ao amassar o barro, amalgama-se à argila, ao tocá-lo, torneia-se; ao queimá-lo, arde-se na matéria-prima. Todas as suas vidas sangram-se na revelação da forma, textura e cor, sonho tecido de sonhos. Nessa voragem se incorpora no brusco lance final, holocausto, linguagem do inatingível”.



ANTONIO PETICOV



Antonio Peticov (Assis, SP, 1946) é desenhista, pintor, escultor e instalador. Começou a expor em meados dos anos 1960. Em 1968 inicia pesquisas sobre pintura mural e, no ano seguinte, sobre a luz. Em 1970, depois de participar da Bienal Internacional de São Paulo, Peticov transfere-se para a Europa, residindo em Londres e Milão. Participa de numerosas exposições coletivas e realiza individuais em vários países, entre eles a Inglaterra, Itália, Suíça, Alemanha, Bélgica, França, Bulgária, Estados Unidos, Chile e Uruguai. Seu trabalho utiliza, não raro, conceitos científicos relacionados ao espectro luminoso.

No início dos anos 1980, Peticov faz instalações nos Estados Unidos, entre elas *Bali Ballet*, obra permanente, em Cloudwalk Farm, Conecticut e *The Big Ladder*, para a New York Art Expo. Em 1989 desenvolve o *Projeto Natura – Rio Pinheiros* na 20ª Bienal Internacional de São Paulo, que envolve a plantação de várias espécies de árvores ao longo do Rio Pinheiros, em São Paulo e, em 1992, o *Projeto Bosque Natura*, para a Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, no Rio de Janeiro.

Em setembro de 1989, Peticov é contatado por representante do Metrô de São Paulo com vistas à execução de uma obra de arte para uma de suas estações. Na mesma época é convidado pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo para criar uma obra alusiva ao centenário de nascimento do escritor Oswald de Andrade. Conciliando os dois pedidos, criou o *Momento Antropofágico com Oswald de Andrade*. Explica o artista: “Depois de percorrer vários espaços, encontrei na Estação República as condições ideais para colocar em prática conceitos de correção de perspectiva. As pessoas que passam pelo local têm uma visão oblíqua da parede, o que cria condições para a instalação de anamorfoses”. E prossegue:

“Baseado em três livros em *fac-símile* que tenho em minha biblioteca – *O Perfeito Cozinheiro das Almas desse Mundo*, *Manifesto Antropofágico* e *O Homem do Povo* –, desenvolvi um trabalho com materiais duráveis e resistentes a vandalismos, ou seja, cimento, aço e ladrilhos cerâmicos.

A quase totalidade do mural é ocupada pelos rostos distorcidos do casal que ilustra a propaganda do Café Paraventi, patrocinador do jornal *O Homem do Povo*; esses rostos são reconstruídos a partir da visão oblíqua de quem dele se aproxima por uma de suas extremidades. Na base do mural estão duas composições em ladrilhos antropomórficos retratando o passarinho desenhado por Ferrignac, na página 130 do livro *O Perfeito Cozinheiro das Almas desse Mundo*. Na parte superior, dois frisos de ladrilhos triangulares reproduzem a tela-símbolo do *Manifesto Antropofágico*, o *Abaporu*, de Tarsila do Amaral. Como que separando as duas faces distorcidas do casal, um cilindro de aço inoxidável espelha, em sua superfície curva, o retrato de Oswald de Andrade reconstruído a partir de sua distorção pintada em um *back-light* instalado no teto da estação, reafirmando assim uma das premissas do *Manifesto Antropofágico: A transformação permanente do Tabu em Totem*. Na base desse cilindro encravei no concreto um robusto tronco de pau-brasil”.

Título

Momento Antropofágico com Oswald de Andrade

Gênero

Instalação

Técnica

Mista (azulejo, ladrilho, madeira, aço e vinil)

Dimensões

3 m x 16,5 m

Data

1990

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação República, mezanino, passagem sob a Av. Ipiranga







Título
Mitocôndria

Gênero
Mural

Técnica
Acrílica sobre concreto

Dimensões
3 m x 15 m

Data
2002

Localização
Linha 5 - Lilás, Estação Santo Amaro, mezanino

**Título**

A Conexão

Gênero

Mural

Técnica

Acrílica sobre concreto

Dimensões

3 m x 7 m

Data

2002

Localização

Linha 5 - Lilás, Estação Santo Amaro, mezanino

Título

A Passagem

Gênero

Mural

Técnica

Acrílica sobre concreto

Dimensões

3 m x 7 m

Data

2002

Localização

Linha 5 - Lilás, Estação Santo Amaro, mezanino





AYAO OKAMOTO



Ayao Okamoto (Assaí, PR, 1953) pintor, desenhista, artista gráfico, artista intermídia, professor, graduou-se em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP em 1980. Obteve o título de Mestre em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP (2002), doutorando-se em seguida pela mesma Universidade.

Simultaneamente ao trabalho de ateliê, desenvolve atividades didáticas desde 1985, quando tornou-se professor de Expressão Bidimensional (Composição) na Faculdade de Artes Plásticas da Faap, em São Paulo. Ensina Desenho e Pintura na Aliança Cultural Brasil-Japão (1996-99), Programação Visual no Departamento de Publicidade e Propaganda da Fundação Instituto Tecnológico de Osasco – FITO (2001-02) e na Faculdade de Comunicação e Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP (2002-2004). Atualmente é coordenador do curso de Design de Mídia Digital da Faculdade Impacta de Tecnologia, em São Paulo.

Ayao vem mostrando sua obra desde fins da década de 1970, quando participou da mostra *Multimídia Internacional*, na ECA/ISP. Desde então tem participado de numerosas mostras coletivas no Brasil tais como *Nipo-brasileiros Contemporâneos*, no Masp (1996); *Nipo-brasileiros no acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo* (2008), *Arte Brasil-Japão Moderno e Atual*, MAC/USP (2008), e em outros países tais como Japão, Estados Unidos, Espanha, Alemanha, México, Portugal e França. Realizou sua primeira exposição individual em 1981, na Galeria Cultura, da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, em 1982. Até o presente, contabiliza cerca de 20 individuais,

uma delas *Meditation/Integration*, na Plaza Gallery, em Tóquio, Japão.

Ao longo de sua carreira, Ayao Okamoto trabalhou com desenho, pintura, instalação, objetos, fusões conceituais, mas considera-se essencialmente um pintor. Em sua pintura utiliza-se de materiais diversos, colados na superfície da tela, grampeados, costurados em meio a tintas que escorrem, num processo que objetiva ressignificações. Para Alexandra Nakano de Almeida, as pinturas recentes de Ayao Okamoto revelam a sua “incessante experimentação como uma forma de existência”.

A pintura de Ayao Okamoto exibida ao público na Estação Liberdade do Metrô de São Paulo, realizada com tinta acrílica e papel-arroz sobre tela, é representativa da vertente abstrata da obra que ele vem realizando nas duas últimas décadas. Uma pintura em que elementos geométricos coexistem com a abstração informal, em que a tinta divide a superfície da tela com outros materiais, criando uma poética resistente a olhares apressados.

Título

Tempo I

Gênero

Pintura

Técnica

Mista (papel-arroz, acrílica, cola, lápis e verniz) sobre tela

Dimensões

1,8 m x 1,15 m

Data

1988

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Liberdade, mezanino



Título
Século XXI - Resíduos e Vestígios – Vitrine / Cápsulas

Gênero
Instalação

Técnica
Vitrine com elementos naturais e artesanais, tais como seixos rolados, corais marinhos, cocho de madeira, hastes de madeira e cerâmicas

Dimensões
1,2 m x 4,5 m x 2 m

Data
1991

Localização
Linha 3 – Vermelha, Estação República, 2º subsolo



BENÉ FONTELES



Bené Fonteles (Bragança, PA, 1953), artista visual, poeta, jornalista, editor, compositor e curador, iniciou sua carreira no início dos anos 1970, na cidade de Fortaleza, CE, atuando no campo da criação conceitual com trabalhos de arte correio, xerox, assemblages e híbridos. Realiza objetos utilizando elementos da natureza tais como penas, pedras, artefatos indígenas, papéis artesanais. Cria o movimento Artistas pela Natureza, convocando-os a se engajar num projeto construtivo e humanista de arte. Suas obras integraram mais de uma centena de exposições coletivas em galerias e museus do país e do exterior. Participou da Bienal Internacional de São Paulo (1973-75-77-81), do Panorama da Arte Atual Brasileira (1975-80-84-88) e de mostras em Amsterdam, Copenhague, Lisboa, Boston, Nova York, Washington, Los Angeles, Londres, entre outras. Até o presente, contabiliza mais de 40 individuais no Brasil.

Bené Fonteles tem obras de sua autoria nos acervos artísticos da Pinacoteca do Estado de São Paulo, do Museu de Arte de São Paulo – Masp, Museu de Arte Contemporânea da USP – MAC/USP, Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM/RJ, Museu Nacional de Belas Artes – MNBA/RJ, Museu de Arte da Universidade Federal do Pará, Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, França, Museum of Modern Art de Nova York – MoMA e do Metrô de São Paulo, entre outros.

A obra de Bené Fonteles instalada numa vitrine/cápsula do segundo subsolo da Estação República no Metrô de São Paulo foi realizada dentro do espírito conceitual que informa a maioria de seus trabalhos.

“Três elementos são fundamentais nesta obra: os corais originários do litoral nordestino, que estão sobre bastões de madeira naval, as cerâmicas feitas especialmente por Seu Clínio Moura, às margens do Rio Cuiabá, em Mato Grosso, que pousam sobre seixos rolados e a areia sobre a qual fica o velho cocho de madeira da Fazenda Serrinha, de Bragança Paulista”, afirma o artista. E continua: “Os três elementos reforçam a inter-relação que sempre faço nos meus trabalhos de coisas e lugares interligados em diálogo poético. É a ação do tempo sobre as coisas reforçada pelo verso de Carlos Drummond: ‘O tempo é a minha matéria’. Enquanto eu criava e construía esta obra em São Paulo, a guerra do Golfo ameaçava a paz do planeta. As cerâmicas quebradas durante o transporte e que poderiam ter sido descartadas acabaram por corporificar simbolicamente esta minha preocupação pelos acontecimentos no Oriente Médio. Sinto um diálogo profícuo entre minha obra e a dos artistas Roberto Mícoli, Xico Chaves e Luiz Hermano, não só pela proximidade física mas também pelas soluções estéticas arrojadas e o sofisticado pensamento conceitual. Mesmo que muitos que trafegam pela estação República não saibam de quem são as obras é uma honra e um prazer saber que as pessoas podem ter poemas visuais para sentir e refletir sobre o mundo. E que é uma grande responsabilidade do artista invadir o imaginário cotidiano do outro”.

Título

O Paraíso

Gênero

Poesia

Técnica

Texto em chapa galvanizada, pintada com tinta dourada

Dimensões

6 m x 9,6 m

Data

1995

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Paraíso, acesso
à Praça Santa Generosa



BETTY MILAN



Betty Milan (São Paulo, SP, 1944), psicanalista e escritora, estudou medicina na Universidade de São Paulo, dirigindo-se para a psiquiatria e, em seguida, para a psicanálise. Depois de um período de aprendizagem no Hospital Psiquiátrico do Juqueri, em Franco da Rocha, viaja para a Escócia, onde faz estágio na comunidade terapêutica do psiquiatra Maxwell Jones, ao mesmo tempo em que estuda psicodrama e psicanálise. No fim dos anos 1960 conhece a esposa do psiquiatra Jacó Levy Moreno, criador do Psicodrama e desse encontro resulta sua permanência, durante certo tempo, no *Moreno Institute East*, em Beacon, NY, onde estuda as técnicas do psicodrama e da psicoterapia em grupo e trabalha com Zerka Moreno no *Public Theater* de Nova York.

De volta ao Brasil, obtém o título de doutora em psiquiatria pela Universidade de São Paulo. Em 1974, viaja para a França com o objetivo de fazer análise com Jacques Lacan. Betty, que já publicara o livro *O Jogo do esconderijo*, no qual questionava o psicodrama, lança *O Papagaio e o Doutor*, baseado na experiência lacaniana. Retornando ao Brasil, Betty se divide entre a psicanálise e a carreira de escritora que ganha corpo com o lançamento do romance *O sexophuro*. Seguem-se *Os bastidores do Carnaval*, *O que é o amor*, *Paixão* e outros.

Em 2005 torna-se colunista do jornal *A Folha de S. Paulo* respondendo a perguntas dos leitores sobre amor, sexo e outros temas. Os textos são reunidos dois anos depois no livro *Fale com ela*. A seguir é convidada pela *Veja* para fazer seu consultório sentimental na edição *on-line* da revista; o material dessa coluna resulta na edição do livro *Quem ama escuta*.

Ao longo de sua vida como escritora, Betty Milan trafegou pelo ensaio, pelo romance, pela crônica, pelo texto teatral, pelo jornalismo e, porque não, pela poesia. Para a Estação Paraíso do Metrô de São Paulo criou um texto poético intitulado *Paraíso*. Quando instalou na estação o texto em chapa galvanizada, explicou ao jornal *Folha de S. Paulo*, que Paraíso é um bairro de imigrantes, sobretudo de italianos e sírio-libaneses. “Foi aí que meus ancestrais primeiro se radicaram. De certa forma, eu não escolhi a estação, fui escolhida por ela.” E explica: “Minha prosa é poética e o Mural é um prosopoema. Procurei mostrar o que o mito do Paraíso significa para nós brasileiros e, através de uma questão, apontar a universalidade de um mito que se renova através dos tempos. Tive que resolver isso em poucas linhas o que obviamente implicou escrever e reescrever o prosopoema um cem número de vezes (...) A arte pública se destina a uma grande audiência, que tende a não aceitar o novo e limita as escolhas do artista, cuja tarefa paradoxalmente é de fazer o novo passar”.



**Título**

Trilho, Ritmo e Vibração

Gênero

Escultura

Técnica

Aço, pó de mármore e cimento branco

Dimensões

2 m x 12 m

Data

1991

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Santa Cecília, jardim interno

CACIPORÉ TORRES



Caciporé Torres (Araçatuba, SP, 1935), escultor, desenhista e professor universitário, participou da I Bienal Internacional de São Paulo com apenas 16 anos de idade. Premiado com uma bolsa de estudos, viaja para a Europa, onde frequenta os ateliês de Marino Marini e Alexander Calder e estuda história da arte na Sorbonne. Datam desse período suas primeiras esculturas abstratas de aspecto industrial, com a utilização de ferro, bronze e aço. De volta ao Brasil, desenvolve aqui sólida carreira artística.

Participa de numerosos eventos artísticos, entre eles a Bienal de Veneza, a Quadrienal de Roma, a Bienal Jovem de Paris, além da Bienal de São Paulo, na qual volta a ser premiado em três outras edições. Realiza exposições individuais no MAM/SP, no MuBE, na Terry Clune Gallery, em Sidney, na Austrália. Caciporé ensinou escultura na FAAP durante a década de 1960 e início dos anos 1970, quando se torna professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, na qual permanece até o presente. Em 1980 e 1982, recebe o prêmio de Melhor Escultor pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

Ostentando geralmente aspecto monumental, com volumes soldados que se expandem no espaço, Caciporé é o escultor brasileiro com maior número de obras em espaços públicos no país. São mais de 70 obras, uma delas instalada no jardim interno da Estação Santa Cecília do Metrô de São Paulo.

Segundo o escultor, “em um país como o nosso, que tão pouco investe em arte, que possui museus que não têm recursos sequer para atualizar seus acervos, a iniciativa do Metrô de formar uma coleção e apresentá-la aos seus usuários nas suas estações, com um projeto inserido, dessa forma, no conceito da Arte Pública, é extremamente louvável”. Recorda: “Lembro-me bem quando o Metrô encarregou a crítica de arte Radha Abramo de selecionar e convidar os artistas para o formidável projeto chamado *Arte no Metrô*. Planejei para a Estação Santa Cecília um painel em relevo com altura de 2 metros por 12 metros de comprimento, constituído por placas moldadas de cimento branco com pó de mármore. Como cada placa pesava cerca de 200 kg, todas foram moldadas no próprio local. Mesmo evitando o problema do transporte, tivemos grande dificuldade para erguer e posicionar as placas. O trabalho todo levou cerca de 40 dias para ser concluído. Diariamente eu saía da Universidade Mackenzie, onde leciono, junto com meu assistente Juscelino, para fazer o trabalho na Estação Santa Cecília. Foi um trabalho que exigiu muito esforço, mas que resultou muito gratificante”.

**Título**

Sem Título

Gênero

Escultura

Técnica

Chapas de aço corten, calandradas e soldadas

Dimensões

2 m x 1,6 m x 0,8 m

Data

1995

Localização

Linha 2 - Verde, Estação Santuário Nossa Senhora de Fátima – Sumaré, acesso à Rua Oscar Freire



CAÍTO



Luiz Carlos Martinho da Silva ou Caíto (São Paulo, SP, 1952), escultor, desenhista e arquiteto, começou a expor em fins dos anos 1970. Pesquisando materiais diversos, trabalha com pastilhas, vidros, azulejos, borracha e fios sintéticos, desenvolvendo com eles uma série de obras incluídas em sua primeira exposição individual, em 1985, na Galeria Arco, em São Paulo: *Pelos Através*. Trabalhos dessa fase são mostrados também na coletiva *A nova dimensão do objeto*, realizada no Museu de Arte Contemporânea da USP (1986), com curadoria de Aracy Amaral. No final dos anos 1980, Caíto é atraído pelas sucatas de embalagens metálicas estampadas com serigrafia. Em seguida surgiram as frutas plásticas, às vezes crivadas de alfinetes.

Em 1990, Caíto começa a trabalhar com a Galeria Casa Triângulo, onde faz individual em 1991. Esse ano é marcante para sua carreira. Em função dessa mostra, de duas individuais na Galeria Arteuso (São José dos Campos e São Paulo), de sua participação na Bienal Internacional de São Paulo, no Panorama da Arte Atual Brasileira, no MAM/SP e da sala especial no Salão Paulista de Arte Contemporânea, conquista o Prêmio de Escultura da APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte. Esses eventos consolidam sua reputação como escultor e o profissionalizam definitivamente. Utilizando sucatas metálicas, Caíto produziu as esculturas com as quais participou da XXI Bienal Internacional de São Paulo, em 1991. Trata-se de esculturas que agregam sentido construtivo a sua vivacidade e leveza.

Mais recentemente, depois de ter retomado as folhas de lata estampadas, adentrou o terreno das esculturas em bronze, lisas e com pátinas pretas ou esbranquiçadas, constituídas por uma ou mais partes que se encaixam permitindo às vezes articulação, e cujas formas arredondadas apresentam considerável carga sensual, embora mais sutil do que seu trabalho anterior.

Em 2006, Caíto expõe 48 obras dentro do Projeto Octógono de Arte Contemporânea, na Pinacoteca do Estado, com curadoria de Ivo Mesquita. A escultura de maior porte dessa exposição está hoje instalada na Estação Santuário Nossa Senhora de Fátima/Sumaré do Metrô de São Paulo. Caíto sempre teve a intenção de explorar em suas esculturas aspectos como o interno e o externo, frente e verso, em cima e embaixo, fechamento e abertura, ritmo, equilíbrio, oscilação, movimento e estática. A peça do acervo do Metrô, construída com chapas calandradas e soldadas, tem forma tronco-cônica e seu diâmetro vai diminuindo à proporção que ela descreve um círculo em torno de si mesma, terminando onde começa e criando um sugestivo espaço interno. A peça, segundo Caíto, sugere um movimento de interiorização, na medida em que se expande dirigindo-se para si mesma.





CARLOS YASOSHIMA



Carlos Alberto Yasoshima (São Paulo, SP, 1948), pintor, desenhista, gravador e professor, é filho de pai japonês e mãe brasileira. Forma-se em Comunicação Social e trabalha como diretor de arte em importantes agências de publicidade, entre elas a McCann-Erickson do Brasil.

Atraído pela criação subjetiva, começa a estudar gravura com Omar Guedes e pintura com Carlos Fajardo em meados dos anos 1970. Sua obra, inicialmente figurativa, toma, com o tempo, os caminhos da abstração. Em 1980, Carlos Yasoshima começa a mostrar publicamente suas obras. Nesse ano participa de três salões de arte, de uma coletiva no Centro de Artes do Shopping News e realiza três individuais: no Museu de Arte de São Paulo – Masp, no Espaço Cultural do Banco do Brasil em Atibaia, SP e na Itaugaleria de Brasília, DF. A partir de então, intensifica sua participação em numerosas mostras coletivas entre elas a V Exposição de Belas Artes Brasil-Japão, realizada em Tóquio, Atami e Kioto, em 1981, e em salões de arte, entre eles o Salão de Artes Plásticas do Embu, no qual recebe a Grande Medalha de Ouro em 1980 e o Bunkyo no qual conquista uma Menção Honrosa em 1988, o Prêmio MagiColor, em 1989 e o Prêmio Acrilex, em 1997. Atualmente é professor de oficina de artes na área de educação especial.

Para Carlos Yasoshima, “a oportunidade de participar desse projeto representou um marco significativo tanto em minha biografia quanto em minha obra, uma vez que, por um lado, expressa a busca de integração entre minhas origens e, por outro, expõe o meu trabalho a um sem-número de olhares apressados, curiosos, surpresos, tão diversos, enfim, quanto a combinação dos matizes que compõem a minha tela”.



Em 1988, por ocasião das comemorações dos 80 anos da imigração japonesa, Carlos Yasoshima fez parte do grupo de onze jovens artistas nipo-brasileiros cujas obras foram incorporadas ao acervo permanente do Metrô de São Paulo e instaladas na Estação Liberdade.

Título

Sem Título

Gênero

Pintura

Técnica

Acrílica e pastel seco sobre tela

Dimensões

1,8 m x 1,15 m

Data

1988

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Liberdade, mezanino



CÍCERO DIAS



Cícero Dias (Engenho de Jundiá, Escada, PE, 1907 – Paris, França, 2003), pintor, desenhista, ilustrador, cenógrafo, gravador e professor, passou sua infância em engenhos pernambucanos. “Desde menino já ouvia histórias do mundo, mundão”, afirmou o artista em suas memórias. A adolescência foi vivida no Rio de Janeiro. Lá, estudou no Mosteiro São Bento e, em seguida, na Escola Nacional de Belas Artes, abandonando o curso dois anos depois por discordar da metodologia de ensino da instituição. Continua pintando e aproxima-se do grupo modernista. Em 1928, integra o Movimento Antropofágico e, em 1931, expõe no Salão Revolucionário a obra *Eu vi o Mundo... Ele Começa no Recife*.

Em 1933, Cícero ilustrou a primeira edição do livro *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire e, em 1937, por problemas políticos, deixou o Brasil, fixando residência na França. Em Paris, aproximou-se de George Braque, Henri Matisse, Fernand Léger, Paul Eluard, Pablo Picasso, que mais tarde tornar-se-ia padrinho de sua filha Sylvia. Atuou nos estúdios da *Radiodiffusion* em programas transmitidos para a América do Sul. Em 1942, foi preso pelos alemães e enviado para um campo de concentração em Baden-Baden. Posto em liberdade, no ano seguinte, vai para Lisboa, como adido cultural do Brasil, onde permanece até 1945. Com o término da guerra, retorna à capital francesa e integra o grupo de artistas da Escola de Paris que expõe na Galeria Denise René. Participa intensamente da vida cultural parisiense (Groupe Espace, Groupe Klar Form) sem perder contato com o Brasil.

Cícero Dias fez sua primeira exposição individual em Escada, PE, em 1928. Seguiram-se, ao longo de sua vida, mais 45 outras no Brasil, na França, em Portugal e na Bélgica. Após sua morte, outras mostras foram organizadas. Em 2004, o Museu de Arte Brasileira da Faap apresentou a exposição *Cícero Dias – Anos 20 e 30*, posteriormente exibida na Maison de L’Amérique Latine, em Paris. Em 2006, o Museu Oscar Niemeyer,

de Curitiba, abriu uma abrangente exposição retrospectiva do artista, constituída por cerca de 200 obras – *Cícero Dias, Oito Décadas de Pintura*, organizada por Simões de Assis, também editor do livro de mesmo nome e do anterior – *Uma Vida pela Pintura* (2002). Em 1952, Cícero Dias teve sala especial na Bienal de Veneza e, em 1965, na Bienal Internacional de São Paulo. Foi condecorado com a *Légion d’honneur* e com a *Ordre National du Mérite* pelo governo francês.

A obra de Cícero Dias está representada em importantes museus brasileiros e internacionais. Uma delas, em lajotas de cerâmica, está na Estação Brigadeiro do Metrô de São Paulo. Ao longo de sua carreira, Cícero Dias produziu obras surrealistas, figurativas, abstracionistas informais e abstracionistas geométricas. A obra do metrô pertence a este último gênero. “A abstração geométrica – afirmou o artista, de certa feita – atende ao meu lado espiritual”.

Título

Cores e Formas

Gênero

Painel

Técnica

Lajotas de cerâmica pintadas a revólver

Dimensões

2 m x 20 m

Data

1991

Localização

Linha 2 - Verde, Estação Brigadeiro, plataforma sentido Ana Rosa

**Título**

Colcha de Retalhos

Gênero

Mural

Técnica

Mosaico em pastilha de vidro fundido

Dimensões

3 m x 10,5 m

Data

1979

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Sé,
acesso norte - Catedral da Sé

CLÁUDIO TOZZI



Cláudio Tozzi (São Paulo, SP, 1944) é pintor e professor universitário. Graduiu-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (1968), na qual é atualmente professor. Começa a expor seus trabalhos em salões e outras exposições coletivas no início dos anos 1960. Inicialmente, Tozzi é atraído pelas artes gráficas e pelo ideário da *pop art* e sua obra tem como fulcro imagens publicadas em jornais e em outros meios de comunicação, remetendo à configuração das histórias em quadrinhos. Trabalha em séries temáticas de motivação urbana e política, utilizando sobretudo técnicas de pintura e serigrafia. Em 1967, participa da representação brasileira na 9ª Bienal Internacional de São Paulo e expõe no Salão Nacional de Arte Contemporânea o painel *Guevara Vivo ou Morto*, que é agredido a machadadas por radicais da direita.

No final da década de 1960, após viagem de estudos ao exterior, sua obra prioriza as soluções formais e colorísticas, em detrimento do conteúdo político explícito. Resultam dessas pesquisas as séries dos *Astronautas*, dos *Parafusos*, das *Presilhas*. Em 1972, pinta o emblemático painel *Zebra*, na empena cega de um prédio da Praça da República. No fim dos anos 1970, executa o painel *Colcha de Retalhos* para a Estação Sé do Metrô, que dá origem a toda uma série de trabalhos de cavalete dentro do mesmo tema. Os anos 1980 veem Tozzi realizar as séries dos *Coqueirais* e dos *Papagaios*. Sua obra tende para a geometrização das formas e o artista usa com frequência um rolinho de borracha que confere ao trabalho um aspecto reticulado. Em 1989, realiza uma segunda obra para o Metrô, o painel *Movimento*, instalado na Estação Palmeiras/Barra Funda.

Tozzi confessa que sempre se propôs a realizar trabalhos inseridos no espaço da cidade, atitude resultante de estudos e reflexões de sua formação em arquitetura e design urbano. Ele entende que o artista plástico deve assumir uma atitude de interferência, propor objetos e signos que se integrem na conceituação ampla do espaço urbano. E que é muito importante o diálogo das artes plásticas com a cidade e suas edificações.

“Para o painel da Estação Sé do Metrô – afirma – preparei três projetos: um astronauta, um trabalho com estrutura semelhante a uma colcha de retalhos e um desenho com silhuetas dos transeuntes, fundindo as imagens de quem passa com as do painel. Fiz uma pesquisa, mostrando três maquetes. Achei que o público iria gostar mais do painel das silhuetas, no entanto, foi escolhido o que lá está, baseado em uma colcha de retalhos. Uma identificação do público com uma peça que ele mesmo produz nas periferias da cidade: as colchas de retalhos, feitas com restos de tecidos. O painel da Estação Barra Funda traduz o conceito de movimento: o ato de se deslocar e de circular pela cidade. São formas que se entrelaçam, se superpõem e geram a sensação de deslocamento, de mudança de lugar”, conclui o artista.

**Título**

Movimento

Gênero

Painel

Técnica

Acrílica sobre tela

Dimensões

3,5 m x 8 m

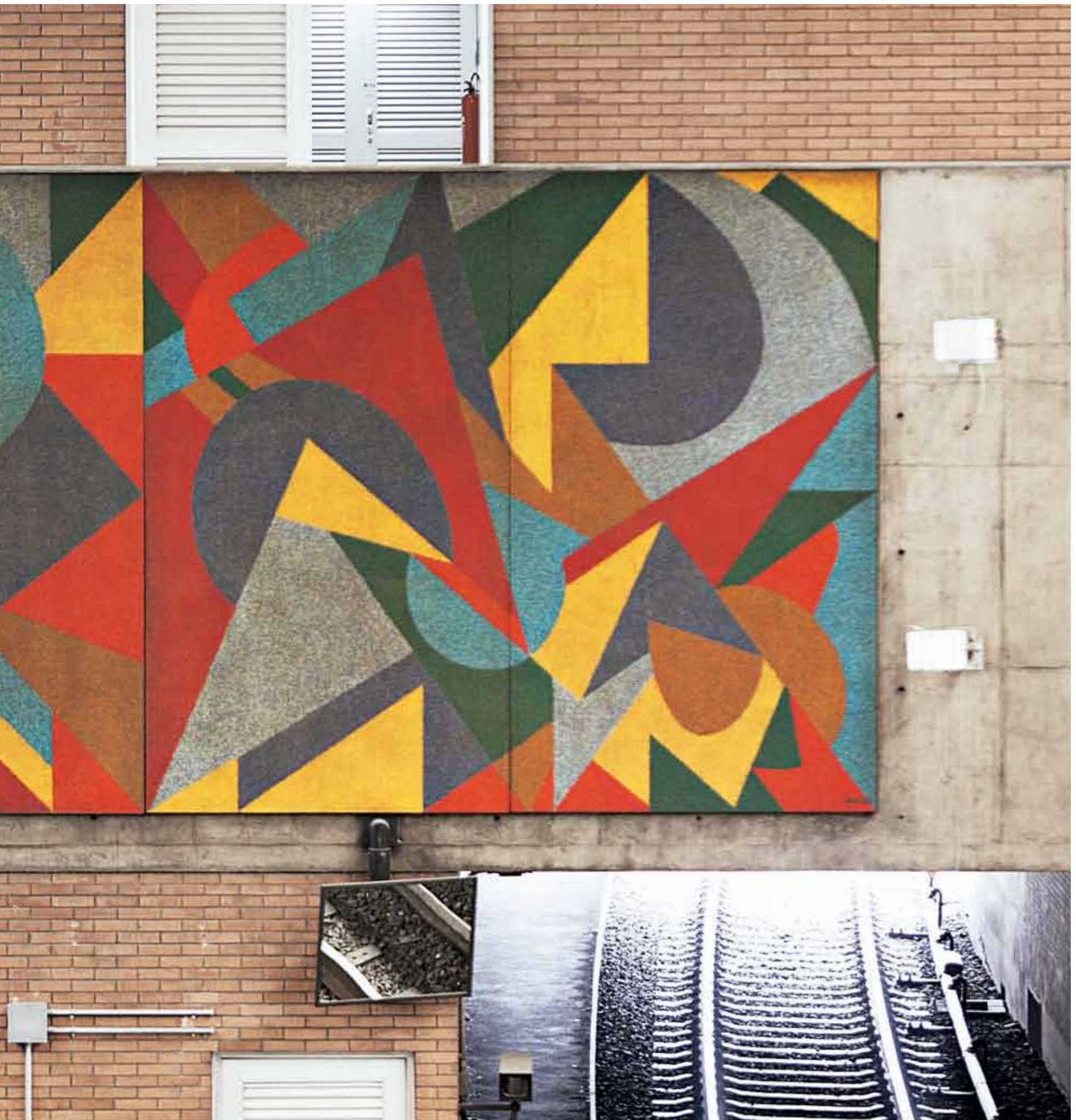
Data

1990

Localização

Linha 3 - Vermelha,
Estação Palmeiras/Barra Funda, plataforma







Título
Homenagem a Galileu Galilei II

Gênero
Escultura

Técnica
Aço corten, resina epóxi e granalha de aço

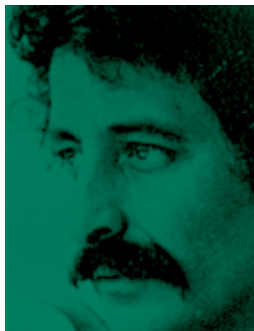
Dimensões
ø 2 m

Data
2007

Localização
Linha 2 - Verde, Estação Vila Madalena



CLEBER MACHADO



Cleber Machado (Porto Alegre, RS, 1937), escultor, começou sua carreira artística como pintor. No início dos anos 1960, transfere-se para o Rio de Janeiro aproximando-se de Barrio, Granato, Gerchman e Márcio Mattar. Em seguida, Cleber residiu em São Paulo, Guaratiba, Petrópolis, Nova York e Cidade do México. Atualmente reside e trabalha na Granja Viana, região oeste da Grande São Paulo.

Durante certo tempo, Cleber dedicou-se à criação de joias. Fazendo opção pela escultura, participou de numerosas exposições coletivas no Brasil e no exterior, entre elas a XI Bienal Internacional de São Paulo (1971 - Prêmio Pesquisa); I Bienal Nacional de São Paulo (1972 - Prêmio Pesquisa); II Bienal Internacional Makurazaki, Japão (1991 - Prêmio Especial de Escultura); Brazilian Jewelry, NY (1970), Museo de Arte Moderno, Cidade do México (1983). Realizou individuais, entre outros espaços, no MAM/RJ (1971 e 1984), MAM/SP (1980), Casa das Rosas, São Paulo (1997 e 1998) e Ricardo Camargo Galeria, São Paulo (1999).

Desde o começo de sua carreira, Cleber Machado se interessa pelo equilíbrio no espaço e a primeira abordagem do tema foi a realização de móveis, seguida por uma série em que ele juntava materiais de formas, cores e texturas diversas e, finalmente, pelos objetos geométricos, além de obras bidimensionais que transmitem a sensação de tridimensionalidade. Ele trabalha a geometria artisticamente. Secciona, por exemplo, uma esfera, inverte as partes e com elas constrói um cubo, abordando por um ângulo novo a problemática da quadratura do círculo. Para o intelectual suíço Peter Wehrli – Cleber “é o

inventor do cubo esférico e da esfera cúbica”. Cleber Machado tem obras de sua autoria em numerosos acervos públicos do Brasil e do exterior. No Brasil está presente nas coleções do MAM/SP, MAM/RJ, MAB/FAAP, Museu de Arte Brasileira de Brasília, Arquivo do Estado de São Paulo; no exterior, no Museo de Arte Moderno, no Centro de Arte Latino-Americano, no Museo Casa Del Lago, Museo El Chopo, Museo de la Universidad de Guadalajara, todos no México; Museo de Arte Americano, Nicarágua; Museo Rayo e Museo de Arte Moderno, Colômbia; Nanmeikan Art Museum, Japão, entre outros.

Na Estação Vila Madalena do Metrô de São Paulo está instalada a escultura *Homenagem a Galileu Galilei II*, de sua autoria. O título da obra é uma “modesta homenagem ao gênio de Galileu Galilei, físico, matemático, filósofo, inventor e um incrível bruxo”, declara Cleber Machado. “Um alquímico e que, por isso, foi julgado pela Inquisição. Galileu nasceu no mesmo ano da morte de Michelangelo, e Isaac Newton, no ano seguinte em que morreu Galileu. Turma da pesada!”, finaliza.



CRIAÇÃO COLETIVA



Tribuna Livre da Criança é um mural cerâmico de 23 metros quadrados realizado a partir de desenhos e pinturas livres de 24 crianças pertencentes a grupos de artes plásticas assistidos pela Secretaria de Estado do Menor. Foi executado pela Cerâmica Aruan e instalado em parede externa da Estação Brás, servindo de pano de fundo de um grande palco destinado a eventos culturais. Sua entrega ocorreu durante comemorações da Semana da Cidadania e do Dia da Criança, em outubro de 1991.

Título

Tribuna Livre da Criança

Gênero

Mural

Técnica

Pintura sobre cerâmica

Dimensões

2,5 m x 9,2 m

Data

1991

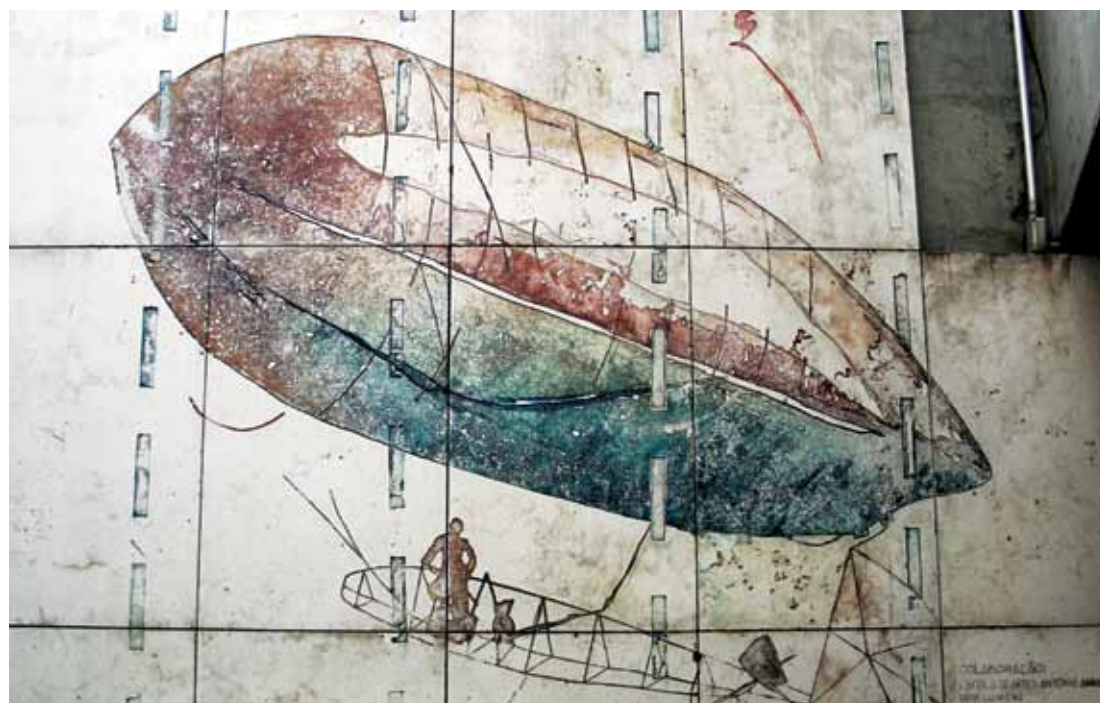
Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Brás,
praça externa da estação

Observação

Trabalho realizado por um coletivo de 24 crianças





DAVID DE ALMEIDA



David de Almeida (S. Pedro do Sul, Portugal, 1945), pintor, gravador, escultor, estudou litografia na Escola António Arroio e gravura em metal na Cooperativa de Gravadores Portugueses. Com suporte da Fundação Calouste Gulbenkian, especializou-se na produção de papel artesanal nos Moinhos do Vale do Lagat, França. Coursou ainda holografia no Goldsmith College, Universidade de Londres, e estagiou com Stanley Hayter no Atelier 17 em Paris.

Começou a mostrar sua obra em 1972, em Vila Nova de Famalicão, Portugal. Desde então tem participado de numerosas exposições coletivas em diversos países e obtido vários prêmios, sobretudo com suas gravuras. Sua primeira exposição individual ocorreu em 1976. Até o presente contabiliza quase uma centena de individuais em diversos países.

Em função da obra realizada nos últimos 40 anos, David de Almeida acumula uma consistente fortuna crítica. Entre os críticos e intelectuais que a analisaram figuram nomes como os de Fernando de Azevedo e de José Saramago. Referindo-se a ela, afirmou Saramago: “O que esta gravura esconde e mostra é o trânsito do ser no tempo e a sua passagem pelos espaços, os sinais dos dedos, as raspaduras das unhas, as cinzas e os tições das fogueiras apagadas, os ossos próprios e alheios, os caminhos que eternamente se bifurcam e se vão distanciando e perdendo uns dos outros. Esse grão que aflora à superfície é uma memória, esta depressão a marca que ficou de um corpo deitado. O cérebro perguntou e pediu, a mão respondeu e fez”.

A obra de David de Almeida está representada nos acervos de importantes museus e coleções particulares de diversos países. Fez intervenções públicas em várias edificações, entre elas o World Trade Center de Macau, o aeroporto de Ilha do Sal, Cabo Verde, a Estação Cabo Ruivo do Metropolitano de Lisboa. Em São Paulo tem dois painéis em pedra gravada, com 400 metros quadrados, na Estação Conceição, oferecidos ao Metrô de São Paulo pelo Metro de Lisboa. Em contrapartida, o Metrô de São Paulo ofereceu ao Metro de Lisboa a obra *A Chegança*, de autoria de Luiz Ventura, instalada na Estação Restauradores.

Segundo o artista português, “esses dois trípticos pretendem ser uma homenagem aos desbravadores das Águas e dos Céus de ambos os países. Santos Dumont – que bem poderia ser uma figura do Renascimento, Gago Coutinho e Sacadura Cabral (e uma breve referência a Ayrton Senna, que cumpriu o Céu no momento em que o autor procedia aos primeiros esboços) e ainda o inevitável Pedro Álvares Cabral são algumas das personagens que habitam essas obras”.

Título

As Vias do Céu

Gênero

Painel tríptico

Técnica

Mista (pedra gravada a ácido e pintura com tinta automotiva)

Dimensões

5,6 m x 12,3 m

Data

1994

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Conceição, corredor de acesso ao mezanino

Observação

Doado pelo Metropolitano de Lisboa

**Título**

As Vias da Água

Gênero

Painel, tríptico

Técnica

Mista (pedra gravada a ácido e pintura com tinta automotiva)

Dimensões

5,6 m x 12,3 m

Data

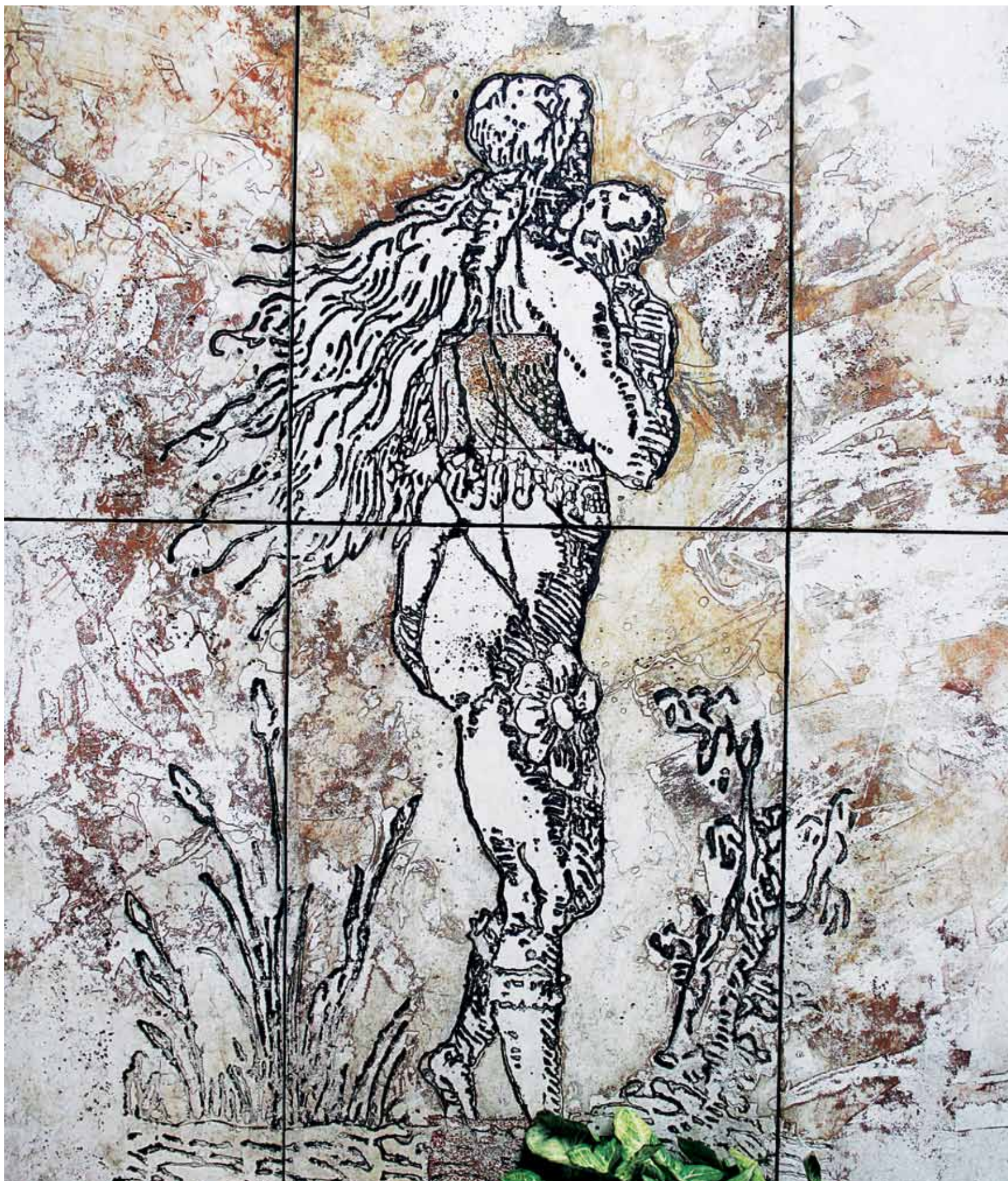
1994

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Conceição, corredor de acesso ao mezanino

Observação

Doado pelo Metropolitano de Lisboa



**Título**

O Ventre da Vida

Gênero

Instalação

Técnica

Mista (cristais de rocha, fibras óticas e energia elétrica)

Dimensões

o 1,5 m

Data

1993

Localização

Linha 2 - Verde, Estação Clínicas, corredor de acesso ao Hospital das Clínicas

DENISE MILAN E ARY PEREZ



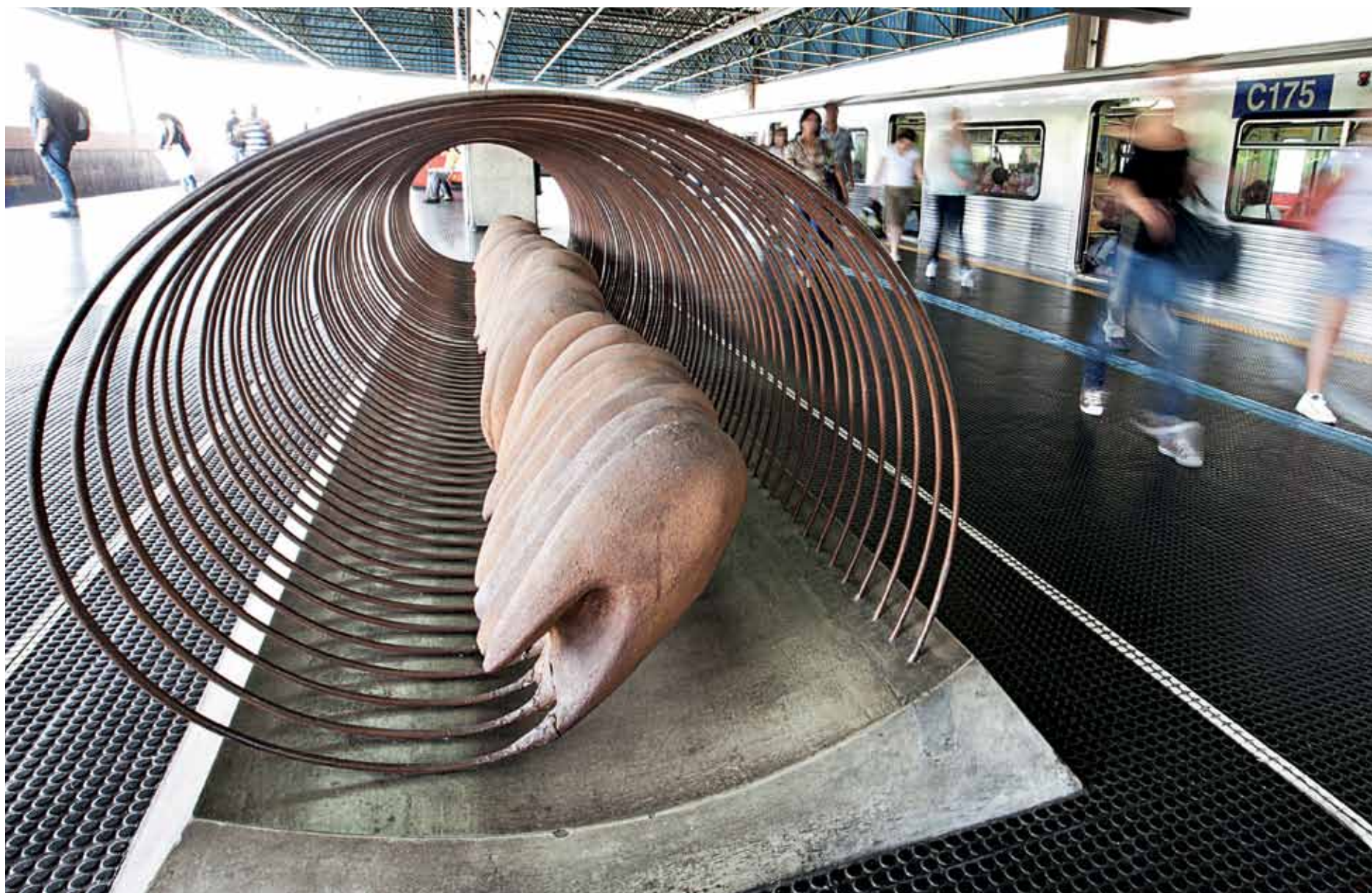
Denise Milan (São Paulo, SP, 1954), escultora e artista multidisciplinar, aproximou-se da arte por intermédio da dança e do teatro, que estudou, respectivamente, na Espanha e nos Estados Unidos. Em 1980, aproximou-se das artes visuais. Seu interesse pelo tridimensional começou por trabalhos de colagem que evoluíram para objetos de arte e, finalmente, para “esculturas cênicas”. Para a criação dessas obras utiliza materiais diversos tais como metais, madeiras e resinas e, sobretudo, quartzos, além da luz. É figura destacada do movimento de Arte Pública no Brasil.

Ary Perez (Goiás, GO, 1954) é engenheiro, designer, artista plástico e cenógrafo. Diplomou-se pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, onde atualmente é professor. Paralelamente a seu trabalho na área tecnológica e científica, desenvolve atividades no campo das artes, em colaboração com sua parceira Denise Milan e outros artistas e designers internacionais.

Denise Milan e Ary Perez participaram, mediante trabalhos individuais ou em dupla, de mostras em importantes instituições artísticas brasileiras, entre elas o Museu de Arte de São Paulo – Masp, Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP, Museu de Arte Contemporânea da USP / MAC/USP, Bienal de São Paulo. No exterior, suas obras foram exibidas em exposições no Barbican Centre, Londres; Art in General, Nova York; Hakone Museum, Japão; Museum of Contemporary Art e Art Institute, Chicago, entre outras. Denise Milan expôs individualmente na Galeria São Paulo (1981), Galeria Nara-Roesler, São Paulo (1993), Museu de Arte de São Paulo - Masp (1997), Museu do Estado do Pará, Belém (2002), Museu de Arte Sacra, Belém (2003), MAC/USP (2004), SESC Araraquara e Santo André (2007), Galeria Virgílio (2012), entre outras, e publicou os livros *Cadumbra* e *América*.

Engajados no espírito da arte pública, de levá-la ao encontro de milhares de pessoas, Denise Milan e Ary Perez são autores do notável escultórico *Américas' Courtyard*, instalado em 1998 na esquina da Columbus Avenue e Monroe Street, no Adler Planetarium, em Chicago, uma das maiores peças de arte pública da cidade. Em São Paulo têm várias instalações em locais públicos, entre elas *Drusa*, no Vale do Anhangabaú (1992), *Um Furo no Espaço*, no Museu de Arte Contemporânea da USP (1992), *Palas Atenas*, no Campus da Cidade Universitária, Escola Politécnica (1994), *Tempos de Cura*, no Hospital Albert Einstein (1999), *Metamorfose*, no Planetário do Parque do Carmo (2006), *Pátio das Américas*, no SESC Interlagos (2006) e *O Ventre da Vida*, na Estação Clínicas do Metrô de São Paulo (1993), no corredor que dá acesso ao Hospital das Clínicas. Essa obra é constituída por cristais de rocha iluminados, vistos por uma abertura na parede. Uma das leituras possíveis dessa obra é a exaltação da essência, do sentido interior das pessoas e das coisas, em contraposição à sua aparência. Ela incorpora ainda a ideia do equilíbrio do corpo e da mente em função do poder de energização dos cristais.



**Título**

Solaris

Gênero

Escultura

Técnica

Mista (ferro, espuma de poliuretano, óxido de ferro)

Dimensões

1,23 m x 0,99 m x 6 m

Data

1996

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Penha, plataforma

ELIANA ZARONI



Eliana Zaroni Lindenberg (São Paulo, SP, 1954) pintora, instaladora, criadora de objetos e professora, diplomou-se em Desenho Industrial pela Faculdade de Comunicações e Artes da Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM (1975). Obteve o título de Mestre em Comunicações e Artes em 1995 e o de Doutora em Artes Plásticas em 2004, este pela USP.

Dividindo os trabalhos de ateliê com o magistério superior, é professora no Curso de Design da Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM desde 1979, de Modelagem, Desenho e Laboratório Experimental. Exerceu a chefia de Departamento de Artes e Técnicas Industriais da Faculdade de Comunicação e Artes da UPM (1994-99) e a vice-diretoria da mesma Faculdade (1995-2004).

Como artista plástica, Eliana Zaroni iniciou sua carreira em 1982, quando participou da IV Mostra Pan-Americana de Gravura da Fundação Cultural de Curitiba, Casa da Gravura, na qual obteve um prêmio aquisição. Desde então participou de diversos salões de arte, entre eles o Salão Nacional de Artes Plásticas da Funarte (1983), o Salão Paulista de Arte Contemporânea (1985), a Bienal Nacional de Artes Visuais (2000) e de outras exposições coletivas tais como *Cem Anos de Escultura*, no Museu de Arte de São Paulo – Masp (1982) e em grupo: *Metamorfose musical*, no Centro Cultural São Paulo (1985) e *Simples como a terra*, Museu de Arte Moderna de São Paulo - MAM/SP (1994). Realizou exposições individuais de aquarelas na Galeria da Universidade Federal de Brasília (2003) e no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP: *Ideogramas e pictogramas*.

Na série *Ideogramas e pictogramas* a artista trabalha sobretudo com as possibilidades das linhas, que se encontram, se cruzam, que correm paralelas, remetendo a casulos, ninhos, urdiduras, paliçadas, alvéolos. A artista cria também objetos de arte, cerâmicas e instalações.

Em 1996, Eliana Zaroni produziu seu trabalho de maior fôlego e visibilidade: a escultura *Solaris*, instalada na plataforma da Estação Penha do Metrô de São Paulo. Sobre a obra, cujo nome foi inspirado no filme de Andrei Tarkovski, afirmou textualmente a crítica de arte Vera D’Horta, no catálogo da mostra *Simples como a Terra*, realizada no MAM/SP em 1995: “O desafio de estruturas que revelam e escondem também está na origem das grandes peças de ferro, formadas por aros agrupados em elipse. A distância, essa grande mola pontua o espaço como desenho arejado de suas curvas. De perto, através dessas costelas de ferro oxidado, vislumbra-se uma progressão cadenciada de volumes, moldados numa argamassa complexa, que luta por se integrar à natureza férrea como um novo ser gestando no interior de uma carcaça abandonada”. Eliana Zaroni informa que a obra “foi incorporada ao acervo permanente do Metrô paulistano por fazer referência à energia tubular da velocidade dos trens nos subterrâneos de São Paulo”.

Título*A Roda***Gênero**

Escultura

Técnica

Aço carbono

Dimensões

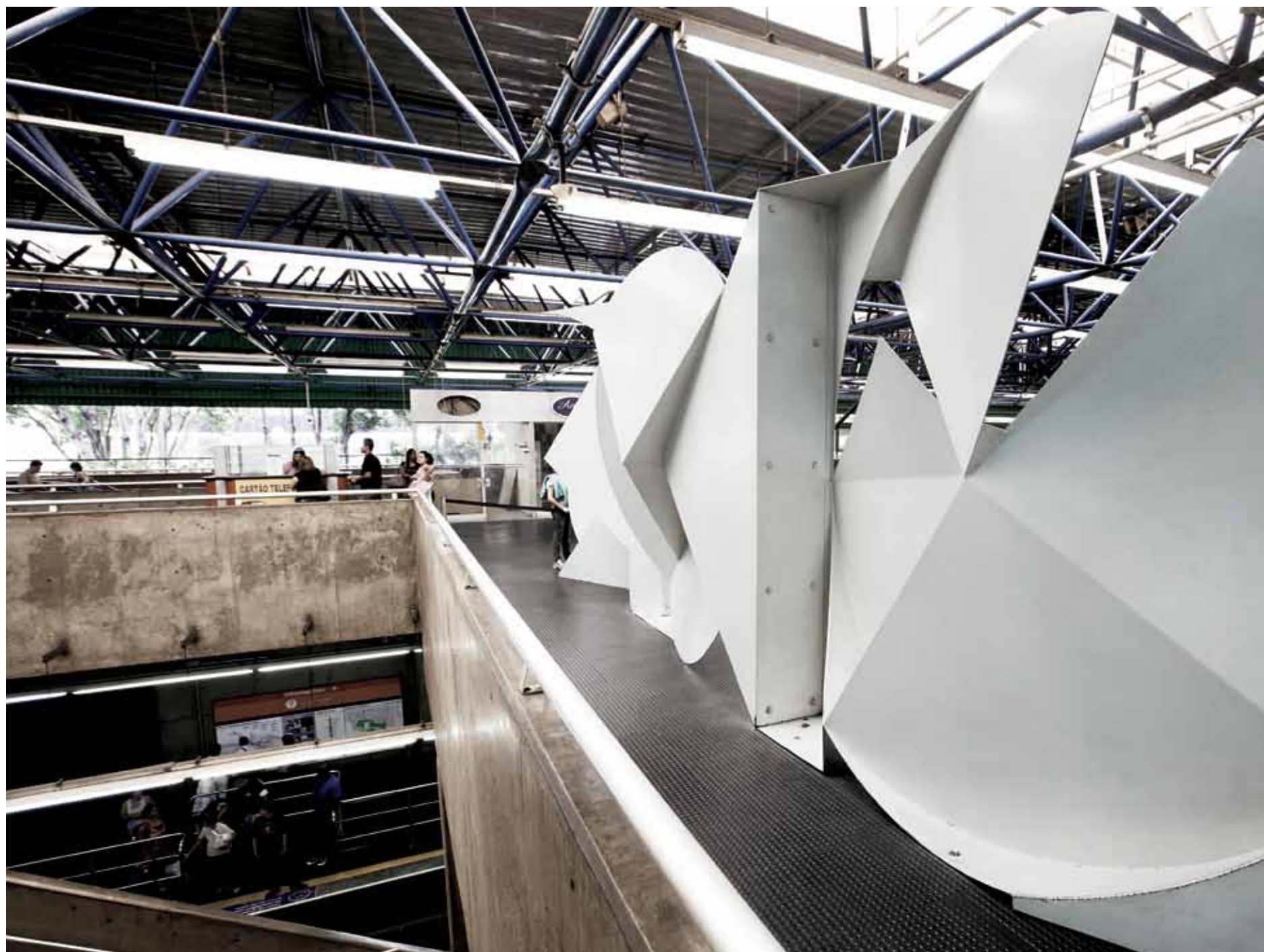
3 m x 9 m x 0,8 m

Data

1990

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Palmeiras / Barra Funda, mezanino



EMANOEL ARAÚJO



Emanuel Araújo (Santo Amaro da Purificação, BA, 1940), escultor, gravador, pintor, museólogo, curador e cenógrafo, desde cedo mostrou interesse pelas atividades manuais. Sua iniciação nesse terreno se deu pela marcenaria, cujo ofício aprendeu com Eufrásio Vargas em sua terra natal, onde também atuou como linotipista e diagramador na Imprensa Oficial. Transferindo-se para Salvador, estudou na Escola de Belas Artes da UFBA, onde foi aluno de Henrique Oswald.

Emanuel realizou sua primeira exposição individual em Santo Amaro da Purificação em 1959. Desde então, mostrou sua obra individualmente cerca de 50 vezes no Brasil e no exterior. No Japão, expôs individualmente na Hakasuisha Gallery, em Osaka (1967); nos Estados Unidos, no Brazilian-American Cultural Institute, Washington (1975) e na G. R. N. Namdi Galleryes, em Detroit (1988); em Portugal, na Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (1991) e na Suíça, no Barengassen Museum, Zurique (1992). Participou das principais exposições coletivas realizadas periodicamente no Brasil, tais como a Bienal Internacional de São Paulo (1967-75) e o Panorama da Arte Atual Brasileira (1971-74-77-78-81) e outras exposições emblemáticas, tais como *Tradição e Ruptura*, na Fundação Bienal de São Paulo (1984) e *A sedução dos volumes*, no MAC/USP (1992).

Desde os primeiros anos da década de 1960, Emanuel Araújo mostrou interesse pelas artes gráficas. No período trabalhou sobretudo com desenho, gravuras e cartazes, dedicando-se também à cenografia. Em 1965, Jorge Amado recomendou: “Guardem esse nome: Emanuel Araújo, desenhista, pintor, mas sobretudo gravador em madeira. Vai ser nome repetido e aclamado, não tenham dúvidas”. O escritor baiano acertou em cheio. Emanuel desenvolveu consistente carreira com base em São Paulo, onde recebeu, em 1972, o prêmio de Melhor Gravador da APCA e, em 1983, o de Melhor Escultor. Nessa altura, Emanuel manifesta grande interesse por atividades museológicas. Dirige o Museu de Arte da Bahia (1981-83) e, em 1992, torna-se diretor

da Pinacoteca do Estado de São Paulo, cargo que ocupou até 2002. Em 2004, criou o Museu Afro-Brasil, que dirige até o presente.

Nos anos 1970 a linguagem plástica de Emanuel Araújo consolida-se no terreno da arte construtiva, que logo ganha a tridimensionalidade na forma de relevos e esculturas coloridas. Suas obras tridimensionais ocupam atualmente vários espaços públicos. Uma delas – *A roda* – está na Estação Palmeiras / Barra Funda do Metrô de São Paulo. Trata-se de uma escultura clara, construída com chapas de aço carbono dobradas e soldadas formando um conjunto que transmite a nítida ideia de algo que gira ao redor de um eixo, de movimento circular. Apesar de suas quase duas toneladas e meia, é uma escultura que parece leve aos olhos do usuário do metrô.



Título

Des-aceleração

Gênero

Painel

Técnica

Lajotas de cerâmica pintadas a revólver

Dimensões

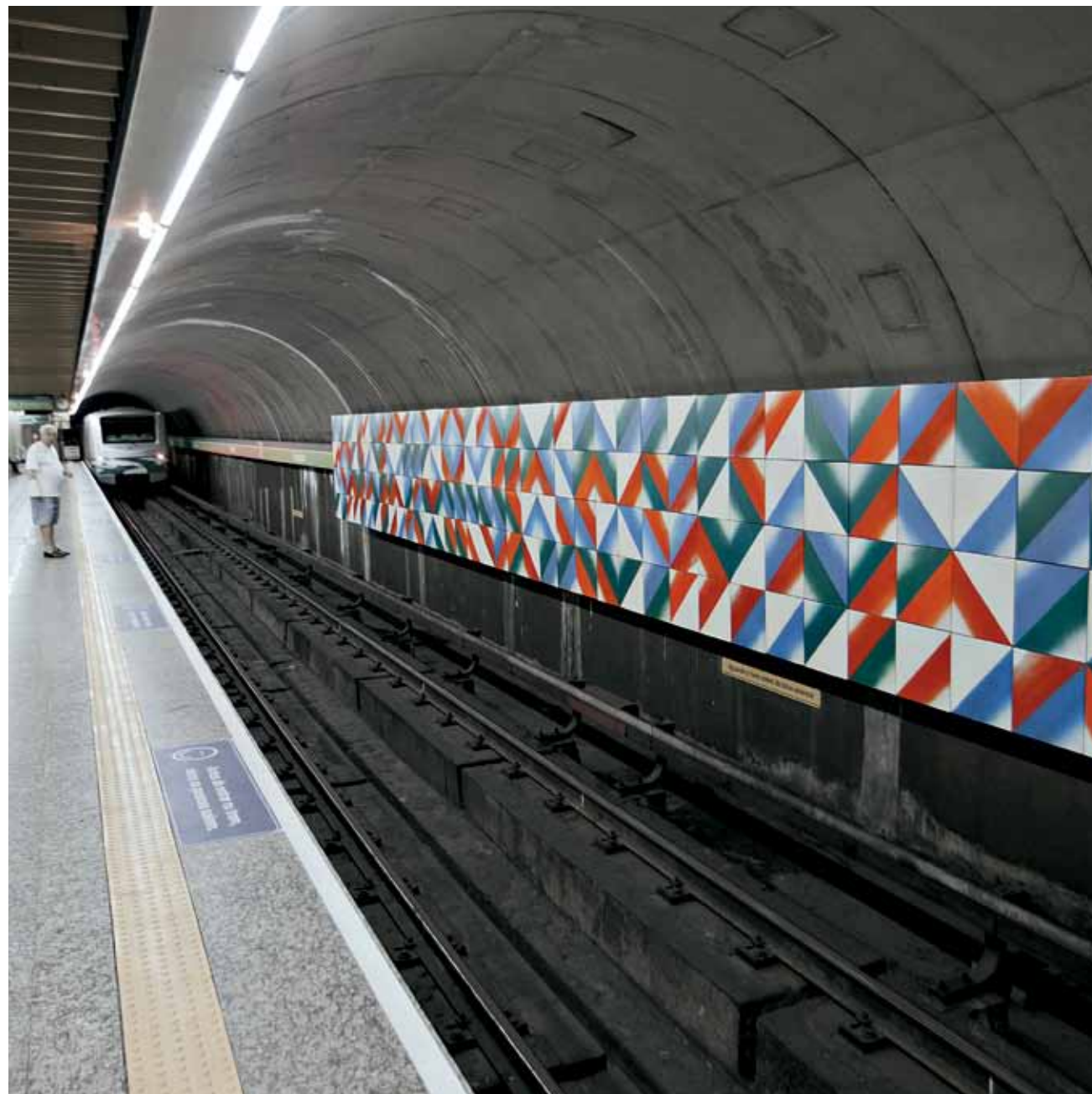
2 m x 20 m

Data

1991

Localização

Linha 2 - Verde, Estação Brigadeiro, plataforma sentido Vila Madalena



FERNANDO LEMOS



Fernando Lemos (Lisboa, Portugal, 1926), artista plástico, designer, poeta e fotógrafo, iniciou sua formação artística em Lisboa na Escola de Artes Decorativas Antonio Arroio (1938-43), prosseguindo-a na Sociedade Nacional de Belas Artes, onde estudou pintura. No início de sua carreira, dedica-se sobretudo à fotografia, construindo uma sólida imagem nesse terreno, como surrealista, em Portugal. Em 1953, transfere-se para o Brasil, fixando residência em São Paulo, onde atua como artista plástico e leciona Artes Gráficas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. Um dos criadores da Associação Brasileira de Desenho Industrial – ABDI, dirige a entidade de 1968 a 1970. Fernando Lemos começou a expor sua obra em 1946, tendo participado de mais de uma centena de mostras coletivas, entre elas a da Bienal Internacional de São Paulo (1953-55-57-59-61-67-79), recebendo o Prêmio de Melhor Desenhista Nacional na quarta versão do evento. Realizou cerca de 40 exposições individuais no Brasil, Portugal, França, Espanha, Alemanha e Rússia. Sua exposição *Cá e Lá*, realizada em 2011 na Pinacoteca do Estado, recebeu o prêmio Governador do Estado para a Cultura. O artista foi ainda distinguido com o Prêmio Melhor Fotografia Nacional, do Centro Português de Fotografia, do Porto (2001), Melhor Fotografia, Porto Seguro, São Paulo (2006) e Prêmio Consagração, da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, Portugal (2007).

Possui obras nos acervos artísticos da Fundação Calouste Gulbenkian, da Fundação Berardo – Centro Cultural de Belém, do Museu de Arte Contemporânea – Chiado, de Lisboa, da Fundação Cupertino Miranda e da Fundação Serralves, do Porto, Portugal. No Brasil está representado, entre outras, nas coleções da Pinacoteca do Estado de São Paulo, do Museu de Arte de São Paulo – Masp / Coleção Pirelli, do Museu de Arte Contemporânea da USP – MAC/USP, da Porto Seguro, do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, da Coleção Gilberto Chateaubriand e do Metrô de São Paulo.

A obra *Des-aceleração*, de sua autoria, instalada numa das plataformas da Estação Brigadeiro do Metrô de São Paulo, com 40 metros quadrados de área pintada a revólver com motivos geométricos, baseia-se, segundo o autor, em dois movimentos binários, chegada e partida. Constituído por quadriculado de lajotas de cerâmica, insinua visualmente esses instantes com o intervalo técnico para entrada e saída dos passageiros”. Trata-se de obra realizada dentro da vertente abstrata do artista português, que reside e trabalha no Brasil há quase 60 anos.



FRANCISCO BRENNAND



Francisco Brennand (Recife, PE, 1927), ceramista, escultor, pintor, desenhista, tapeceiro, gravador e ilustrador, iniciou-se nas artes visuais pelas mãos de Abelardo da Hora, que lhe transmitiu, em 1942, os fundamentos da modelagem, e de Álvaro Amorim e Murilo Lagreca, que o iniciaram na pintura. No final da década, estimulado por Cícero Dias, segue para Paris onde estuda com André Lhote, retornando ao Brasil em 1952. Apesar de sua família desenvolver atividades industriais no ramo da cerâmica, foi em Úmbria, na Itália, numa fábrica de faiança, que ele se aproximou verdadeiramente dessa técnica. De volta ao Brasil, instala-se num ateliê dentro do complexo industrial familiar, onde produz pratos e vasos cerâmicos ornamentados com motivos vegetais. Essas formas prenunciam um estilo que daria origem, com o tempo, a uma linguagem pessoal de nítida conotação sensual.

Em 1971, Francisco Brennand inicia os trabalhos de restauração da Cerâmica São João da Várzea, uma velha fábrica de telhas e tijolos da família Brennand, abandonada por causa da construção de novas instalações industriais, nas proximidades de Recife, transformando-a em ateliê. Seus amplos espaços começam a ser preenchidos por esculturas e painéis cerâmicos que hoje, 40 anos depois, com aproximadamente duas mil obras de médio e grande formatos, representa um dos maiores conjuntos de peças cerâmicas do mundo: o Museu / Oficina Francisco Brennand.

Nesse meio tempo, uma grande retrospectiva de sua obra foi realizada na Staatliche Kunsthalle, em Berlim (1993) e outra na Pinacoteca do Estado de São Paulo, *Brennand: Esculturas*, em 1978, cobrindo sua produção de 1974 até aquele ano, entre outras. Quatro livros, entre eles *Brennand*, com textos de Olívio Tavares de Araújo e Weydson Barros Leal, foram publicados sobre sua obra, também tema de vários vídeos, entre eles *Francisco Brennand: Oficina de Mitos*, produzido pela Rede SESC/SENAC de Televisão, em 2000. Brennand tem numerosas obras públicas

em Recife, na Rua das Flores, na Prefeitura Municipal, no Aeroporto Internacional de Guararapes, no Parque de Esculturas, na Universidade Federal de Pernambuco, na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco e na Federação Pernambucana de Futebol.

Nos altos muros da Oficina Brennand, localizada na Propriedade Santos Cosme e Damião, Várzea, em Recife, estão dispostos vários pássaros Roca em cerâmica, espécies de guardiões do local. Trata-se da maior ave de que se tem notícia. Teria vivido no sul de Madagascar até o século XVII. Sua altura chegava a 3 metros com o pescoço esticado e seu peso atingia quinhentos quilos. Uma dessas aves, de natureza totêmica, conduzida pelo artista, pousou na plataforma central da Estação Masp/Trianon do Metrô de São Paulo. Um Roca aparece também na obra *As mil e uma noites*, nas aventuras de *Simbad, o marinheiro*. Na obra de Brennand, sua presença está ligada à sua visão barroca das pessoas e dos animais.

Título

Pássaro Roca

Gênero

Escultura

Técnica

Cerâmica vitrificada

Dimensões

2,8 m x 0,4 m

Data

1990

Localização

Linha 2 - Verde, Estação Trianon-Masp, plataforma central

**Título**

Inscriver os Direitos Humanos na Estação Luz do Metrô

Gênero

Painel

Técnica

Pintura sobre azulejo

Dimensões

32 m² (2010) e 102 m² (2011)

Data

2010

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Luz, mezanino

FRANÇOISE SCHEIN



Françoise Schein (Bruxelas, Bélgica, 1953), artista visual, arquiteta, urbanista e professora, graduou-se pelo Instituto Superior de Arquitetura da Comunidade Francesa da Bélgica – *La Cambre*, seguindo posteriormente para Nova York, onde estudou Design Urbano na Universidade de Colúmbia. Depois de viver 11 anos nos EUA, retornou à Europa dedicando-se a projetos interdisciplinares que envolvem arte, urbanismo, ética e cidadania.

Criou a *Association Inscire* que objetiva divulgar “os direitos fundamentais sobre os muros das cidades”. Um dos suportes eletivos de sua ação são as paredes das estações de metrô, pelas quais transitam milhões de pessoas diariamente. O primeiro trabalho realizado em estação metroviária foi na Concorde, de Paris. Nela, Françoise transcreveu sobre azulejos a Declaração dos Direitos Humanos da Revolução Francesa de 1789, sem separação de palavras e não usando pontuação. Atualmente existem trabalhos seus em estações do metrô de Bruxelas, Lisboa, Estocolmo, Haifa, Berlim, Rio de Janeiro e São Paulo.

Para o Metrô de São Paulo, a artista franco-belga idealizou o painel *Inscrever os Direitos Humanos na Estação Luz do Metrô*, retomando o tema da Estação Concorde, de Paris, utilizando a Declaração Universal dos Direitos Humanos proclamada em 1948 pela ONU. O projeto da obra em São Paulo prevê a instalação de 35 mil azulejos numa área de 700 metros quadrados do mezanino da estação. Nesses azulejos são enfocados, mediante textos e ilustrações, os direitos fundamentais do homem e incluirá parte da história da cidade. A primeira etapa da obra, com 32 metros quadrados, ficou pronta em 2010. A área foi ampliada para 102 metros quadrados em 2011 e prosseguirá até atingir o total planejado.

Em São Paulo, o projeto acontece mediante parceria e colaboração entre a Companhia do Metropolitano de São Paulo, a *Association Inscire*, a Associação Danyann: Aprender e Evoluir, de São Paulo; o Atelier Azulejaria, do Rio de Janeiro; o Instituto Brasil Leitor, de São Paulo, com apoio da Comissão Municipal de Direitos Humanos, do SESC Pompeia e do Consulado Francês. Participam diretamente do projeto Maria Helena Dalla Bonna, a artista plástica Tatiana Amaral, a arquiteta Laura Taves, além de jovens de comunidades menos favorecidas da cidade. Segundo texto divulgado pelo Metrô, um dos alunos participantes da primeira fase do projeto afirmou: “Desenhei sobre o artigo 27, que fala do direito ao lazer e à cultura. O que ficou de lição para mim é que devemos respeitar o próximo, independentemente da raça”. Um outro, que fez um desenho objetivando ilustrar o artigo 22, confessou: “Aprendi que todas as pessoas devem ter o mesmo tratamento e que ninguém é perfeito”.





Título
Jogo de Dados

Gênero
Painel

Técnica
Laminado plástico sobre madeira

Dimensões
Conjunto de 3 cubos de 2,63 m x 2,27 m

Data
1991

Localização
Linha 2 - Verde, Estação Clínicas, mezanino



GERALDO DE BARROS



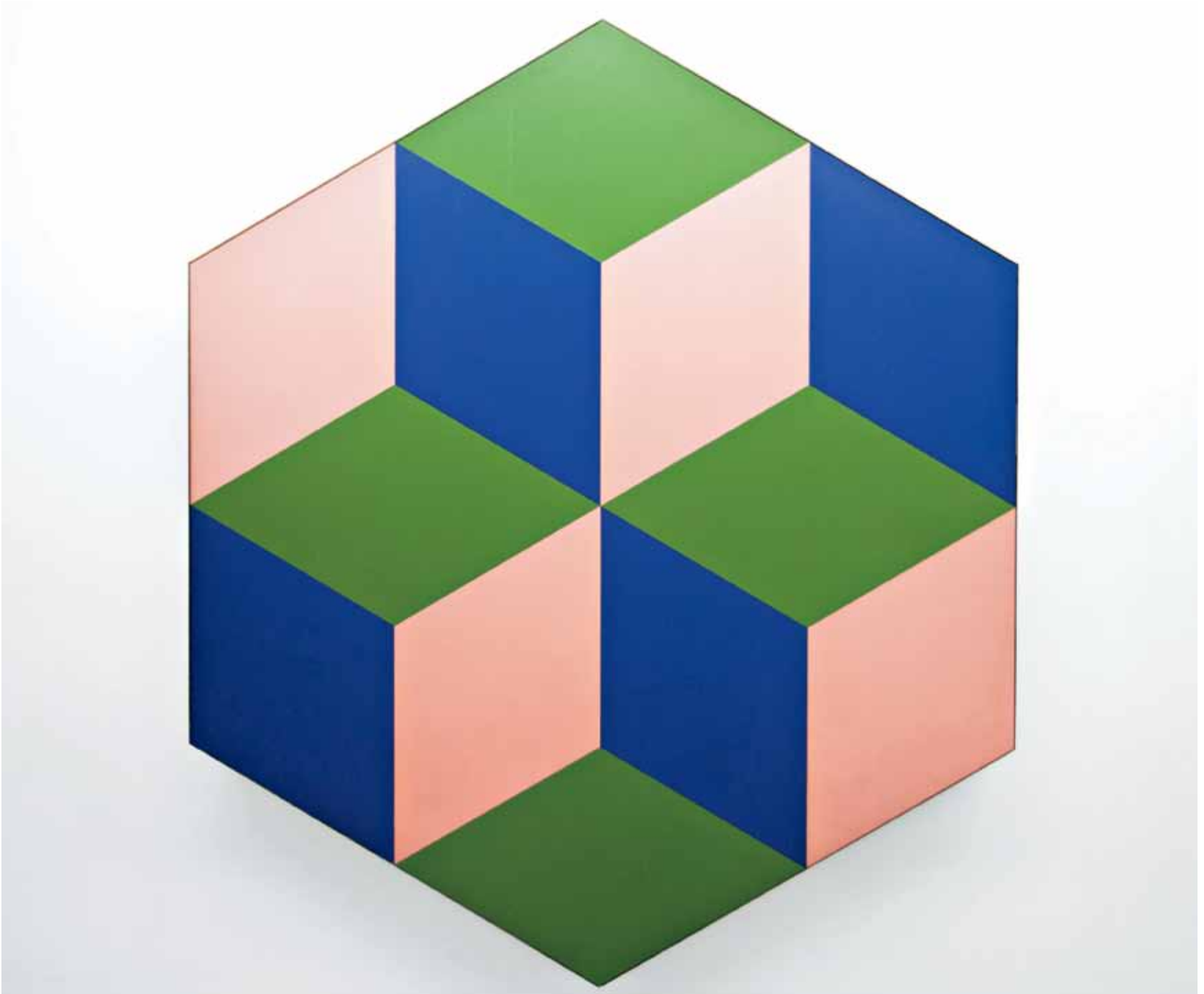
Geraldo de Barros (Xavantes, SP, 1923 – São Paulo, SP, 1998), pintor, fotógrafo, desenhista, artista gráfico, design de móveis e gravador, iniciou sua formação artística estudando Desenho e Pintura com Clóvis Graciano, Colette Pujol e Takaoka. Em 1947, participa da criação do *Grupo 15*, em cujo ateliê instala um laboratório fotográfico. Frequenta o Foto Cine Clube Bandeirantes. Em 1949, com Thomaz Farkas, cria os cursos de fotografia do Masp. E, em 1950, realiza a exposição *Fotoformas* no Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo cuja repercussão lhe rende uma bolsa de estudos do governo francês.

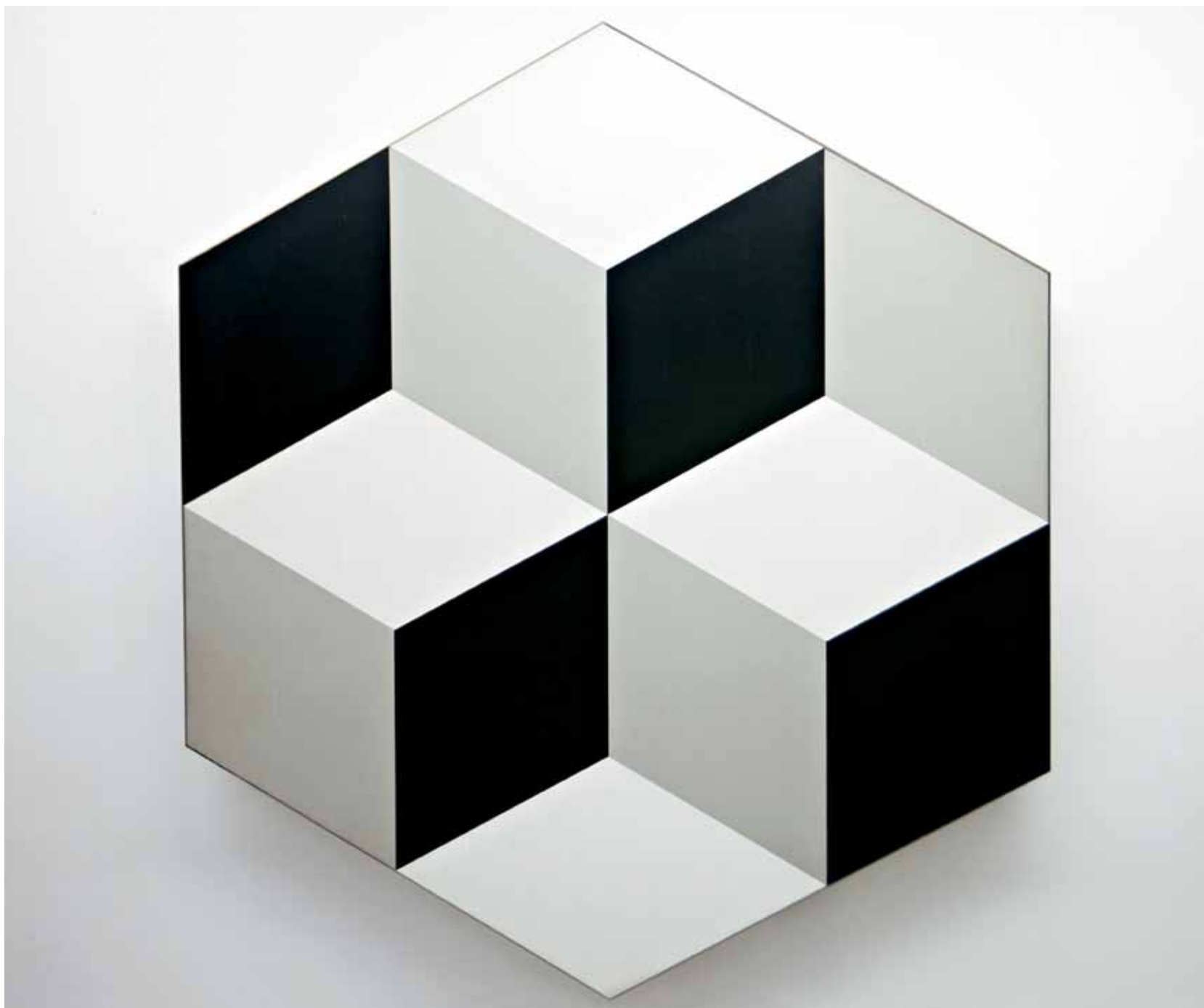
Viaja para Paris, onde estuda litografia e gravura. Faz curso de artes gráficas na Escola Superior da Forma, em Ulm, Alemanha. De volta ao Brasil, participa, em 1952, no MAM/SP, da exposição *Ruptura*, marco zero do concretismo brasileiro. A partir de 1954, atua nas áreas do design e da comunicação visual na Cooperativa Unilabor, na Hobjeto Móveis e na empresa de design gráfico Forminform, em São Paulo. Em 1956/57, integra a I Exposição Nacional de Arte Concreta e, em 1966-67, o Grupo Rex. Depois de um período de dedicação a outras atividades, Geraldo de Barros volta à fotografia no final dos anos 1970 em função de uma isquemia cerebral que tolheu parte de seus movimentos.

Geraldo de Barros participa de numerosas exposições coletivas no Brasil e no exterior e realiza mais de 30 exposições individuais no Brasil, Argentina, Itália, Estados Unidos e Suíça. Uma delas é *Geraldo de Barros, Peintre et Photographe*, retrospectiva realizada em 1994 no Musée de l'Elisée, em Lausanne e, no ano seguinte, no MIS/SP. Documenta a mostra um livro-catálogo intitulado *Fotoformas*, que inclui prefácio de Max Bill.

Numerosas são também suas exposições póstumas, responsáveis por seu prestígio crescente. Suas obras estão presentes nos acervos dos principais museus brasileiros e em importantes coleções internacionais, entre elas a da Max Bill Foundation, Suíça, do Museum of Fine Arts, Houston, do The Museum of Modern Art – MoMA, EUA; Ludwig Museum, Alemanha; Musée d'Art Contemporain de Grenoble, França; Coleção Cisneros, Venezuela e outras.

Na Estação Clínicas do Metrô, está instalada uma obra composta por três cubos da produção concreta de Geraldo de Barros: *Jogos de Dados*. A obra, realizada com laminado plástico sobre madeira, dentro do ideário concretista, utiliza princípios da *gestalt* em sua concepção. Cada uma dessas obras é constituída por 12 losangos que se articulam formando conjuntos de três cubos, na vertical e na diagonal, de acordo com a percepção mutante do conjunto. A primeira é formada por losangos azuis, verdes e laranjas; a segunda, por losangos azuis, vermelhos e amarelos e a terceira, por losangos pretos, brancos e cinzas. Segundo a teoria gestáltica, o todo é maior do que a soma de suas partes. Assim, a união dos 12 losangos na obra de Geraldo de Barros resulta num terceiro elemento que é o conjunto de todos eles, conjunto esse que tem características absolutamente originais.





Título

Voo de Xangô

Gênero

Escultura

Técnica

Aço pintado com tinta epóxi

Dimensões

8 m x 20 m x 4 m

Data

1999

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Jardim São Paulo,
jardim externo



GILBERTO SALVADOR



Gilberto Salvador (São Paulo, SP, 1946), pintor, escultor, desenhista, gravador e professor, diplomou-se pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (1969), integrando mais tarde seu corpo docente. Durante os estudos universitários iniciou sua carreira de artista plástico ao expor, em 1965, na Galeria de Arte do Teatro de Arena de São Paulo. Dois anos depois recebeu a medalha de ouro do Salão de Arte Contemporânea de Campinas e, nas edições de 1969 e 1970, o Prêmio Aquisição.

Participou de quatro versões da Bienal de São Paulo, de aproximadamente cem outras exposições coletivas no Brasil e no exterior e realizou 60 exposições individuais, duas delas no Masp (1985 e 1995). Sua obra foi tema de dois livros escritos pelo crítico de arte Jacob Klintowitz: *História Natural do Homem Segundo Gilberto Salvador* (1985) e *Gilberto Salvador – O Reino Interior* (2001), este lançado na abertura de sua exposição individual de mesmo nome na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Sua obra baseia-se no contraponto entre o estático e o dinâmico, entre o racional e o emocional, com prevalência de traços gestuais.

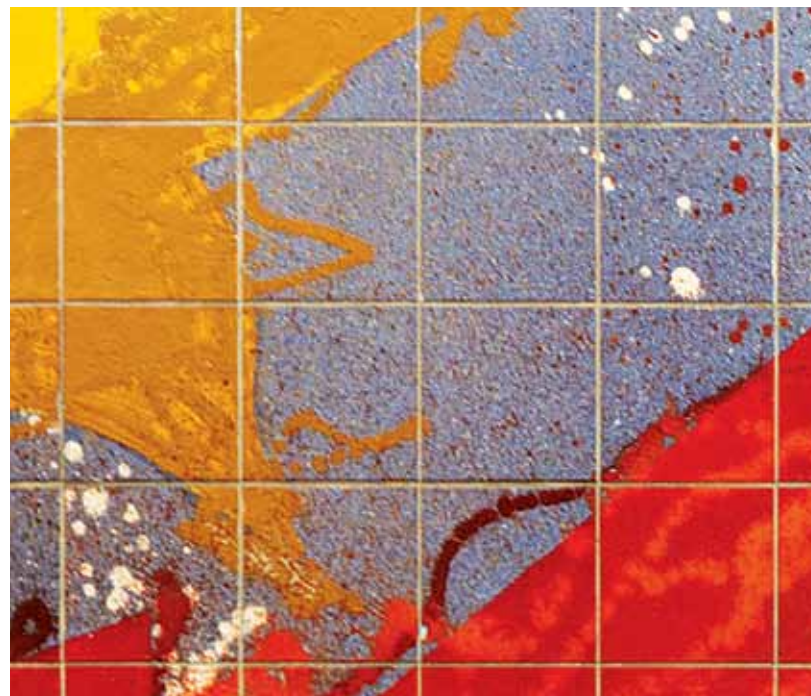
Em 1999, foi criada em São Paulo a Fundação Cultural e Artística Gilberto Salvador com o objetivo de cuidar de todos os aspectos relacionados à sua atividade artística e empreender projetos culturais. Nesse mesmo ano, ele criou para o jardim externo da Estação Jardim São Paulo do Metrô a escultura *Voo de Xangô*.

Segundo Gilberto Salvador, essa escultura “foi pensada a partir do significado da inter-relação de dois elementos que o homem sempre usou como parâmetro existencial, que são a força (a esfera) e o voo (os prismas geométricos), mas dentro de um contexto poético em que essas simbologias se inter-relacionem misticamente dentro da simbologia do Candomblé. Xangô, sempre lutador, forte, perscrutador da justiça e amante da vida com um voo poético e onírico em que as asas fortes e angulosas ajudam em sua missão, ou seja, a escultura *Voo de Xangô* é uma criação minha, sem a pretensão de descrição mística ou definição de meu Orixá”.

Gilberto Salvador é ainda o autor da obra *Voo de Aproximação* (2002), um grande painel de 150 metros quadrados, constituído por peças de cerâmicas esmaltadas, instalado na Estação Largo Treze do Metrô de São Paulo, até 2001 integrante da Linha G da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos - CPTM.





**Título**

Voo de Aproximação

Gênero

Painel

Técnica

Pintura e esmalte em cerâmica de alta temperatura

Dimensão

150 m²

Data

2002

Localização

Linha 5 – Lilás, Estação Largo Treze, mezanino

Título

Engates Laterais

Gênero

Pintura

Técnica

Óleo sobre tela

Dimensões

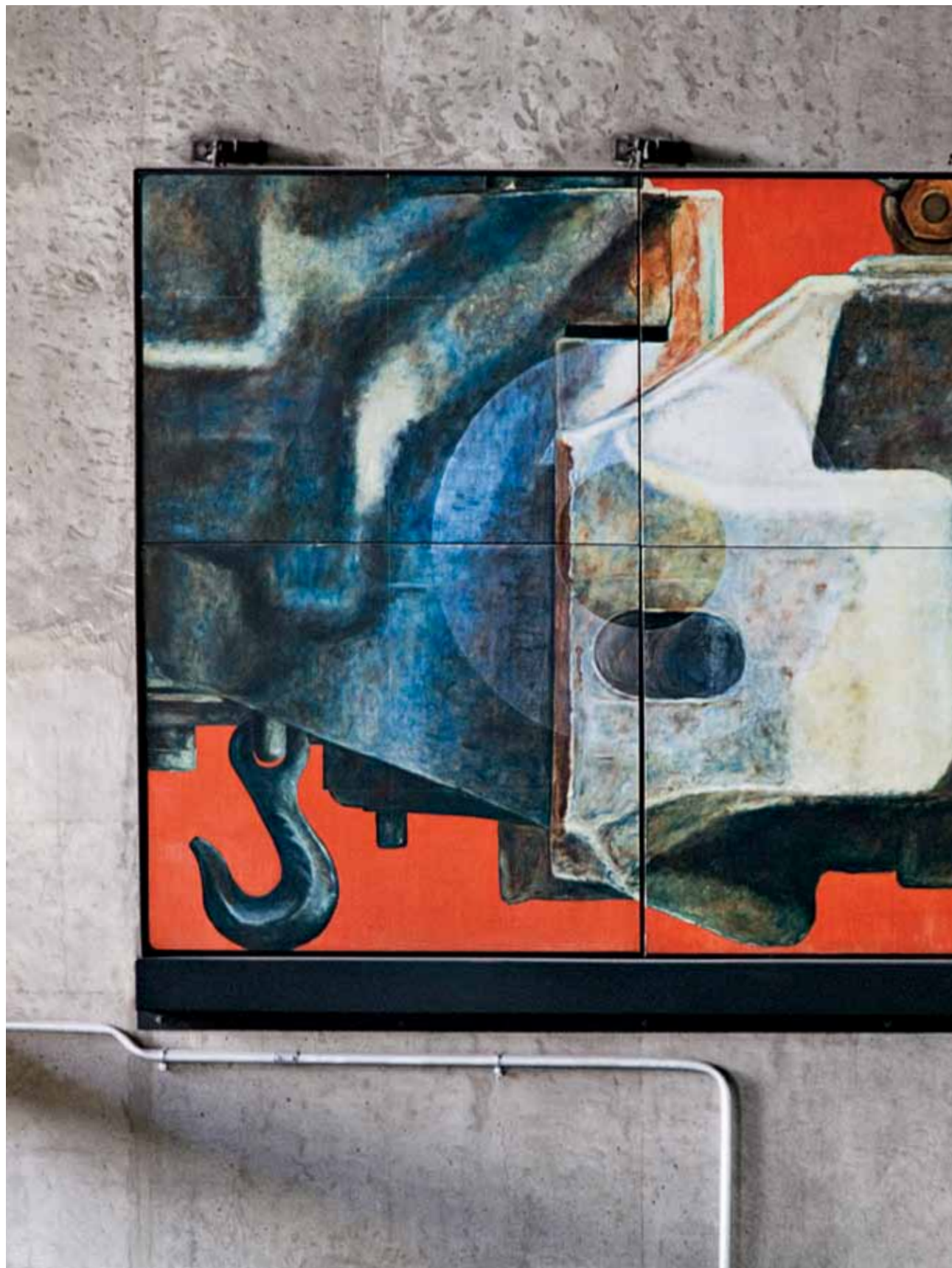
1,9 m x 2,4 m

Data

1992

Localização

Linha 2 - Verde, Estação Ana Rosa, plataforma de acesso à Linha 2 - Verde



GLAUCO PINTO DE MORAES

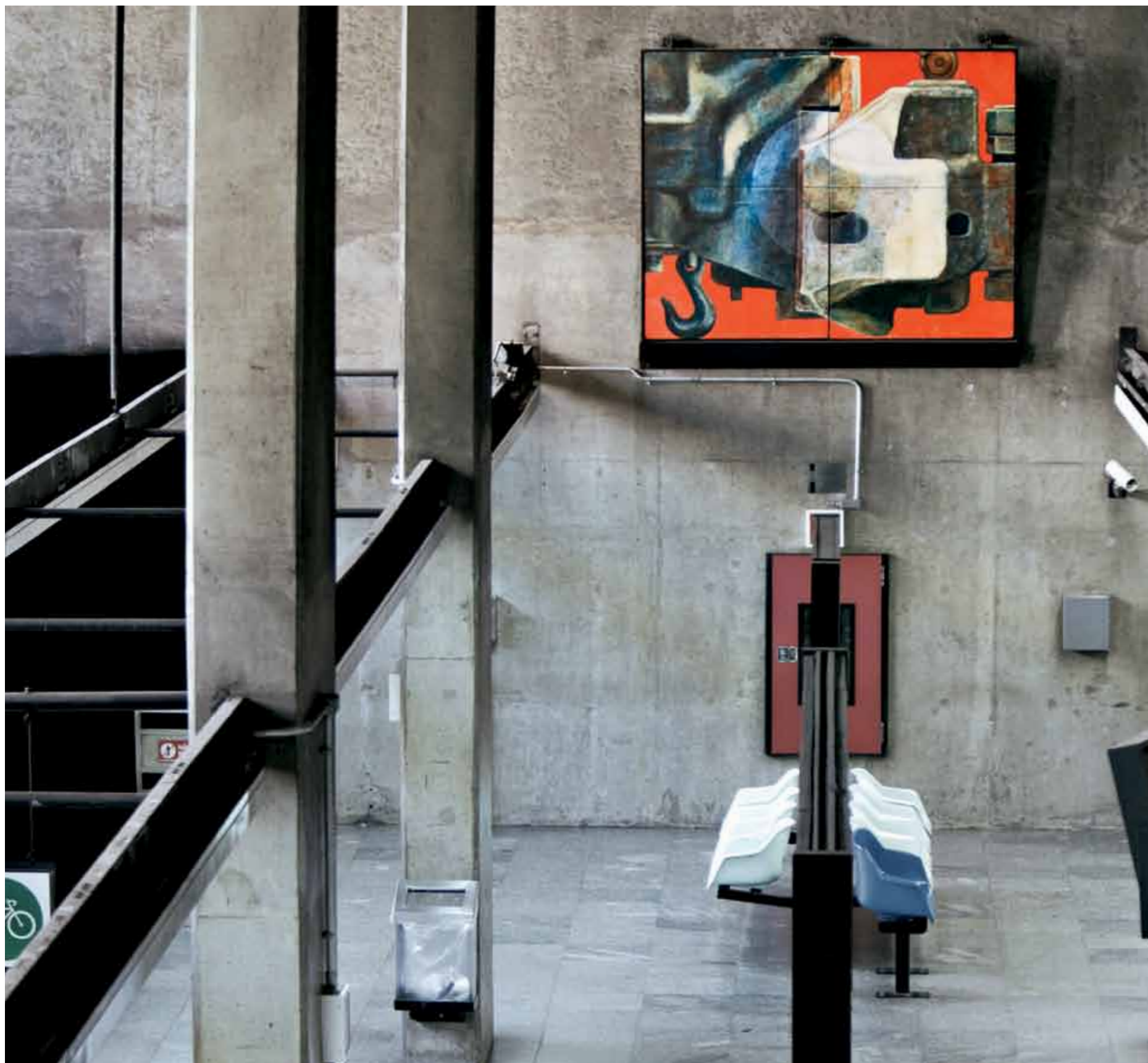


Glauco Pinto de Moraes (Passo Fundo, RS, 1928 - São Paulo, SP, 1990), pintor, desenhista e gravador. Diplomou-se em Direito (1950) exercendo a profissão em Porto Alegre durante anos. Paralelamente, pintava nas horas vagas. Aos poucos afastou-se da advocacia e aproximou-se da arte, até assumi-la plenamente.

Em 1972 realizou sua primeira exposição individual na Galeria Leopoldina, em Porto Alegre, seguindo-se mais nove outras na mesma cidade, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Pela individual realizada no MAB/FAAP, em 1977, recebeu o Prêmio ABCA de Pintura. Paralelamente, Glauco participou da Bienal Internacional de São Paulo (1975, 79 e 85); do Panorama da Arte Atual Brasileira no MAM/SP (1976, 77, 79, 80, 83, 86 e 89); da Bienal Nacional de 1974; da I Bienal Latino-Americana (1978); da Bienal de Havana, Cuba (1986); da mostra *Dois Hiper-realistas: João Calixto e Glauco Pinto de Moraes*, no MAB/FAAP (1977); da *Créativité dans l'Art Brésilien Contemporain*, nos Musées Royaux des Beaux-Arts de Bruxelas, Bélgica, e outras. Em 1978, Glauco Pinto de Moraes recebeu o Prêmio de Viagem ao Exterior no 1º Salão Nacional de Artes Plásticas, no Rio de Janeiro. No fim da vida, exerceu a administração cultural como Assessor Especial de Artes Plásticas da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo e como vice-presidente do Condephaat.

Glauco Pinto de Moraes realizou uma pintura hiper-realista e, para tanto, costumava utilizar projeções fotográficas que o auxiliavam na obtenção de resultados muito próximos do real, com riqueza de detalhes. Elegeu como tema praticamente único de sua obra de maturidade a máquina, sobretudo a locomotiva, enfocando com destaque os engates de vagões, geralmente sobre fundos chapados coloridos. Um deles está na Estação Ana Rosa do Metrô de São Paulo e figurou na capa da primeira edição do livro *Arte no Metrô*. O tema certamente tem a ver com a infância no interior do Rio Grande do Sul, quando se deleitava de ver as *Marias-Fumaças* em movimento sobre os trilhos. Os engates têm, adicionalmente, o sentido simbólico da união, da ligação de coisas entre si, do seguir junto.

Para o crítico de arte Walmyr Ayala, “quando Glauco Pinto de Moraes pinta uma locomotiva, com a crueza e a espantosa poesia de um pôster, está autorizando um símbolo universal e aberto. Contornando a realidade como assunto e como mensagem, esse pintor gaúcho alcança uma aproximação muito feliz do hiper-realismo, que poderíamos situar como inovação local do enfoque do real...”





**Título**

*Aspectos das Populações Brasileiras
(Painel 1, acima à direita e Painel 2, acima à esquerda)*

Gênero

Painel

Técnica

Óleo sobre compensado naval

Dimensões

4 m x 16 m (Painel 1) e 4 m x 10 m (Painel 2)

Data

1989

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Marechal Deodoro,
jardim externo, em frente ao acesso sul

GONTRAN GUANAES NETTO



Gontran Guanaes Netto (Vera Cruz, São Paulo, 1933) desenhista, pintor e professor, descende de uma família de trabalhadores rurais. Optando pelas artes visuais, começou sua carreira ao participar do IV Salão Nacional de Arte Moderna. Desde então suas obras estiveram presentes em numerosas exposições coletivas, no Brasil e no exterior, grande parte delas de motivação política e social. Realizou também exposições individuais. Dedicou-se ao magistério de arte na Faap, em São Paulo, antes de exilar-se na França, em 1969, devido à sua militância política e ao recrudescimento do regime brasileiro no período. Gontran atuava sobretudo como ilustrador, com o codinome André.

Na França, Gontran tornou-se professor da Universidade de Paris e da Universidade de Nantes. Permaneceu na França durante 14 anos, período em que participou de numerosas ações políticas. Colaborou com o Museu Salvador Allende, foi um dos fundadores do Espaço Latino-Americano em Paris e vice-presidente do Museu Contra o Apartheid, instituído pela Organização das Nações Unidas. Em Paris aproximou-se do artista argentino Julio Le Parc.

Desde o início, a obra de Gontran Guanaes Netto privilegia a figuração social expressionista. Quando retornou ao Brasil, continuou sua luta “em favor dos sem-terra, dos oprimidos”. No final dos anos 1980, comemorava-se o bicentenário da Revolução Francesa. Gontran propôs ao Metrô de São Paulo a realização de uma série de painéis, tendo como tema os brasileiros, a liberdade e os direitos humanos. Com a aprovação da empresa, começa a pintar uma série de sete painéis, três deles intitulados *Aspectos das Populações Brasileiras*; um deles, *Traços das Populações Brasileiras*; outro sobre a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* e dois intitulados *Marianne*. Para tanto, instalou ateliê ao lado da estação. Conversava com os transeuntes, com os passageiros do metrô, entre eles Adriana Madeira, que veio a tornar-se mãe de seu quarto filho, Gabriel. Colocou no painel 4, referente à *Declaração*

dos Direitos Humanos, o rosto de alguns populares que posaram para ele no próprio ateliê da Praça Marechal Deodoro ou que lhe trouxeram fotografias ao lado de vários de seus heróis, tais como Luiz Carlos Prestes, e sua mulher Olga Benário, Sandino, Chico Mendes, Lamarca, Marighela, Fidel Castro, Nelson Mandela e outros. Ao restaurá-los, em 2011, incluiu mais um rosto: o de Arafat, o que causou polêmica. Marianne, a mulher que representa uma alegoria à liberdade na famosa pintura de Delacroix, empunha num painel a bandeira da França e em outro, uma bandeira com as cores verde e amarela do Brasil. Os painéis foram realizados em 1989 e começo de 1990. Concluídas as obras da Estação Marechal Deodoro, Gontran iniciou uma nova série de 10 outras a que denominou de *A Catedral do Povo*, na Estação Corinthians-Itaquera, com alturas de 2 a 2,3 metros e larguras de 12 a 13 metros. No momento Gontran restaura esses painéis. “Depois – afirma – com 80 anos de idade, posso voltar à França e morrer tranquilo, com a certeza de que deixei no Brasil uma obra importante”.



Título
Aspectos das Populações Brasileiras (Painel 2)

Gênero
Painel

Técnica
Óleo sobre compensado naval

Dimensões
4 m x 10 m

Data
1989

Localização
Linha 3 - Vermelha, Estação Marechal Deodoro,
jardim externo, em frente ao acesso sul





Título
Aspectos das Populações Brasileiras (Painel 3)

Gênero
Painel

Técnica
Óleo sobre compensado naval

Dimensões
4 m x 10 m

Data
1990

Localização
Linha 3 - Vermelha, Estação Marechal Deodoro, jardim externo, em frente ao mezanino



Título
Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (Painel 4)

Gênero
Painel

Técnica
Óleo sobre compensado naval

Dimensões
2 m x 16 m

Data
1989

Localização
Linha 3 - Vermelha, Estação Marechal Deodoro, acesso à plataforma

Título*Traços das Populações Brasileiras (Painel 5)***Gênero**

Painel

Técnica

Óleo sobre compensado naval

Dimensões

2 m x 2 m

Data

1989

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Marechal Deodoro, plataforma

**Título***Marianne (Painel 6 e Painel 7)***Gênero**

Painel

Técnica

Óleo sobre compensado naval

Dimensões

2 m x 2 m

Data

1989

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Marechal Deodoro, plataforma sentido Barra Funda



Título
A Catedral do Povo (Painel 1, 2, 3 e 4)

Gênero
Painel

Técnica
Óleo sobre compensado naval

Dimensões
2 m x 13 m (Painel 1 e 2), 2,3 x 12,3 m (Painel 3)
e 2 m x 13 m (Painel 4)

Data
1990

Localização
Linha 3 - Vermelha, Estação Corinthians-Itaquera



**Título**

A Catedral do Povo (Painel 5, 6 e 7)

Gênero

Painel

Técnica

Óleo sobre compensado naval

Dimensões

2 m x 13 m (Painel 5), 2 m x 12 m (Painel 6)
e 2 m x 13 m (Painel 7)

Data

1990

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Corinthians-Itaquera

**Título**

A Catedral do Povo (Painel 8, 9 e 10)

Gênero

Painel

Técnica

Óleo sobre compensado naval

Dimensões

2,3 m x 12,4 m (Painel 8), 2 m x 13 m (Painel 9)
e 2 m x 12 m (Painel 10)

Data

1990

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Corinthians-Itaquera



HIRO KAI



Hironobu Kai (Sasebo, Japão, 1955), artista intermídia, desenhista, gravador e pintor, formado em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado – Faap, em 1981. Iniciou sua carreira como artista plástico em 1976, quando participou do 5º Salão Bunkyo, na Sociedade de Cultura Japonesa, no qual obteve Menção Honrosa, e realizou sua primeira exposição individual na Pinacoteca Municipal de Franca. As participações em salões se multiplicaram nos anos seguintes e Hiro Kai conquistou Prêmios Aquisição no Salão de Arte de Ribeirão Preto (1979-81), Salão de Arte de Franca (1980), Salão de Arte Contemporânea de Santo André (1980-82), Salão Brasileiro de Arte da Fundação Mokiti Okada (1980), Salão de Artes Visuais de Rio Claro (1981), Salão Bonkyo (1981), Salão de Artes Plásticas de Presidente Prudente (1982), Salão de Arte Jovem de Santos (1982), Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba (1983), tornando-se um dos mais premiados artistas no período em São Paulo. Em 1980, trabalhos de sua autoria são incluídos na mostra *Jovem Desenho Nacional* no Museu de Arte Contemporânea da USP. Em 1979, Hiro participa do 18º Prêmio Internacional de Desenho Joan Miró, em Barcelona iniciando ali suas participações internacionais.

Numa apresentação dos trabalhos de Hiro Kai em 1983, assim se expressou o crítico Olney Krüse: “O mergulho-curiosidade de Hiro Kai parece atingir o núcleo do pigmento, o centro da cor e o reino absoluto (e desconhecido) onde a Arte (leia-se, aqui, a Pintura) se instala. E é nesse momento que, acredito, ele penetra, sem saber, no emaranhado da Tecnologia e pinta os segredos mais secretos do mistério da Televisão, criando a Videopintura”.

Hiro Kai voltou a morar no Japão, mas retornou a São Paulo, onde reside e trabalha atualmente dedicando-se sobretudo ao magistério, ao designer gráfico e à montagem de exposições. Na tela *Pós-80*, exposta na Estação Liberdade do Metrô de São Paulo, aborda o tema da imigração mediante grandes embarcações, que navegam na base e numa faixa iluminada no centro da tela, com fundo escuro profundo e estrelado, remetendo às noites solitárias dos navios que trouxeram os imigrantes japoneses para o Brasil. Em cima, as mesmas datas – 1908-1988 – e inscrições invertidas e o navio, também de cabeça para baixo, ligeiramente inclinado para trás.


Título

Pós-80

Gênero

Pintura

Técnica

Mista sobre tela

Dimensões

1,8 m x 1,15 m

Data

1998

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Liberdade, mezanino

Nos anos 1980, Hiro Kai fez parte do Grupo Aterror, juntamente com Mari Kanegae e Alice Haga. De 1977 a 1982, realiza uma individual por ano na Universidade Federal de São Carlos, SP; Galeria Projecta, São Paulo; Faculdade Santa Marcelina, São Paulo, Hotel Nikkei, São Paulo e Itaugaleria, Ribeirão Preto. Expandindo sua carreira para o mercado japonês, realiza individuais em Saikai Gallery, em Sasebo (1982-84), na Kokuraya Gallery, em Nagasaki (1983), na La Pola Gallery, em Sasebo (1983); no Mitsukoshi Dept., Sunshine 60, em Tóquio (1983); na Villon Gallery, Sakata (1984). Em 1990, volta a expor em Sasebo, no Clo-tho Design Office, depois de realizar mais três individuais no Brasil.



HISAE SUGISHITA



Hisae Sugishita (São Paulo, SP, 1941), pintora, ceramista e professora, graduou-se em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado – Faap e em Educação Musical pelas Faculdades Integradas Tereza D’Ávila. Fez curso de Arte na American Academy School, em Paris; Desenho com Carlos Fajardo, em São Paulo; Gravura com Evandro Carlos Jardim, em São Paulo. Participou de workshop com Nelson Leirner, Iole de Freitas e o artista plástico indiano Autarjeet Singh Dhanjal. A partir de 1984, foi lecionar escultura na Faculdade de Artes Tereza D’Ávila – Fatea.

A partir de 1986, expõe em conjunto com Yae Takeda.

Participa de exposições desde 1972. Expôs sua obra no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP, Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP Museu de Arte de São Paulo – Masp, Paço das Artes, São Paulo. Participou do IX e X Salão Nacional de Artes Plásticas, São Paulo; IV Salão de Arte Contemporânea, São Paulo; XVI e XIX Salão Bunkyo de Artes Plásticas, da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, São Paulo; do XVI Salão de Arte Contemporânea de Santo André, SP. Tem uma pintura de sua autoria na Estação Liberdade do Metrô de São Paulo. Trata-se de obra abstrata, espatulada, pintada durante encontro de artistas de origem japonesa no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, em homenagem ao 80º aniversário da chegada dos primeiros imigrantes nipônicos ao Brasil.

**Título**

Sem Título

Gênero

Pintura

Técnica

Acrílica sobre tela

Dimensões

1,8 m x 1,15 m

Data

1988

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Liberdade, mezanino

ISABELLE TUCHBAND, VERENA MATZEN E PAULA PEDROSA



Isabelle Tuchband (Taubaté, SP, 1968) e Verena Matzen (Buenos Aires, Argentina, 1965) são as autoras do mural *São Paulo Viva*, de 6,5 metros quadrados, constituído por 180 peças de cerâmica pintadas à mão, instalado com a colaboração da arquiteta Paula Pedrosa (São Paulo, SP, 1968), na Estação Santa Cruz do Metrô de São Paulo. Trata-se de uma espécie de puzzle com imagens que remetem ao cotidiano da cidade de São Paulo, numa visão colorida e bem-humorada.



Isabelle Touchband é filha do pintor francês Émile Tuchband. Aos 18 anos, estuda Escultura com José Demétrio. Depois vem para São Paulo onde cursa Artes Plásticas na Faculdade Santa Marcelina. Recebe orientação do pintor Paulo Pasta. Viaja para Paris e estuda na École des Arts Décoratifs, no Museu do Louvre. De volta ao Brasil, abre o *Atelier Cité* juntamente com a pintora Verena Matzen, voltando-se sobretudo para o trabalho em faiança e porcelana. Participa de numerosas exposições coletivas e realiza sete individuais, uma delas em Paris, na Galerie Landrot.



A argentina Verena Matzen mudou-se para o Brasil em 1972, fixando-se em São Paulo, onde estuda Artes na Faculdade Santa Marcelina. Começa a expor sua obra em 1987. No ano seguinte, segue para Paris, onde cursa Escultura na École des Arts Décoratifs, História da Arte no Museu do Louvre e vidros. De volta ao Brasil, torna-se sócia de Isabelle Tuchband no *Atelier Cité*. Verena participa de numerosas exposições coletivas no Brasil, na França, na Espanha, Alemanha e no Líbano. Realiza individual no Museu Banespa, São Paulo (1996) e na Galerie Zygmunt Kislansky, em Paris (1997).

Isabelle Tuchband e Verena Matzen criaram os desenhos e as pinturas sobre azulejo, que foram posteriormente submetidos à queima para adquirir resistência. A arquiteta Paula Pedrosa ocupou-se de toda a parte técnica, tendo realizado o desenho da estrutura da obra e acompanhado cada detalhe de sua instalação num painel curvo na Estação Santa Cruz, em frente à escada rolante que dá acesso ao Shopping, o que lhe confere uma visibilidade extraordinária. Isabelle afirma: “Levar o meu trabalho a quantas pessoas puder é minha missão”. Verena pensa da mesma forma. Com o mural *São Paulo Viva*, constituído de aproximadamente duas centenas de peças, metade criada por Isabelle e metade por Verena e misturadas durante a montagem, elas cumprem a missão de levar a Arte ao povo. Milhares de pessoas entram em contato com a arte que elas fazem todos os dias, uma arte colorida, alegre, que evidencia as diferentes etnias da cidade, que privilegia a figura feminina e que inclui também bichos, paisagens, utensílios, flores, projetando o cotidiano de São Paulo.

**Título**

Estudo de Homem nº 1

Gênero

Escultura

Técnica

Concreto - molde perdido

Dimensões

1 m de altura

Data

1989

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Santa Cecília, mezanino

JOSÉ GUERRA



José Guerra (Espanha, 1941), escultor, inicia muito cedo sua formação artística. Em 1952, ingressa na Escola de Artes e Ofícios de Madrid, onde permanece até 1958, recebendo orientação de importantes artistas espanhóis da época. A partir de 1956, estuda Escultura na Real Academia de São Fernando. Paralelamente, estuda Cerâmica e História da Arte. Muda-se para São Paulo em 1958, onde produz esculturas de bronze que têm como temas prevalentes cavalos e figuras humanas, sobretudo mulheres. Mostra seu trabalho em exposições individuais e coletivas realizadas no Brasil, entre elas o *Panorama da Arte Atual Brasileira*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP, Alemanha, Espanha e Estados Unidos. Possui obras instaladas em diversas instituições públicas e privadas no Brasil, entre elas Ford, Volkswagen, Chevrolet, Rede Globo, Rede Record de Televisão e a Companhia Energética do Estado de São Paulo – CESP. É ainda autor de troféus destinados a premiados do Fundo das Nações Unidas para a Infância – Unicef.

Suas esculturas geralmente não são realistas. Mediante rupturas na superfície de suas peças, ele possibilita a criação de sugestivos efeitos de luz e sombra.

Filho de pai biotecnólogo, acabou aproximando-se desse segmento do conhecimento científico. Tem um laboratório em São José, na região da Grande Florianópolis, para onde se mudou há cerca de 12 anos, onde desenvolve pesquisas científicas.

José Guerra tem na Estação Santa Cecília do Metrô de São Paulo as obras *Estudo de Homem nº 1* e *Estudo de Mulher nº 1* em concreto, que sintetizam suas qualidades de escultor.



**Título**

Estudo de Mulher nº 1

Gênero

Escultura

Técnica

Concreto - molde perdido

Dimensões

1,2 m de altura

Data

1989

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Santa Cecília, mezanino

Título

Os Senhores do Movimento

Gênero

Painel

Técnica

Acrílica sobre tela

Dimensões

3,5 m x 8 m

Data

1990

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Palmeiras/Barra Funda, plataforma



JOSÉ ROBERTO AGUILAR



José Roberto Aguilar (São Paulo, SP, 1941), pintor, performer, videomaker, escultor, músico, curador e escritor. Autodidata, com apenas 15 anos de idade, cria, juntamente com Jorge Mautner e José Agripino o movimento literário, filosófico e performático *Kaos*. Também com Jorge Mautner ingressa no Partido Comunista Brasileiro em 1962, convidado por Mário Schenberg para integrar uma célula cultural no Comitê Central. Em 1963, começa a pintar. E nesse mesmo ano participa da 7ª Bienal Internacional de São Paulo, recebendo o Prêmio Itamarati.

“Quem me ensinou a pintar foi o Mautner”, declarou o artista em 1984. E continua: “Um dia ele chegou e disse, cheio de segurança e arrogância: vamos pintar. (...) Quando abri o tubo de terebentina, aquele cheiro me envolveu”. Começou e nunca mais parou. Em 1985, participa de uma exposição emblemática do período, *Opinião 85*, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro/MAM/RJ. Com a recrudescência do regime militar em 1968, deixa o Brasil no ano seguinte para viver em Londres e Nova York até 1975. Data dessa época sua aproximação com a videoarte, área em que ele é também considerado pioneiro no Brasil. Retornando a São Paulo em 1976, participa da 14ª Bienal Internacional de São Paulo com uma videoinstalação. No início dos anos 1980, cria a *Banda Performática* que, segundo Arnaldo Antunes, “reúne pintura, música, teatro e circo”. Na década seguinte realiza pinturas de grandes dimensões e paralelamente dedica-se à cerâmica e às esculturas de vidro. A partir de 1995, durante alguns anos, empenha-se também na administração cultural como diretor da Casa das Rosas e do escritório paulista do Ministério da Cultura.

Suas primeiras obras revelam interesse pelo realismo mágico e sua produção do período o credencia como um dos pioneiros da nova figuração no Brasil. Sua obra, todavia, evolui para a abstração mediante um grafismo intenso e agitado. Começa então a pintar com spray e pistola de ar comprimido. Artista múltiplo, Aguilar produz desenhos, xilogravuras, pinturas, esculturas, vídeos, performances e escreve livros, entre eles *A Divina Comédia Brasileira*, referenciado no livro homônimo de Dante Alighieri, *A Canção de Blue Brother*, *A Revolução Francesa de Aguilar*, *Hércules Pastiche*. Em 2005, por ocasião de exposição retrospectiva do artista na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP, é publicado o livro-catálogo *Brasil de Aguilar*. Referindo-se a Aguilar, assim se expressou o também artista múltiplo Arnaldo Antunes, em texto incluído no livro *Arte e Artistas Plásticos no Brasil*, Metalivros, 2000: “Sem abandonar a pintura – porto seguro de onde sempre partiu para outros descobrimentos, Aguilar chega agora a uma nova encruzilhada-síntese dos diversos meios por onde a imagem corre, em que a matéria e a realidade virtual se alimentam abrindo territórios e repertórios virgens a serem explorados”.

Para a Estação Palmeiras/Barra Funda do Metrô de São Paulo, Aguilar pintou, em 1990, um painel de 28 metros quadrados intitulado *Os Senhores do Movimento*, referindo-se aos deslocamentos do homem na cidade com o auxílio da roda. Trata-se de pintura que evidencia duas das qualidades mais típicas do artista: a gestualidade e a fremência.

JOSELY CARVALHO



Josely Carvalho (São Paulo, SP, 1942), artista multimídia, vive e trabalha em Nova York e no Rio de Janeiro. Estudou Desenho e Pintura com Antonio Gomide e Gravura com Marcelo Grassmann e Darel Valença Lins, na Fundação Armando Álvares Penteado – Faap, em São Paulo. Em 1964, viaja para os Estados Unidos, com bolsa da Organization of American States, obtendo em seguida sucessivas bolsas permitindo que ela desenvolvesse programas em diferentes áreas. Nos Estados Unidos, estuda Xilogravura com Leslie Laskey e Shiko Munakata. Ingressa na Escola de Arquitetura da Universidade de Washington, diplomando-se em 1967. Em 2000, é distinguida pela Fundação Rockefeller com residência no Centro Internacional de Pesquisas e Estudos de Bellagio, Itália.

moluscos. O *Livro das Telhas* de Josely Carvalho tem atualmente uma versão em formato eletrônico e pode ser acessado pela internet. A produção diversificada de Josely Carvalho envolve instalações, gravuras, fotografias, esculturas, objetos, pinturas, desenhos, livros de arte, vídeo e web-art.

Entre as obras públicas de Josely Carvalho destacam-se os painéis eletrônicos do Times Square, Public Art Fund, Nova York (1988) e a instalação permanente *Memorial Armênia*, na Estação Armênia do Metrô de São Paulo (1995). A obra instalada nos jardins externos da estação é um tributo à cultura armênia, memorial ao genocídio armênio de 1915-1917 ocorrido na Turquia.

Título

Memorial Armênia

Gênero

Instalação

Técnica

Mista (cerâmica, vidro jateado, luz, água e paisagismo)

Dimensões

2 peças de 3,66 m x 1,1 m

Data

1995

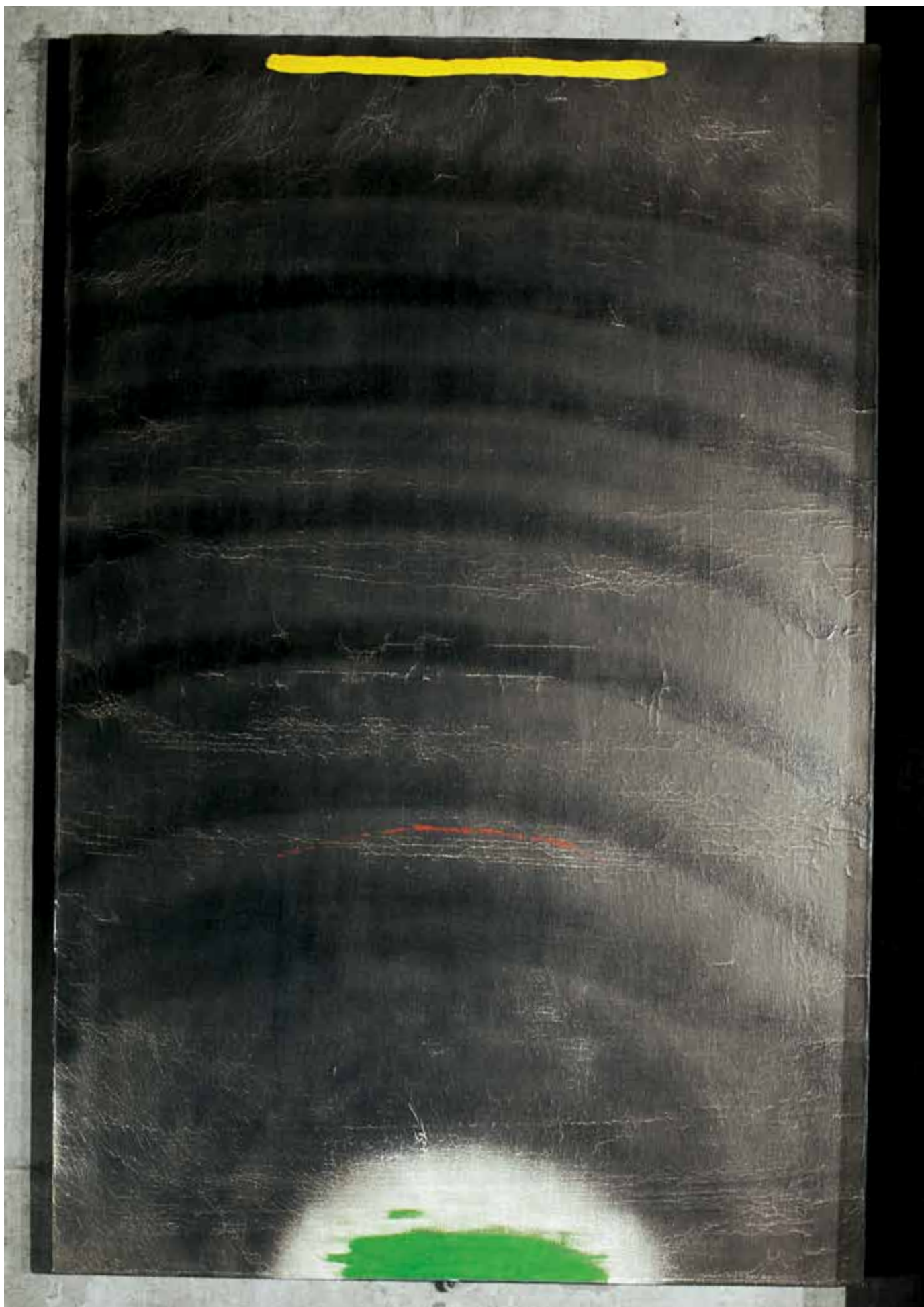
Localização

Linha 1 - Azul, Estação Armênia, jardins externos



Em 1974, expõe no Museu de Arte Contemporânea, em Curitiba, PR e, a partir de então, suas obras integram exposições em espaços de prestígio, tais como a Casa Del Lago, Cidade do México (1975), Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador (1981), Paço das Artes, São Paulo (1986-97), Casa de las Américas, Havana, Cuba (1986), Hillwood Museum, Nova York (1991), Art in General, Nova York (1993), Museu de Arte de São Paulo - Masp (1993), Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP (1994), Tyler School of the Arts, Filadélfia (1990) e outras.

Nos anos 1970, Josely Carvalho dedicou-se sobretudo à Serigrafia e a outros meios tradicionais da Arte. Na década seguinte, todavia, começou a trabalhar com recursos eletrônicos e digitais e, mais recentemente com a web-art. Um segmento importante de seu trabalho são as instalações híbridas, em que elementos artesanais, tais como telhas e tijolos, convivem com recursos eletrônicos avançados. Em sua obra mais conhecida, *Livro das Telhas*, ela explora a ideia de abrigo sob diversos ângulos e abrangências, desde a proteção contra as intempéries até os problemas sociais, tais como as crianças de rua e as pessoas sem-teto, passando pela noção de proteção do corpo como no caso dos cascos de tartarugas e conchas de



LAERTE YOSHIRO ORUI



Laerte Yoshiro Orui (São Paulo, SP, 1949), pintor, licenciou-se em Educação Artística pela Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado – Faap. Foi professor do curso preparatório para a Faculdade de Artes Plásticas da Faap, nas Faculdades Integradas Tereza D'Ávila, Lorena; e na Art Risco.

Começou a expor sua obra em 1976, tendo participado do VI, VII, VIII, XI, XIII e XIX Salão Bunkyo, da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. Participou ainda das mostras: *Nipo-brasileiros, Mestres e Alunos em 50 Anos*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo (1983), *Arte e Geração*, SESC do Carmo, SP (1983).

Trabalho de sua autoria, realizado durante performance de um grupo de artistas de origem japonesa no Parque do Ibirapuera, em 1988, em comemoração aos 80 anos da imigração japonesa no Brasil, está exposto na Estação Liberdade do Metrô de São Paulo. A obra faz referência simbólica à viagem dos imigrantes japoneses. É constituída por uma área central escura que remete a ondas marinhas noturnas; no alto, o artista colocou uma faixa amarela e, embaixo, uma mancha verde numa área iluminada; no centro da tela, uma fina pincelada com o vermelho da bandeira japonesa, resultando num trabalho de qualidade plástica e rico de significados.



Título
Momento História

Gênero
Pintura

Técnica
Mista sobre tela

Dimensões
1,8 m x 1,15 m

Data
1988

Localização
Linha 1 - Azul, Estação Liberdade, mezanino



Título
Gente, Viagem, Mente

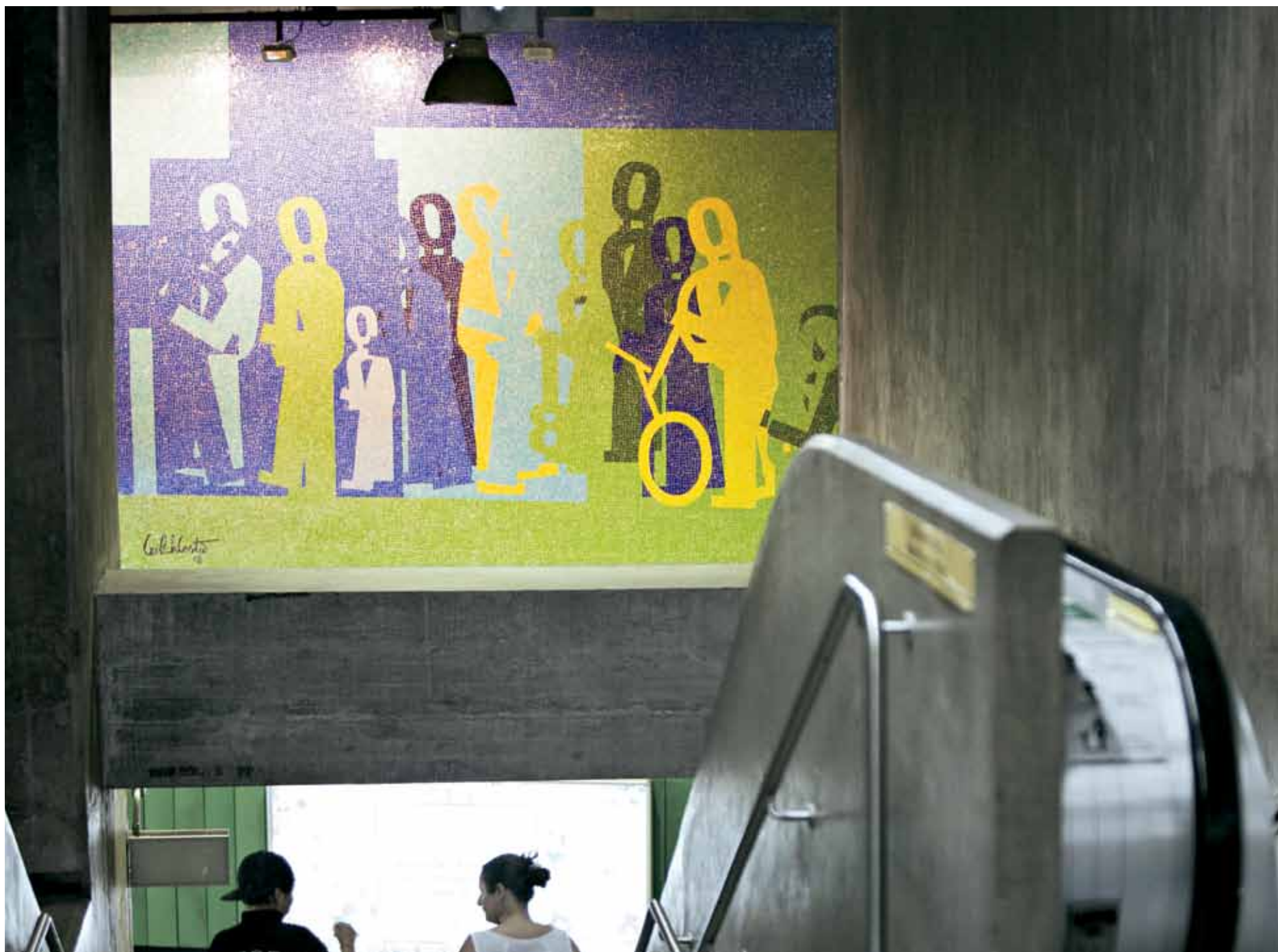
Gênero
Painel

Técnica
Mosaico em vidro colorido

Dimensões
3,71 m x 4,79 m

Data
2008

Localização
Linha 1 - Azul, Estação Vila Mariana, plataforma 1,
sentido Tucuruvi



LEILAH COSTA

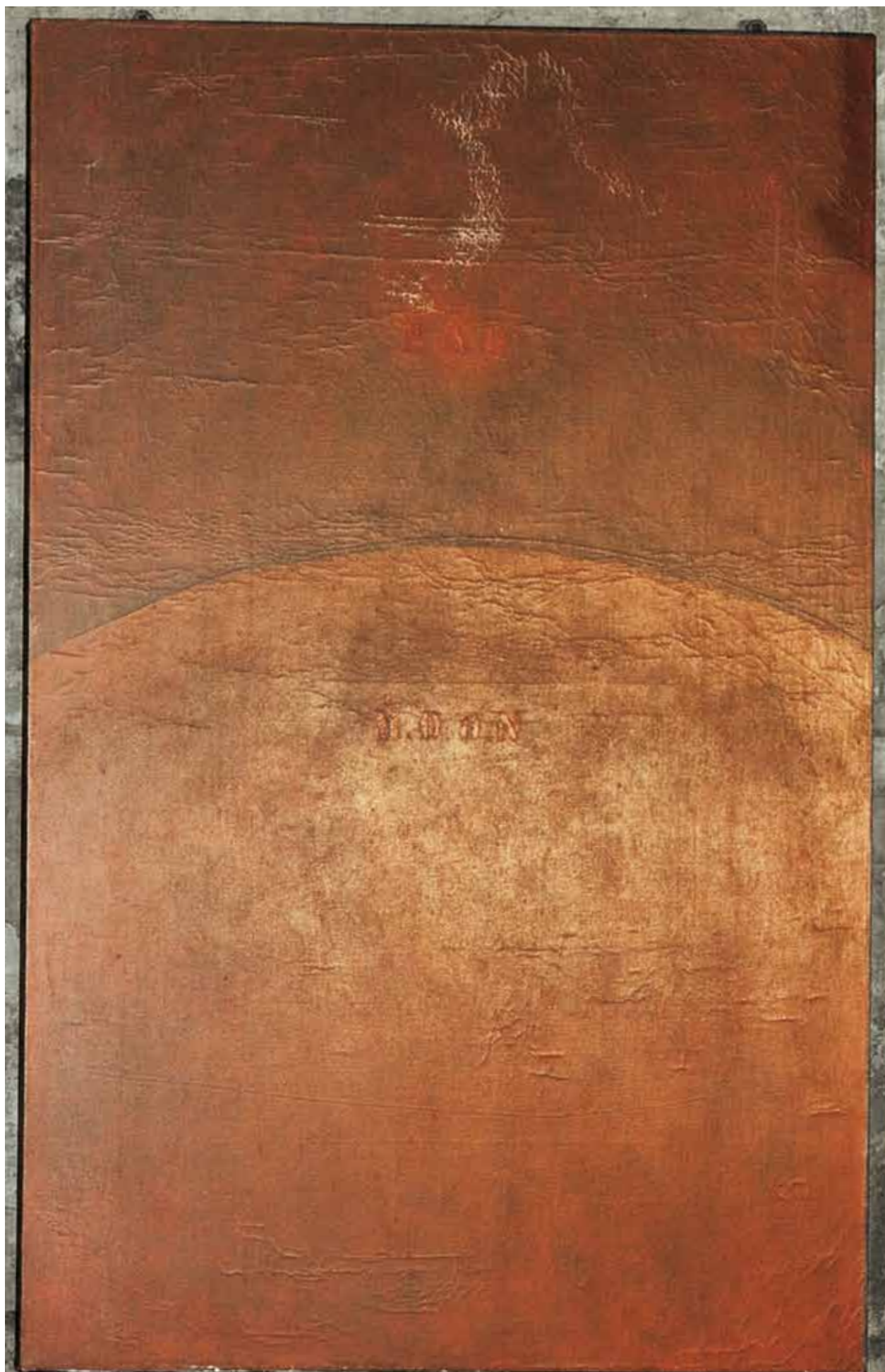


Leilah Costa (Rio de Janeiro, RJ, 1954), artista plástica, muralista, estudou Engenharia Civil na Faculdade de Engenharia Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro (1975-80). Em 2001, em São Paulo, ingressou na Panamericana Escola de *Arte e Design*, onde frequentou entre outros os cursos *Arte e Design e História da Arte* com o Giovanni Bagnoli, *Arte e Pintura* com o Ingris Speltlri (2002), além do workshop *Leitura e Interpretação Coletiva do Espaço Urbano* com Cláudio Tozzi. A partir de 2004, integra o grupo de orientados da Contemporarte sob orientação de Waldo Bravo. Nos últimos anos vem ampliando sua informação artística em vários workshops ministrados por Charles Watson, Inaê Coutinho, Frederico Carvalho, Reynaldo Roels e Agnaldo Farias.

Começou a expor sua obra em 2003, quando participou de coletiva na Galeria Angélica da Panamericana Escola de Arte e Design, na qual voltou a exhibir seu trabalho no ano seguinte. Ainda em 2004, obras de sua autoria integraram a mostra *Cruzamentos* realizada no Espaço Cultural do Santander Banespa, em São Paulo. Na sequência, participou de outras coletivas em São Paulo, entre elas *Convite a uma outra viagem*, na Estação da Luz; *XXXVI Exposição de Artes Plásticas Chapel Art Show*; *Salve a Diferença*, Galeria Cooperartista; *Branco no Branco*, Espaço Cosipa Cultural; *Diálogos com Tarsila*, Espaço Cultural Blue Life; *A Escrita na Arte e a Arte na Escrita*, Espaço Cosipa Cultural; *Interatividade*, Espaço Cosipa Cultural; *Bosch Medieval: Bosch Contemporâneo*, Galeria Área Artis; *Diálogos com Drummond*, Casa das Rosas (também apresentada na Pinacoteca Benedicto Calixto, em Santos) e *Revisitando Duchamp*, na Casa do Olhar em Santo André. Em 2006, realizou a individual de pinturas *Do Corpo do Signo ao Signo do Corpo* na Pinacoteca Benedicto Calixto, em Santos, SP.

Interessando-se pela arte pública, Leilah Costa realiza a obra *Conexão 3 e Desconexão I*, em 2005, para a Companhia Paulista de Trens Metropolitanos – CPTM. Três anos depois cria para a Estação Vila Mariana do Metrô de São Paulo o painel *Gente, Viagem, Mente* e, em 2010, a obra *Comunidade, Dignidade, Cidade* para a Estação General Osório do Metrô do Rio de Janeiro.

Sobre a obra *Gente, Viagem, Mente*, assim se expressa a artista: “Através da ressignificação poética dos signos alfabéticos e numéricos onde se estabelece um diálogo entre a Lógica e a Arte, busco fazer uma releitura do meio, o ambiente do Metrô, marcado pela ausência de palavras entre apressados transeuntes solitários, em busca de um objetivo comum que é chegar a seus destinos, ou por casais que fazem do meio o esconderijo do amor, angustiados pelo relógio, a não lhes permitir tempo para falar, e preencho esses vazios nas imagens de corpos humanos feitos de signos alfanuméricos que, por metáforas, representam um diálogo solitário de corpos”.



LÚCIO KUME



Lúcio Yutaka Kume (São Paulo, SP, 1951), desenhista, pintor, designer gráfico e artista intermídia. Estudou Desenho Publicitário com Nestor Peres, na Associação Paulista de Belas Artes, Fotografia no SENAC e Xilogravura com Paulo Menten.

Começa a expor sua obra em 1973, quando participa do Salão de Arte Contemporânea de Piracicaba. A partir de então, participa intensamente de salões de arte em São Paulo e do interior do Estado, obtendo diversos prêmios. Em 1975 é aceito no Salão Bunkyo, da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, no qual volta a expor em 1976, 77, 78, 79, 80, 81, 2001 e 2005. Em 1976, participa da Bienal Nacional e, em 1983, da mostra *Nipo-brasileiros, Mestres e Alunos em 50 Anos*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo e, no ano seguinte, da I Bienal de Havana, Cuba. Lúcio Kume inicia, em 1982, suas participações internacionais. Expõe nos Estados Unidos, Bélgica, Peru, Alemanha, Itália, Hungria, México, Cuba, Inglaterra, Japão, Canadá e Holanda. Em 1980, realiza sua primeira exposição individual, na Galeria SESC Paulista; em 1982, realiza mais quatro individuais: no Café Paris, em São Paulo, no Espaço Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina, no SESC/São Carlos e no Teatro Municipal de Araraquara.

Sua pintura *Bad moon* integra o conjunto das onze obras da Estação Liberdade, pintadas em comemoração aos 80 anos da imigração japonesa no Brasil e doadas pelos artistas ao Metrô de São Paulo para serem expostas na estação que serve ao “bairro japonês” de São Paulo. Com efeito, em 1908, chegava ao Porto de Santos o Kasato Maru, proveniente de Kobe, com 781 imigrantes japoneses. O sentimento desses imigrantes era naturalmente de grande apreensão em relação a um país tão distante, de cultura tão diferente, associado à frustração de não poder permanecer no país de origem em função de suas dificuldades sociais e econômicas do momento e a alguma esperança. As noites no Kasato Maru, mesmo as enluaradas, em alto-mar, não eram de euforia. Por isso, nem sempre a lua era uma *good moon*. Esta é uma das leituras possíveis dessa obra.



Título
Bad Moon

Gênero
Pintura

Técnica
Acrílica sobre tela

Dimensões
1,8 m x 1,15 m

Data
1988

Localização
Linha 1 - Azul, Estação Liberdade, mezanino

Lúcio Kume iniciou suas atividades artísticas pelo desenho e pela pintura, abrindo seu leque criativo para a xerografia e a colagem a partir do final dos anos 1970. Na apresentação que fez para a sua exposição *City-Ação*, realizada na Fundação das Artes de São Caetano do Sul, em 1980, assim se expressou Antonio Zago: “Gráfico e dramático: assim é o trabalho de Lúcio Kume. A relação imagem/palavra é muito importante, transformando alguns de seus quadros em verdadeiros poemas-processo, em que a imagem se organiza de forma poética. Sua temática é urbana ...” Referindo à sua opção pelo xerox, Lúcio Kume afirma que essa técnica “desmistifica a ideologia do virtuosismo técnico tão cara às técnicas tradicionais como a pintura, gravura etc.”, sendo um fator socializador da arte.

**Título**

A Sagração da Primavera

Gênero

Painel escultórico

Técnica

Mista (chapa de aço, resina sintética e pigmentos)

Dimensões

2,2 m x 4,5 m

Data

1999

Localização

Linha 2 - Verde, Estação Ana Rosa, mezanino

LUIZ GONZAGA M. GOMES



Luiz Gonzaga Mello Gomes (Júlio de Castilhos, RS, 1940), escultor e professor, graduou-se em Escultura, em 1966, pelo Instituto de Belas Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Frequenta o ateliê de Christina Balbão e estuda Tapeçaria com Yeddo Tietze. No fim da década de 1970, muda-se para Madri, onde vive e trabalha por dois anos, especializando-se em Pintura Mural na Escola de Belas Artes São Fernando, na Universidade Complutense da capital espanhola. De volta ao Brasil, lecionou no Centro de Artes da Universidade Federal de Santa Maria e, em 1985, torna-se professor do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Paralelamente a seu trabalho docente, Luiz Gonzaga M. Gomes vem desenvolvendo sua obra escultórica com regularidade expondo-a em diversos espaços no Brasil e no exterior. Participou da Bienal Ibero-Americana de Arte, no México (1984-86); do Panorama da Arte Atual Brasileira – *Formas Tridimensionais*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP (1988 e 1991); do *Faculty +1*, no The City College, Cidade Universitária de Nova York (1988), como artista convidado. Participou ainda do Salão Baiano de Artes Plásticas, Salvador (1988); da mostra *A Bienal e o Rio Grande do Sul*, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul – Margs (1991); da Bienal Internacional de São Paulo (1967 e 1991); e da Bienal Internacional de Barcelona, Espanha (1992).

Interessado em arte pública, é autor dos monumentos *Sabedoria*, instalado no jardim da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1977) e *Mortos e Desaparecidos Políticos*, escolhido em concurso público promovido pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, em 1995, e instalado no Parque Marinha do Brasil da cidade. Por seus trabalhos em prol da arte gaúcha, Luiz Gonzaga Mello Gomes recebeu da Câmara Municipal de Porto Alegre a Comenda Pedro Wingartner.

Para a Estação Ana Rosa do Metrô de São Paulo, o artista criou o painel escultórico *Sagração da Primavera* em chapa de aço, resina e pigmentos. O tema, que inspirou uma das mais significativas composições musicais de Igor Stravinsky, com a qual subverteu a estética musical do século passado abrindo as portas da modernidade musical, é recriado por Luiz Gonzaga Mello Gomes mediante duas figuras principais, que representam o feminino e o masculino, localizadas à esquerda e à direita da chapa metálica de fundo, separadas por símbolos de feitura geométrica. A primavera, estação do ano que vem após o inverno e precede o verão, está fortemente relacionada ao desabrochar das flores e à promessa dos frutos, à fecundação e à preservação da vida. É esse também o espírito do painel do escultor gaúcho instalado no mezanino da estação.



LUIZ HERMANO



Luiz Hermano Façanha Farias (Preaoca, CE, 1954), escultor, gravador, pintor, desenhista e artista intermídia, estuda Filosofia e, paralelamente, começa a pintar e a gravar no início dos anos 1970. Em 1979, no Rio de Janeiro, estuda Gravura com Carlos Martins, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, transferindo-se no mesmo ano para São Paulo.

Começa a expor sua obra em 1978, quando realiza individual na Galeria Credimus, em Fortaleza. No ano seguinte, no Salão de Abril da mesma cidade, obtém o primeiro prêmio de gravura. Com base em São Paulo, Luiz Hermano faz carreira rápida. Expõe individualmente no Masp (1979 e 81) e no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP (1982). As exposições individuais se sucedem em galerias e espaços institucionais, tais como a Fundação Cultural de Brasília (1983), Museu de Arte e Cultura Popular de Cuiabá, MT (1983), Paço das Artes, São Paulo (1984-85), MAC/USP (1990), MAM/SP (1994). Expõe individualmente no Brazilian American Cultural Institute e Art Studio, Washington (1987); na Galeria Debret, Paris (1984); e na Epiphaniikirche, Charlottenburg (1993), Embaixada do Brasil, Berlim (2001) e Adriana Schmidt Gallery, Stuttgart (2002), na Alemanha. O artista participa de numerosas exposições coletivas, entre elas a da Bienal Internacional de Seul (1983), a Bienal Pan-americana de Havana, Cuba (1986), a Bienal Internacional de São Paulo, de 1987. Luiz Hermano começou sua carreira produzindo desenhos e gravuras referenciadas no imaginário regional. Em seguida, vieram os objetos e as esculturas feitos com fios metálicos, remetendo a utensílios populares. Na sequência, surgiram peças que agregam diferentes materiais naturais e industrializados, tais como bichinhos de plástico, brinquedos coloridos, de nítido sentido lúdico.

Trabalhos de sua autoria integram numerosas coleções particulares – entre elas as coleções de Gilberto Chateaubriand, no Rio de Janeiro, e Patrícia Cisneiros, de Caracas – e públicas, tais como as do Masp, MAM/SP, MAC/USP, MAB/Faap, Pinacoteca do Estado de São Paulo e outras. Sua obra pública de maior visibilidade é uma estrutura metálica fixada no teto da Estação República do Metrô de São Paulo, que teria como ponto de partida “o esqueleto estrutural da arquitetura da construção do Metrô”.

Título

Século XXI - Resíduos e Vestígios

Gênero

Instalação

Técnica

Estrutura em ferro soldado, vergalhões e tela de ferro

Dimensões

12,2 m x 5,6 m

Data

1991

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação República, mezanino de integração entre as linhas 3 e 4



Título

Século XXI - Resíduos e Vestígios

Gênero

Instalação

Técnica

Estrutura em ferro soldado, vergalhões e tela de ferro

Dimensões

12,2 m x 3 m

Data

1991

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação República, mezanino





**Título**

Figuras

Gênero

Instalação

Técnica

Cerâmicas de alta temperatura

Dimensões

80 peças com 1,7 m x 0,2 m

Data

1992

Localização

Linha 2 - Verde, Estação Ana Rosa, mezanino



LYGIA REINACH



Lygia Reinach (Dois Córregos, SP, 1933) é escultora e ceramista. Diplomou-se em Serviço Social pela PUC de São Paulo, tendo exercido a profissão na antiga Febem. Estudou Cerâmica com Megumi Yuasa, no início dos anos 1980, iniciando nesse período suas participações em exposições coletivas. Participou da Bienal Internacional de São Paulo (1991); de três edições da Bienal Barro de América, no Museo de Arte Contemporâneo de Caracas, Venezuela (1992-1995-1998), com curadoria de Roberto Guevara; da Bienal de Cerâmica de Tóquio, como representante da América Latina (1999); da Bienal Internacional de Arquitetura, na Fundação Bienal, São Paulo (1997-1999), dentre outras.

Sua primeira exposição individual foi realizada na Galeria Kitaro Zen, em São Paulo, em 1987. Na sequência, expôs na Galeria Toki, São Paulo (1988); em seu estúdio – 45 Alguidares (1990); na Galeria Múltipla de Arte, São Paulo (1994); no Brazilian American Cultural Institute – BACI, Washington D.C., EUA (1995); no espaço cultural do 40º Congresso Brasileiro de Cerâmica, em Criciúma, SC (1996); na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2007). Em 2011, inaugurou um projeto no Museu Lasar Segall intitulado *Intervenções*.

Tem obras nos acervos da Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte Contemporânea da USP, Fundação Padre Anchieta – TV Cultura, São Paulo, Museo del Barro, Caracas, Venezuela e Estação Ana Rosa do Metrô de São Paulo.

Para Lygia Reinach, a obra *Figuras*, constituída de 80 peças de cerâmica cilíndricas de aproximadamente 1,7 metro de altura, criada há 20 anos e instalada no mezanino da Estação Ana Rosa do Metrô, lhe parece tanto uma realidade de ontem como de hoje, ou seja, conserva sua atualidade. O barro para sua confecção foi obtido nas próprias crateras das fundações do Metrô. “Trouxe o barro para meu ateliê e jamais imaginei que esse mesmo barro, queimado, transformado em cerâmica, voltaria para seu antigo local de origem”, confessa a artista, que considera esse fato “um mistério, um bom mistério”.

Durante a colocação das peças, ela trabalhou a “céu aberto”. Declara: “Passageiros passavam, paravam, olhavam e faziam perguntas. De que se tratava? O que significam essas peças? Quando estava terminado, as mesmas pessoas que diariamente passavam, voltaram e, com muita simpatia, diziam coisas assim: “Agora entendemos. Você fez um grupo de passageiros do metrô. Gostamos. Agora estaremos para sempre no metrô.” E finaliza: “Tenho muito orgulho de ter participado dessa experiência. E, através dessa obra, sinto que também estou presente em nossa cidade, como os usuários do metrô sentem que estão representados em minha obra”.



Título

Garatuja

Gênero

Escultura

Técnica

Chapas de ferro com zinco e placas de aço vincadas, pintadas com tinta poliuretana

Dimensões

3,35 m x 3,83 m x 4,44 m

Data

1978

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Sé, jardim, em frente à linha de bloqueio



MARCELLO NITSCHÉ



Marcello Nitsche (São Paulo, SP, 1942), desenhista, pintor, gravador, escultor, artista intermídia, licenciou-se em Desenho pela Faap, em 1969. Iniciou suas atividades pela gravura, passando em seguida à pintura, realizando uma obra referenciada em histórias em quadrinhos, dentro do ideário da pop art. Criou nessa época as *Bolhas*, balões infláveis interativos, que a crítica de arte Aracy Amaral avalia como “um dos pontos mais altos da criatividade brasileira daquela década” no livro *Arte e meio artístico: entre a feijoada e o x-burger* (Nobel, 1983). Interessa-se pelo cinema experimental.

Nos anos 1980, sua pintura tornou-se gestual, passando a explorar a configuração de formas simples, essenciais das pinceladas, às vezes únicas. Da pintura, essa atitude migrou para a escultura, que conservou o sentido sintético de sua pintura e de seu desenho. A partir de 2001, realizou uma série de pinturas referenciada nos códigos de barra, utilizando linhas verticais e sequências numéricas.

A partir de 1965, Marcello Nitsche participou de numerosas exposições coletivas, entre elas da Bienal Internacional de São Paulo (1967, 1969, 1971, 1979 e 1985), tendo recebido o *Prêmio Itamarati* em 1967; da Bienal de Paris (1969); do Panorama da Arte Atual Brasileira, no MAM/SP (1972, 1977, 1979, 1981, 1985, 1986 e 1988), do Panorama dos Panoramas (2008); *Tradição e Ruptura: síntese de arte e cultura brasileiras*, Fundação Bienal de São Paulo (1984). Sua primeira individual ocorreu em 1968, no MAM/SP e a ela seguiram-se 34 outras no Brasil e duas no Brazilian-American Cultural Institute, em Washington, EUA.

Uma obra de sua autoria – *Pincelada tridimensional* (2000) – constituída por gestos gráficos materializados num objeto tridimensional, está instalada no Parque da Luz, em São Paulo. Mas sua escultura mais conhecida e, certamente, a mais vista na capital paulista, é *Garatuja*, uma enorme peça de metal soldado e pintado com tinta poliuretana à base de resina alifática de alta resistência, amarela, cilíndrica e curva, de três toneladas de peso, que se destaca nos jardins internos da Estação Sé do Metrô, abertos na parte superior para a Praça da Sé, onde ela foi instalada originalmente.





MARCOS GARROT



Marcos Garrot (São Paulo, SP, 1965) é desenhista, pintor, gravador e escultor. Iniciou sua carreira artística nos anos 1980, período em que produziu desenhos e pinturas predominantemente figurativos. Na década seguinte, enveredou para o terreno do geometrismo construtivo realizando relevos e esculturas, sobretudo com a utilização de chapas metálicas em estado natural, escovadas ou pintadas.

Participou de exposições coletivas em São Paulo e Curitiba e realizou individuais, entre outras, na Art Factory (2001), nos espaços culturais do Hotel Blue Tree Towers Anália Franco, Berrini e Ibirapuera (2001), Empório Luiz Design (2002), Espaço Cultural da Universidade São Marcos (2003), Espaço Cultural do Hospital Albert Einstein (2004), Gabriel Galeria de Arte (2004), Espaço Cultural Infraero (2005), Mônica Hernandez Escritório de Arte (2006), todas em São Paulo.

Em 2008, foram editados dois livros sobre sua obra: *Contando a Arte de Garrot*, destinado ao público infanto-juvenil, e *Caminhos Possíveis*, com textos do crítico de arte Oscar D'Ambrósio. Dois anos depois, é incluído por Paulo Klein no volume *The Art Book Brasil – Geometrias*, referente à obra de dez artistas brasileiros e editado pela Décor.

Em 2009, Marcos Garrot realizou para a Estação Santos-Imigrantes do Metrô de São Paulo a escultura *Esfera* em ferro pintado, com dois metros de diâmetro. Para a inauguração, foi editado um catálogo prefaciado pelo jornalista Ricardo Viveiros, que assim se expressa sobre o artista e sua obra: “Desenhista, pintor e escultor, Garrot descobriu os limites ambivalentes entre a tela e o metal, saltando da pintura para a escultura com o mais perfeito domínio da forma, do volume, da cor e da importância da luz como elemento revelador. Esses conceitos foram transferidos para as chapas de ferro interpostas que compõem a *Esfera*, às quais o artista deu dimensão e poder visual. Essa escultura de dois metros de diâmetro, estática, movimenta-se com elegância na imaginação de quem a vê. Corre pelos túneis do metrô paulista como o sangue corre nas veias dos anônimos cidadãos que viajam em seus trens. É arte, é vida”.

Título

Esfera

Gênero

Escultura

Técnica

Chapas de ferro fundido e pintado

Dimensões

ø 2 m

Data

2009

Localização

Linha 2 - Verde, Estação Santos-Imigrantes, plataforma central





MARCOS LOPES



Marcos Lopes (São Paulo, SP, 1960), pintor, gravador e professor, diplomou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo – FBASP (1985). Foi aluno de Flávio Império, Renina Katz, Ubirajara Ribeiro e Marcello Nitsche. Estudou ainda Pintura com Carlos Fajardo e Gravura em Metal com Arriet Chaim, na oficina de gravura do MAM/SP (1987). De 1985 a 1989, trabalha em escritórios de arquitetura, em São Paulo. A partir de 1990, atua profissionalmente como artista plástico. Em 1994, começa a lecionar Desenho de Expressão Plástica do Objeto no curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Belas Artes de São Paulo.

Interessando-se pela arte pública, Marcos Lopes realiza, em 1994, um painel para a sede operacional da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos em São Paulo. São também de sua autoria os painéis *Suíte Beija-flores* e *Revoada*, de 2010, instalados no Instituto do Câncer de São Paulo. Para a Estação Chácara Klabin do Metrô de São Paulo, Marcos Lopes criou, em 2009, a obra *Totem Flora fauna* que, segundo ele “teria o papel de sinalizador da presença (ou onipresença) da natureza original daquela região, outrora abundante de espécimes da flora e da fauna”.

Marcos Lopes começou a expor seu trabalho em 1987, quando participou da coletiva *Pinte São Paulo*, no Museu de Arte de São Paulo/Masp e realizou sua primeira individual – *Ligeiras Impressões* – no Centro Cultural São Paulo. No ano seguinte, expôs gravuras no MAM/SP, em exposição coletiva sob curadoria de Arriet Chaim. Trabalha como ilustrador para a revista *Caros Amigos* (1997) e para o jornal *Folha de S. Paulo* (2000), ilustrando ainda livros da série *Tradição Belas Artes*, editados em comemoração aos 80 anos de atividades do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (2006). Com o trabalho *A Cidade e seu Fluxo*, participa da III Bienal de Arquitetura de São Paulo (1997). Em 2003, trabalhos de sua autoria integram a coletiva *A7 – Arquitetos/Artistas Plásticos*, na Galeria Rafael Dazzani e, em 2004 e 2006, realiza individuais no Espaço Cultural do Clube Transatlântico e na Câmara de Comércio Alemão, em São Paulo: *Paisagens e bichos: duas visões* e *Aves Brasileiras*, respectivamente. Em 2007, expõe pinturas na Galeria Vicente di Grado, em São Paulo.

Título

Totem Flora fauna

Gênero

Painel

Técnica

Chapas de alumínio pintadas

Dimensões

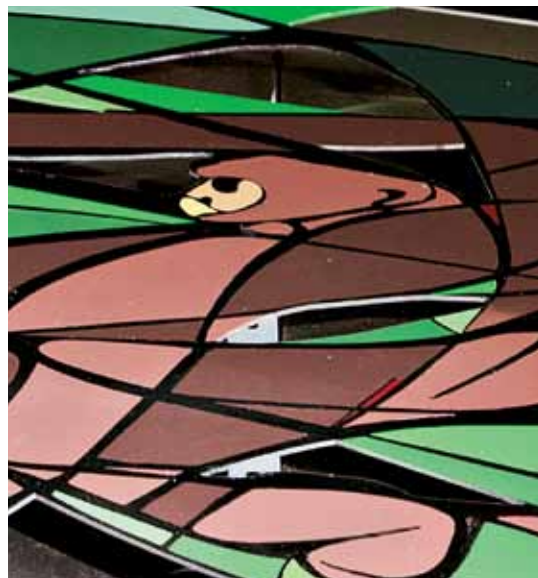
6,8 m x 3 m

Data

2009

Localização

Linha 2 – Verde, Estação Chácara Klabin, acesso à plataforma





Título
Construção de São Paulo

Gênero
Mural

Técnica
Concreto moldado em fôrma gravada

Dimensões
2 cubos de concreto medindo 3 m x 6 m x 2,7 m cada

Data
1998

Localização
Linha 1 – Azul, Estação Jardim São Paulo, plataforma



MARIA BONOMI



Maria Bonomi (Meina, Itália, 1935) é gravadora, escultora, pintora, muralista, cenógrafa e professora. Transfere-se para o Brasil em 1946, fixando-se em São Paulo, onde estuda Desenho e Pintura com Yolanda Mohalyi (1950) e com Karl Plattner (1953) e Gravura com Lívio Abramo (1954). Em 1956, com bolsa da Ingram-Merrill Foundation, segue para Nova York, onde recebe orientação de Seong Moy no Pratt – Contemporaries Graphic Art Center. Paralelamente, cursa Gravura com Hans Muller e Teoria da Arte com Meyer Schapiro na Columbia University (1958). Em 1999, obtém o título de doutora em Artes pela Universidade de São Paulo.

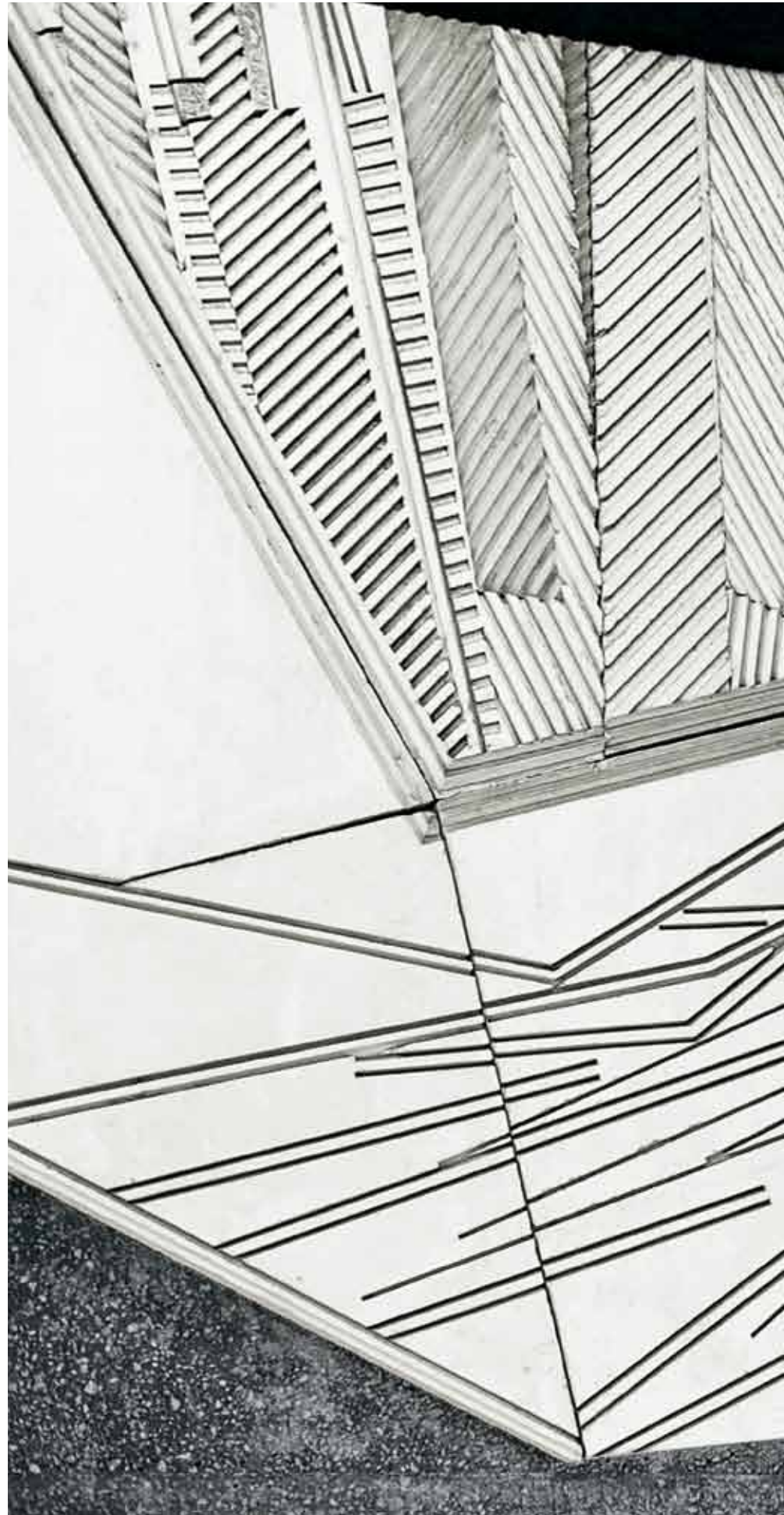
Maria Bonomi começou a expor em 1952, quando sua obra integrou uma coletiva no Masp. A partir de então, participou de numerosas exposições, no Brasil e no exterior, entre elas nove versões da Bienal Internacional de São Paulo, duas da Bienal de Paris, onze da International Biennial of Graphic Art, Ljubljana, Iugoslávia, duas da Biennale Internazionale d'Arte di Venezia. Sua primeira individual ocorreu no MAM/SP, em 1956. Desde então, realizou mostras individuais em Nova York, Washington, Klagenfurt, Assunção, Lisboa, Bruxelas, Londres, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Curitiba. Sua obra está documentada em várias publicações, entre elas o livro *Maria Bonomi – Da Gravura à Arte Pública*, organizado por Mayra Laudana e editado pela Edusp/Imprensa Oficial em 2007. Realiza duas grandes individuais em 2008/2009, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, apresentada por Ana Maria Belluzzo e, em 2011, no CCBB/Brasília, com curadoria de Jorge Coli.

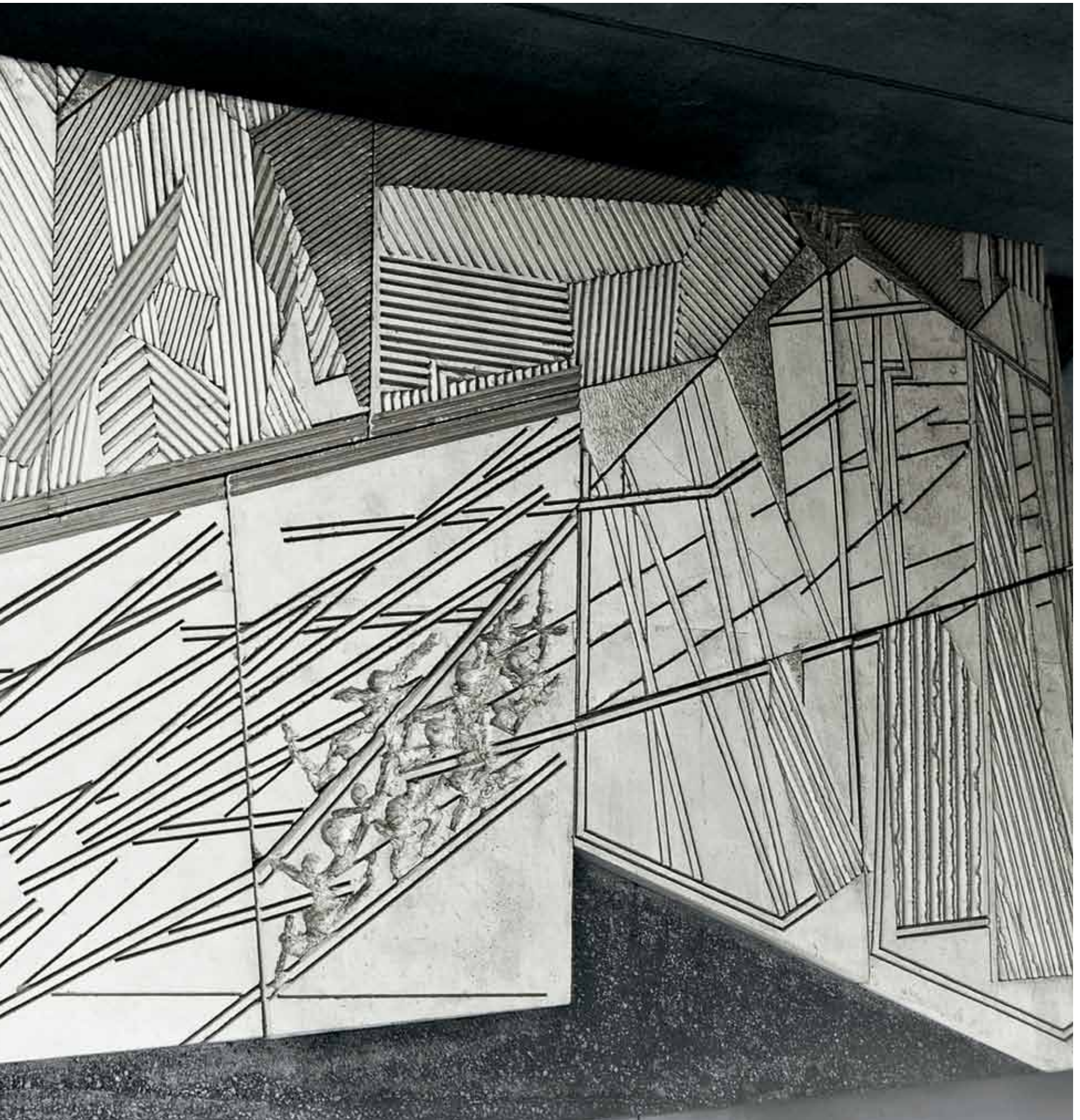
Maria Bonomi tem obras de sua autoria em acervos de numerosos museus do Brasil e do exterior e murais em diversos locais públicos da cidade de São Paulo, entre eles o da igreja Mãe do Salvador, fachada do edifício Jorge Rizkallah, Esporte Clube Sírio, Hotel Maksoud Plaza, Banco Sudameris, Memorial da América Latina, Arquivo do Estado, Palácio dos Bandeirantes, Edifício Premium, Estação da Luz, Estação Jardim São Paulo do Metrô, além de mural em placas de concreto e cobre no Banco Exterior de Espanha, em Santiago do Chile.

Bonomi editou um pequeno livro sobre o mural *Construção de São Paulo* que ela criou para a Estação Jardim São Paulo do Metrô, com imagens da execução da obra *in loco*, anotadas por Jacob Klintowitz.

Nele transcreve trecho do memorial descritivo da obra, constituída por dois cubos. Antecipa a artista que “o cubo esquerdo conterà, em duas faces, relevos modulados de concreto gravado (aqui só ferro, aço e cimento resistem) tal qual rabiscos feitos a lápis grosso ilustrando, numa carta familiar, a penetração na terra das curvas vegetais, a famosa montanha e a poderosa cidade se delineando no fundo... O cubo da direita, de igual dimensão... falará do que se tornou a pauliceia. Placas de concreto justapostas, recortes geométricos, perspectivas sufocadas por ruas febris, esquinas duvidosas, feéricas alturas que mal se avistam”... Nos murais, as linhas de força, à maneira de raízes nos cubos subterrâneos, desempenham um papel essencial no sentido de conferir à obra uma tensão plástica e, ao mesmo tempo, transmitir a força de uma cidade em construção.









Título

In Vitro

Gênero

Instalação

Técnica

Pintura sobre polivinil butiral, vidro laminado e espelho

Dimensões

42 vitrais de 3,2 m x 1,2 m x 3 cm
e 19 espelhos de 3,2 m x 1,2 m

Data

2002

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Anhangabaú, jardim interno da plataforma central - sentido Barra Funda e sentido Corinthians/Itaquera



MÁRIO FRAGA



Mário Gordilho Fraga (Rio de Janeiro, RJ, 1947) é arquiteto, artista plástico (pintor) e professor. Diplomado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ (1971), pós-graduou-se em Planejamento Urbano em Paris, onde também cursou Cinema na École Louis Lumière. No início dos anos 1970, foi correspondente para assuntos culturais do Caderno B do *Jornal do Brasil* em Paris. De volta ao Brasil, assume a direção do setor de Audiovisual do NUTES / CLATES na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1982, torna-se professor assistente de Plástica na Arquitetura, na Universidade Santa Úrsula, RJ e, em 2004, professor de Linguagem Visual – Arquitetura, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, atividade que exerce até o presente.

Mário Fraga começou a expor no final dos anos 1970. Participou de exposições coletivas, entre elas *Encore Moderne Architecture Brésilienne*, Institut Français d'Architecture (2005); *Projeto Residência Atelier*, premiado pelo IAB, RJ – Instituto de Arquitetos do Brasil (2002) e realizou catorze individuais, oito delas no Brasil: Galeria Bonino (1978 e 1982), Palácio das Artes, Belo Horizonte (1983), Petite Galérie (1986 e 1988, com realização dos vídeos *Olho d'Água* e *Eclipse*, respectivamente), MAM/RJ, *In Vitro* (1991, com produção de vídeo dirigido por Mario Carneiro); Masp, *In Vitro* (1992), em São Paulo; Paço Imperial, *Pinturas* (2003), no Rio de Janeiro; MAM/BA, *Pinturas* (2005), em Salvador. No exterior, fez exposições solo na Itália (Galeria da Casa do Brasil e Instituto Estatal de Arte, Roma – 1980), em Portugal (Espaço Cultural Brasileiro, Lisboa e Universidade de Évora, 1981) e na Inglaterra (Brazilian Center, Londres, 1984).

Para a Estação Anhangabaú do Metrô de São Paulo, realizou uma “instalação pictórica composta por 42 peças de vidro laminado pintados à mão. Dispostas em dois conjuntos, sob os prismas de ventilação e iluminação natural, em ambos os lados da plataforma. Este projeto de arte *In Vitro* resulta de uma pesquisa desenvolvida a partir de 1989 junto à Pilkington-Brasil (Blindex)”, informa o artista. E acrescenta: “As composições formais e cromáticas revelam ao espectador diversas visões sobrepostas em camadas, que variam com a luz do dia. Essas imagens se transformam cineticamente com o movimento dos trens e dos passageiros na plataforma”.

Título

Como Sempre Esteve, o Amanhã Está em Nossas Mãos

Gênero

Mural

Técnica

Acrílica e vinílica sobre concreto

Dimensões

4,5 m x 11 m

Data

1979 - 1987

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Sé, plataforma central



MÁRIO GRUBER



Mário Gruber Correia (Santos, SP, 1927 – São Paulo, SP, 2011), pintor, gravador, escultor, muralista, manifesta desde a adolescência sua inclinação para as Artes Plásticas. Em 1945, após tomar conhecimento da água-forte num texto sobre Rembrandt, faz sua primeira gravura em metal. Nesse ano, na fazenda de seu tio Cândido Rocha, primo-irmão de Mário de Andrade, em Araraquara, Gruber conhece Antonio Cândido de Mello e Sousa, marido de Gilda, sua prima. Antonio Cândido acompanha, desde o início, a trajetória do artista e prefacia o catálogo da exposição individual realizada em 1967, na Galeria Atrium, em São Paulo. Nele, afirma que “espanta a variedade das suas soluções e a inquietude perturbadora de suas experiências”.

Desde 1947, participa de numerosas exposições coletivas no Brasil, Estados Unidos, Colômbia, França, Suécia, Finlândia, Holanda, Espanha, Itália, Tunísia e Dinamarca e realiza cerca de 20 individuais no Brasil. Transferindo-se em 1948 para São Paulo, Mário ingressa na Escola de Belas Artes, onde estuda Escultura com Nicolau Rollo. Começa a expor seu trabalho no ano seguinte, no 1º Salão Araraquarense e na mostra *19 Pintores*, na Galeria Prestes Maia, em São Paulo, na qual recebe o 1º prêmio em pintura. No ano seguinte, realiza sua primeira exposição individual, de gravuras em metal, no Clube dos Artistas e Amigos da Arte (Clubinho), em São Paulo, e viaja para a Europa, desfrutando de uma bolsa de estudos do governo francês. Ingressa na École Nationale Supérieure des Beaux-Arts onde estuda gravura com Édouard Georg e trabalha com Portinari. Retorna ao Brasil em 1951 e, dois anos depois, torna-se professor de gravura no MAM/SP. Posteriormente, ensina gravura na Faap. Volta a Paris em 1974, permanecendo na França por 4 anos, e, de volta ao Brasil, reside e trabalha em Olinda. Em 1979, passa um período em Nova York, onde monta ateliê. Retornando novamente ao Brasil, inicia a criação do mural *Como sempre esteve, o amanhã está em nossas mãos*, para a Estação Sé do Metrô, que concluiria definitivamente em 1987.

Esta obra de 50 metros quadrados, realizada com tinta acrílica e vinílica sobre concreto, está numa estação de trens pela qual passa quase um milhão de pessoas, em média, diariamente. Sobre ela, afirmou o artista, que faleceu há pouco: “Gostei de fazer esta obra por ter a consciência de que estava fazendo um trabalho sério e para o povo de minha cidade. É um trabalho que foi pensado para envolver o público em uma reflexão sobre a sua origem histórica. O pêndulo branco separa duas épocas: o passado e o presente. As três mãos – a grande da espada, a do botão e a da pistola – bem como o branco, o negro e o imigrante, com seus braços, são os elementos principais desse mecanismo complexo, definidor da ação dos homens na construção de seu destino”.









MÁRIO ISHIKAWA



Mário Noburo Ishikawa (Presidente Prudente, SP, 1944) é pintor, desenhista, artista intermídia e professor, diplomou-se em Desenho pela Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado – Faap, em 1968. Paralelamente a seu trabalho no ateliê, dedica-se ao magistério, na Faculdade de Belas Artes de São Paulo (1968 a 1977), na Faap (1970 a 1989), Escola de Comunicações e Artes da USP – ECA/USP (1971 a 1978) e no Departamento de Artes Plásticas da Universidade São Judas (1995 a 2012).

Começa sua carreira como artista plástico em 1966, quando participa da 1ª Bienal Nacional de Artes Plásticas, em Salvador, BA; do 15º Salão Paulista de Arte Moderna e do 2º Salão Paulista de Arte Contemporânea de Campinas, SP. No ano seguinte, integra a representação brasileira na Bienal Internacional de São Paulo, na qual volta a expor em 1989. Participa de numerosas exposições coletivas no Brasil, Argentina, Alemanha, Bélgica, Itália, França, Estados Unidos, Portugal, Japão, Espanha, Chile e realiza individuais na Pinacoteca do Estado de São Paulo (1977), Centro Cultural São Paulo (1984), Sadalla Galeria de Arte, São Paulo (1988). Atualmente, Mário Ishikawa vem se dedicando ao seu trabalho artístico fazendo objetos, esculturas e trabalhos gráficos.

Obras de sua autoria estão na Casa do Brasil em Madri, Espanha; Memorial da Imigração Japonesa, em Registro, SP; no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP, Museu de Arte Brasileira – MAB/Faap, em São Paulo e no acervo do Metrô de São Paulo.

Na Estação Liberdade, Mário Ishikawa tem uma obra produzida durante performance realizada em 1988, no Parque do Ibirapuera, comemorativa dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil. Informa que, “após o evento, os trabalhos foram doados ao Metrô pelos 11 artistas participantes”. O trabalho faz parte da série *Fumaças*, que ele apresentou na exposição realizada no Centro Cultural São Paulo, em 1984. Segundo Ishikawa, a ideia do trabalho, realizado com a técnica do sumiê com fogo e ar, consiste em “revisitar os tempos da lamparina, do fogão a lenha e da Maria-Fumaça, que fazem parte de minha infância, no interior de São Paulo”. Para realizar a performance, produzi lamparinas de diferentes formatos, que permitiam ampliar as possibilidades técnicas. Essa série faz parte de um projeto maior que estabelece relações entre os elementos terra, fogo, água, ar, madeira e metal.



Título

Paralelepípedo

Gênero

Pintura

Técnica

Mista (algodão cru, tinta vinílica, querosene e fuligem) sobre tela

Dimensões

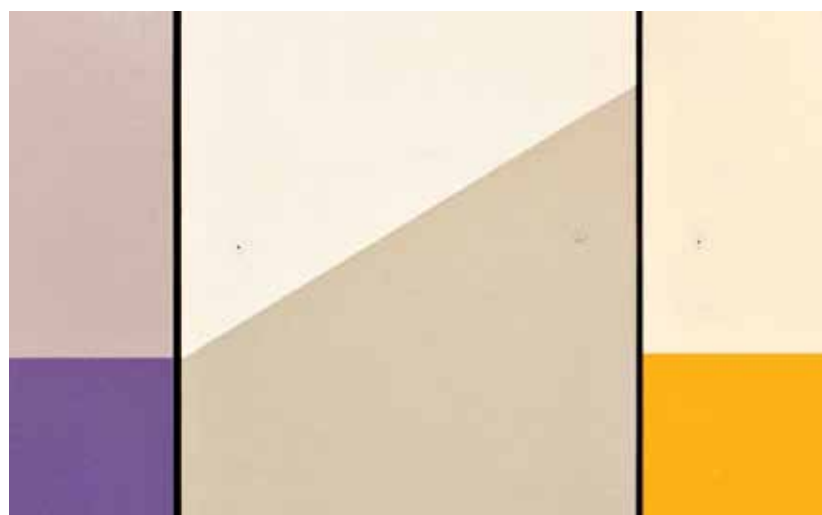
1,8 m x 1,15 m

Data

1988

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Liberdade, mezanino



Título
Sem Título

Gênero
Painel

Técnica
Acrílica sobre placas de fibrocimento

Dimensões
1,4 m x 100 m

Data
1990

Localização
Linha 1 - Azul, Estação Santana,
corredores de acesso às plataformas

MAURÍCIO NOGUEIRA LIMA



Maurício Nogueira Lima (Recife, PE, 1930 – Campinas, SP, 1999) pintor, desenhista, artista gráfico, arquiteto, professor, muda-se para São Paulo aos dois anos de idade e, em seguida para Porto Alegre, onde estuda Artes Plásticas no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (1947-50). Retornando a São Paulo, em 1951, ano de criação da Bienal de São Paulo, ingressa nos cursos de Desenho Industrial e Comunicação Visual no Instituto de Arte Contemporânea – IAC do Masp, onde se aproxima de Alexandre Wollner, Antônio Maluf e outros. Dois anos depois, começa o curso de Arquitetura da Universidade Mackenzie, que conclui em 1957. Trabalha como programador visual, desenvolvendo vários cartazes e logotipos, entre eles o da Feira Internacional da Indústria Têxtil – Fenit. Em meados dos anos 1970, torna-se professor universitário, atuando, entre outras, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU/USP e na Fundação Armando Álvares Penteado, na qual, além de professor, foi diretor do Curso de Desenho e Plástica, de 1969 a 1972.

Maurício Nogueira Lima participou de numerosas exposições coletivas, entre elas da *I Exposição Nacional de Arte Concreta*, em São Paulo e no Rio de Janeiro (1956-57) e da mostra *Konkrete Kunst*, organizada por Max Bill em Zurique (1960). Recebeu o Prêmio Leirner de Arte Contemporânea atribuído pela Galeria de Arte da Folha (1958-59). Realizou 16 exposições individuais, a maioria delas na cidade de São Paulo. Impactado pela instauração do regime militar no Brasil, em 1964, que alterou seu equilíbrio emocional, segundo declarou, sua arte enveredou pelos terrenos da figuração narrativa, retornando aos padrões abstratos geométricos nos anos 1970.

Interessando-se pela arte pública, movido pela crença de que “o futuro está na democratização”, Maurício realizou vários trabalhos do gênero em São Paulo, destacando-se o mural do Edifício Capemi, no Largo São Bento; a ambientação cromática da Praça Roosevelt; a ambientação cromática da fachada do MAC/USP; o mural de 450 metros quadrados criado para o Edifício Estação Ciência; o mural e o painel, respectivamente, que ele projetou para as estações São Bento e Santana do Metrô de São Paulo. Quando Maurício retomou seus trabalhos construtivos, ele o fez, segundo o crítico e curador Walter Zanini, “com maior liberdade na estruturação da forma e na sensibilização luminística da cor”, características presentes nos trabalhos que ambientam as estações São Bento e Santana.

Título

Sem Título

Gênero

Mural

Técnica

Acrílica sobre concreto

Dimensões

450 m²

Data

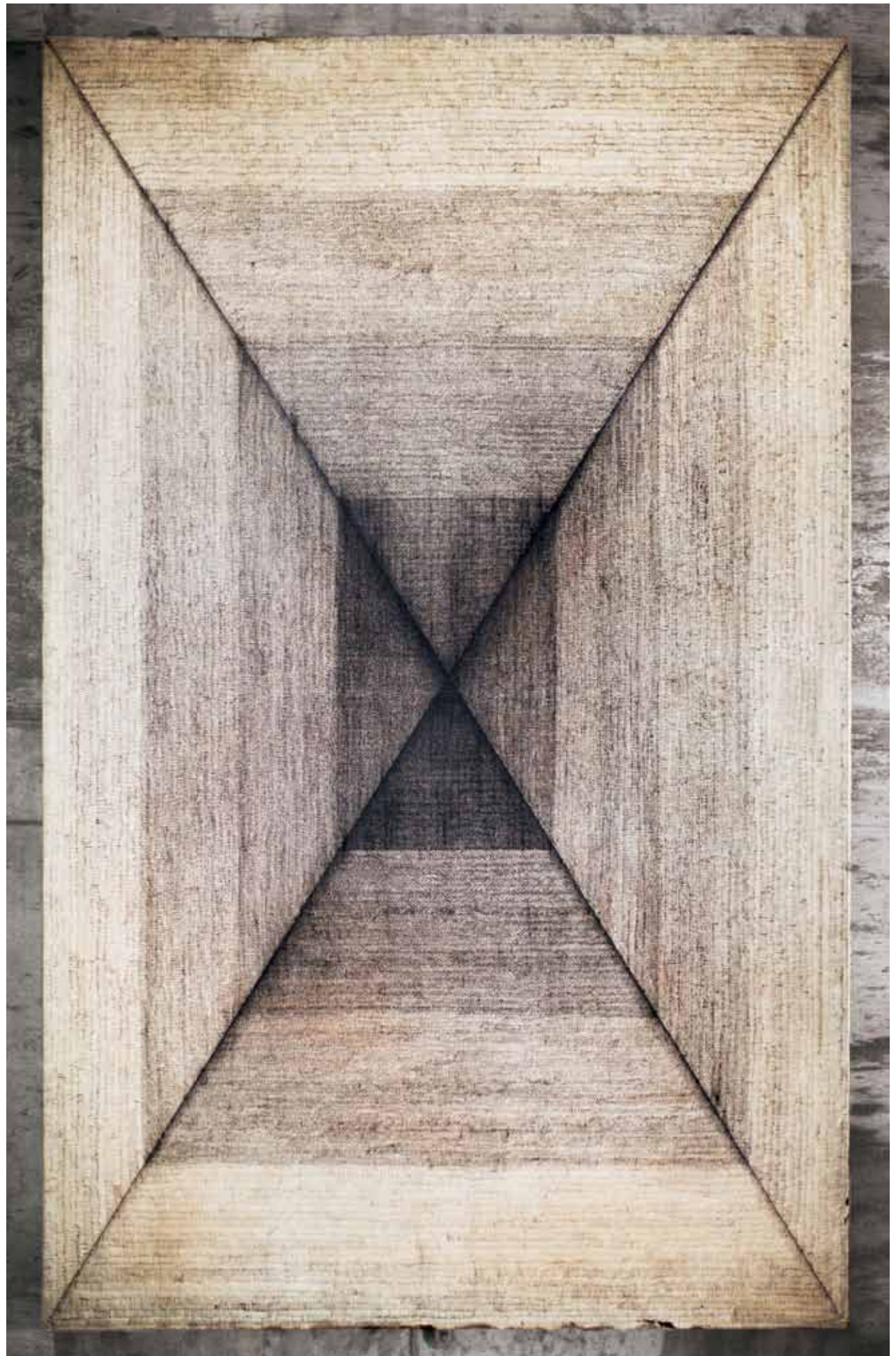
1990

Localização

Linha 1 - Azul, Estação São Bento,
acesso à estação, defronte ao jardim







MILTON SOGABE



Milton Sogabe (São Paulo, SP, 1953), desenhista, pintor, gravador, artista intermídia e professor, diplomou-se em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado – Faap, em São Paulo. A seguir obteve os títulos de Mestre, com a dissertação *Imagem e Material*, e de Doutor em Comunicação e Semiótica, com a tese *Além do Olhar*, ambos pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Atualmente é professor no Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP.

Inicia seu trabalho no campo das artes visuais pelo desenho, pintura e gravura, em 1975. A partir de 1987, aproxima-se de novas mídias eletrônicas, tais como o fax, o xerox, o vídeo, o videotexto, a computação, a televisão, os sensores. A partir de 1966, participa do SCIArts, equipe que desenvolve projetos integrados nos campos da Arte, Ciência e Tecnologia. No final dos anos 1980, integrou o Instituto de Pesquisas em Arte e Tecnologia – IPAT.

A partir de 1987, Milton Sogabe participou de numerosos eventos, entre eles a mostra *A Trama do Gosto*, na Fundação Bienal de São Paulo (1987); *Salão de Arte Contemporânea de Campinas* (1988); *I Mostra Internacional de Imagem Científica*, Estação Ciência, CNPq, São Paulo (1988); *Intercities*, evento de telecomunicação entre a Carnegie-Mellon University e o MIS – transmissão de imagens e sons via SSTV (1988); *Faxarte I e II*, entre o Instituto de Artes da Unicamp e a Escola de Comunicações e Artes da USP, Campinas – São Paulo (1989); *City Portraits* – entre a Unicamp e a Universidade de Paris I, exposição na Galérie Donguy, Campinas e Paris (1989-1990); *No Time/art exchange* – transmissão artística entre o Instituto de Arte da Unicamp e o College of Arts of Kyoto – doze horas de evento entre Brasil e Japão na passagem do ano – *Imagem e música* – coordenação e participação; *Invenção*, no Itaú Cultural, São Paulo (1999) e outros. Em 2000, Milton Sogabe recebeu Menção Honrosa no *Prêmio Sérgio Motta de Novas Mídias*. Segundo texto elaborado por Helena e disponível no site do Itaú Cultural – *Arte e Tecnologia* –, os trabalhos

mais recentes de Milton Sogabe “colocam em simbiose elementos naturais e artificiais (Campo Morfogenético, MAC/USP, São Paulo, 1995), relacionam a sensibilidade do corpo e dos sensores eletrônicos (*Mãos à Obra*, MAC/USP, São Paulo, 1995) e colocam em confronto a imagem natural refletida na água e a industrial obtida por câmera (*Gotas Poéticas*, SESC Pompeia, São Paulo, 1996)”.

A obra *Projeto para uma Paixão sem Fim*, de autoria de Milton Sogabe, exibida na Estação Liberdade do Metrô de São Paulo, foi produzida no momento em que ele migrava para os meios eletrônicos de produção artística. Embora seja uma técnica mista sobre suporte tradicional, ou seja, sobre tela, ela já prenuncia o caminho científico e tecnológico que sua obra seguiria nos anos seguintes.



Título

Projeto para uma Paixão sem Fim

Gênero

Pintura

Técnica

Nanquim sobre acrílica sobre tela

Dimensões

1,8 m x 1,15 m

Data

1988

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Liberdade, mezanino



Título
Sem Título

Gênero
Mural

Técnica
Acrílica sobre concreto

Dimensões
3,2 m x 33 m

Data
1990/1991

Localização
Linha 2 - Verde, Estação Paraíso,
hall de acesso à plataforma

ODILÉA TOSCANO



Odiléa Setti Toscano (São Bernardo do Campo, SP, 1934) é artista plástica, arquiteta e professora. Diplomada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (1958), viajou para a Europa no início dos anos 1960 desfrutando da bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa, Portugal e do governo francês. Torna-se professora do Departamento de Projeto – grupo de disciplinas de programação visual – da FAU/USP e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos, SP.

Ainda estudante na USP, Odiléa teve um desenho seu publicado no Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*. A experiência lhe agradou e ela passou a colaborar com ilustrações para o jornal e a executar outros trabalhos gráficos, tais como as capas da coleção *Jovens do mundo todo*, editada pela Brasiliense e premiadas na 1ª Bienal Internacional do Livro e das Artes Gráficas de São Paulo, em 1961. Desenhou ainda algumas capas para a revista *Visão*. Odiléa desenvolveu uma linguagem gráfica caracterizada por um desenho muito expressivo em preto e branco mesclado a áreas de cores chapadas. Esse trabalho continua nos anos 1970, nos fascículos da série *Nossas Crianças*, da Editora Abril, na revista *Bondinho* e nos livros da coleção *Criatividade em língua portuguesa*.

A mesma linguagem gráfica, com predominância da abstração, foi utilizada por Odiléa, *mutatis mutandis*, nas obras que realizou, no início da década de 1990, para quatro estações do Metrô de São Paulo. Sobre esses murais e painéis que projetou e acompanhou a execução, distribuídos pelas estações Paraíso, São Bento, Jabaquara e Santana, do Metrô de São Paulo, Odiléa Toscano declara: “Quando me foi proposta a tarefa de trabalhar tantos espaços e pensá-los simultaneamente, julguei que não a encararia com tranquilidade. No início, fico sempre perdida, independentemente do tamanho da incumbência, em seguida, me encontro. Convidei dois artistas amigos meus – Renina Katz e Maurício Nogueira Lima – e propus que dividíssemos alguns espaços. Ambos, pintores de talento indis-

cutível, produziram obras de arte que até hoje alegrem os caminhos dos usuários do Metrô paulistano. De minha parte, me assumi como um tatu, entrando e saindo dos buracos, pelas escadas rolantes ou não, na busca daquilo que entendia como suportes adequados e estratégicos para receber tratamento cromático. Daí para o desenho e a leitura prévia da luz em cada estação, do domínio do cinza do concreto, eu estava a caminho. Os temas foram surgindo, alguns encerrados na geometria e na interação das cores, outros citando a natureza, sóis, pássaros, arquiteturas, paisagens quase abstratas... Difícil resumir num pequeno depoimento sobre universo tão rico como experiência. No entanto, alguma coisa fica”.



Título
Sem Título

Gênero
Mural

Técnica
Acrílica sobre concreto

Dimensões
2,3 m x 9,3 m

Data
1990/1991

Localização
Linha 2 - Verde, Estação Paraíso,
acesso ao Centro Cultural São Paulo, parede



Título
Sem Título

Gênero
Mural

Técnica
Acrílica sobre concreto

Dimensões
1,6 m x 9,9 m x 4 m

Data
1990/1991

Localização
Linha 2 - Verde, Estação Paraíso,
mezanino da estação

Título
Sem Título

Gênero
Mural

Técnica
Acrílica sobre concreto

Dimensões
2,5 m x 11,7 m

Data
1990/1991

Localização
Linha 2 - Verde, Estação Paraíso,
acesso à Catedral Ortodoxa



Título
Raios de Sol

Gênero
Mural

Técnica
Acrílica sobre concreto

Dimensões
4,4 m x 4 m

Data
1990/1991

Localização
Linha 2 - Verde, Estação Paraíso,
acesso à plataforma



**Título**

Sem Título

Gênero

Mural

Técnica

Acrílica sobre concreto

Dimensões

5,85 m x 6,6 m

Data

1990/1991

Localização

Linha 2 - Verde, Estação Paraíso,
acesso ao Viaduto Santa Generosa

**Título**

Sem Título

Gênero

Mural

Técnica

Acrílica sobre concreto

Dimensões

30 m²

Data

1990

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Santana, mezanino

**Título**

Sem Título

Gênero

Mural

Técnica

Acrílica sobre placas de fibrocimento

Dimensões

2,1 m x 18 m

Data

1990

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Santana,
corredor de acesso à plataforma,
sentido Tucuruvi-Jabaquara

**Título**

Sem Título

Gênero

Painel

Técnica

Acrílica e tintas sintéticas sobre chapas recortadas de metal

Dimensões

2 painéis de 350 m²

Data

1990

Localização

Linha 1 - Azul, Estação São Bento, plataforma sentido Jabaquara e sentido Tucuruvi

**Título**

Sem Título

Gênero

Mural

Técnica

Acrílica sobre concreto

Dimensões

2,96 m x 4,85 m

Data

1990

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Jabaquara,
acesso à plataforma de embarque

**Título**

Sem Título

Gênero

Mural

Técnica

Acrílica sobre concreto

Dimensões

2,96 m x 4,85 m

Data

1990

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Jabaquara



OSCAR SATIO OIWA



Oscar Satio Oiwa (São Paulo, SP, 1965), pintor, escultor e designer, diplomou-se, em 1989, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Interessado na teoria e na prática das artes visuais torna-se, em 1985, monitor da Bienal Internacional de São Paulo, atuando como assistente de artistas japoneses presentes no evento e realiza sua primeira exposição, juntamente com Ricardo Woo, na Galeria Macunaíma, da Funarte, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, faz sua primeira individual, no cabaré Madame Satã, em São Paulo, e conquista uma bolsa para estudar no Japão. Em 1991, transfere-se para Tóquio, onde sua participação no sistema de arte japonês culmina com a premiação, em 1995, na Bienal de Yokohama. Nesse ano, é novamente distinguido com uma bolsa de estudos no Delfine Studio Trust, que o mantém em Londres por um ano. Em seguida, recebe três bolsas norte-americanas: da Pollock-Frasner Foundation (1996), do John Simon Guggenheim Memorial Foundation (2011) e do Asian Cultural Council (2002). Atualmente, reside em Nova York.

A pintura figurativa de Oiwa se situa entre as referências da realidade e o afloramento da imaginação delirante, algo que o aproxima do realismo mágico que caracteriza uma das frações mais significativas da arte latino-americana, sobretudo da literária. Ela foi mostrada em São Paulo, nos últimos anos, pela Galeria Thomas Cohn, que lamentavelmente fechou suas portas há meses. Esse aspecto foi ressaltado num texto de apresentação claro e bem fundamentado da individual de 2009 e assinado pelo crítico e curador Jacopo Crivelli Visconti, que preveniu: “A aproximação da pintura de Oiwa a um gênero literário tipicamente latino-americano, contudo, não deve sugerir uma leitura reducionista ou regionalista de sua obra. Pelo contrário, entre os artistas brasileiros de sua geração, Oiwa é certamente um dos que mais rápida e profundamente se emanciparam do contexto local, tendo vivido grande parte de sua vida e construído sua carreira entre Europa, Japão e Estados Unidos”. O artista tem predileção por grandes formatos.



Ao longo de sua carreira, que teve início em 1982, Oscar Satio Oiwa participou de várias exposições coletivas no Brasil, entre elas a da Bienal Internacional de São Paulo em 1991, e em outros países, com destaque para o Japão, onde sua presença foi intensa. Individualmente, o artista expôs no Brasil, Espanha, Holanda, França e Japão, porém a maior parte de suas mostras solo aconteceram em galerias e museus japoneses.

Na Estação Liberdade do Metrô de São Paulo está sua pintura *O Imigrante (O primeiro a desembarcar)!!!*, em que o personagem é representado, dentro de sua visão sem compromisso com a realidade prosaica, por malas que lembram formas humanas diante de uma parede metálica de navio, o que caracteriza sua condição psicossocial no momento do desembarque.

Título

O imigrante (o primeiro a desembarcar)!!!

Gênero

Pintura

Técnica

Esmalte sintético e spray sobre tela

Dimensões

1,8 m x 1,15 m

Data

1988

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Liberdade, mezanino



RENATO BRUNELLO



Renato Brunello (Veneza, Itália, 1953), escultor, estudou na Escola de Arte de Veneza. Emigrou para o Brasil em 1975. Reside e trabalha atualmente em Cotia, na Grande São Paulo.

Iniciou sua carreira na Itália, em 1968, ao participar de uma exposição coletiva na San Doná di Piave, em Veneza. Antes de vir para o Brasil, participou de várias exposições em Veneza, Verona, Trento, Padova, Trieste, conquistando prêmios.

No Brasil, iniciou sua carreira com a mostra *Arte Contemporânea 76*, na Fundação das Artes de São Caetano do Sul, SP. Em 1977 participa, como convidado, da exposição *Arte no Centro Campestre*, organizada pelo Museu de Arte de São Paulo – Masp, SESC e Senac, na qual recebe o Prêmio Aquisição. A partir de então, as participações em coletivas se sucedem, no Brasil e no exterior. Já em 1978, participa do *Panorama da Arte Atual Brasileira*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP e da Bienal Internacional da Pequena Escultura, em Budapeste, Hungria. No ano seguinte, realiza sua primeira exposição individual no Brasil, na Galeria SESC Paulista. Na sequência, outras individuais são concretizadas: na Galeria Cultura, da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo (1981); Museu de Arte Contemporânea de Campinas, SP (1981); Centro Empresarial São Paulo, São Paulo (1981); Galeria Arte Aplicada, São Paulo (1984); Galeria J. Roberto, Ribeirão Preto, SP; Espaço Cultural do Hotel Transamérica, São Paulo (1986); Galeria Milan São Paulo (1986); Galeria de Arte A Hebraica, São Paulo (1992); Espaço Cultural do Centro Cultural Alumni, São Paulo (1993) e outras.

Renato Brunello tem obras em numerosas coleções particulares no Brasil e no exterior e em vários espaços públicos, entre eles no Aeroporto Internacional de Guarulhos, SP; no Aeroporto Internacional do Galeão, Rio de Janeiro (American Airlines); SESC Itaquera, São Paulo; SESC Piracicaba, SP; em várias agências bancárias, edifícios de escritórios ou residenciais de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, em jardins de hotéis, tais como o Transamérica, São Paulo; em empresas, entre elas a Usina Santa Adélia de Jaboticabal e o Laboratório de Análises Clínicas Fleury, São Paulo. Tem duas esculturas de sua autoria no acervo do Museu de Arte de São Paulo – Masp, uma na Vanderbilt University, em Nashville, EUA e duas no Metrô de São Paulo: *A Semente*, na Estação Tucuruvi e *Equilíbrio*, na Estação Paraíso. Na escultura instalada na Estação Paraíso, o artista trabalha o mármore branco facetando-o triangularmente, com pontas voltadas para cima e para baixo, tendo-se em vista a obtenção do equilíbrio volumétrico. Na obra *A Semente*, também em mármore branco, Brunello cria uma concavidade ovoide num bloco de forma triangular, constituída, todavia, de linhas curvas, remetendo ao orgânico, à germinação.

Título

A Semente

Gênero

Escultura

Técnica

Mármore

Dimensões

1,7 m x 1,35 m x 1,4 m

Data

1999

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Tucuruvi, mezanino





Título
Equilíbrio

Gênero
Escultura

Técnica
Mármore

Dimensões
1,4 m x 1,6 m

Data
1989

Localização
Linha 1 - Azul, Estação Paraíso, mezanino

**Título**

Sem Título

Gênero

Painel

Técnica

Acrílica sobre placas de fibrocimento

Dimensões

1,4 m x 110 m

Data

1991

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Jabaquara, mezanino

RENINA KATZ



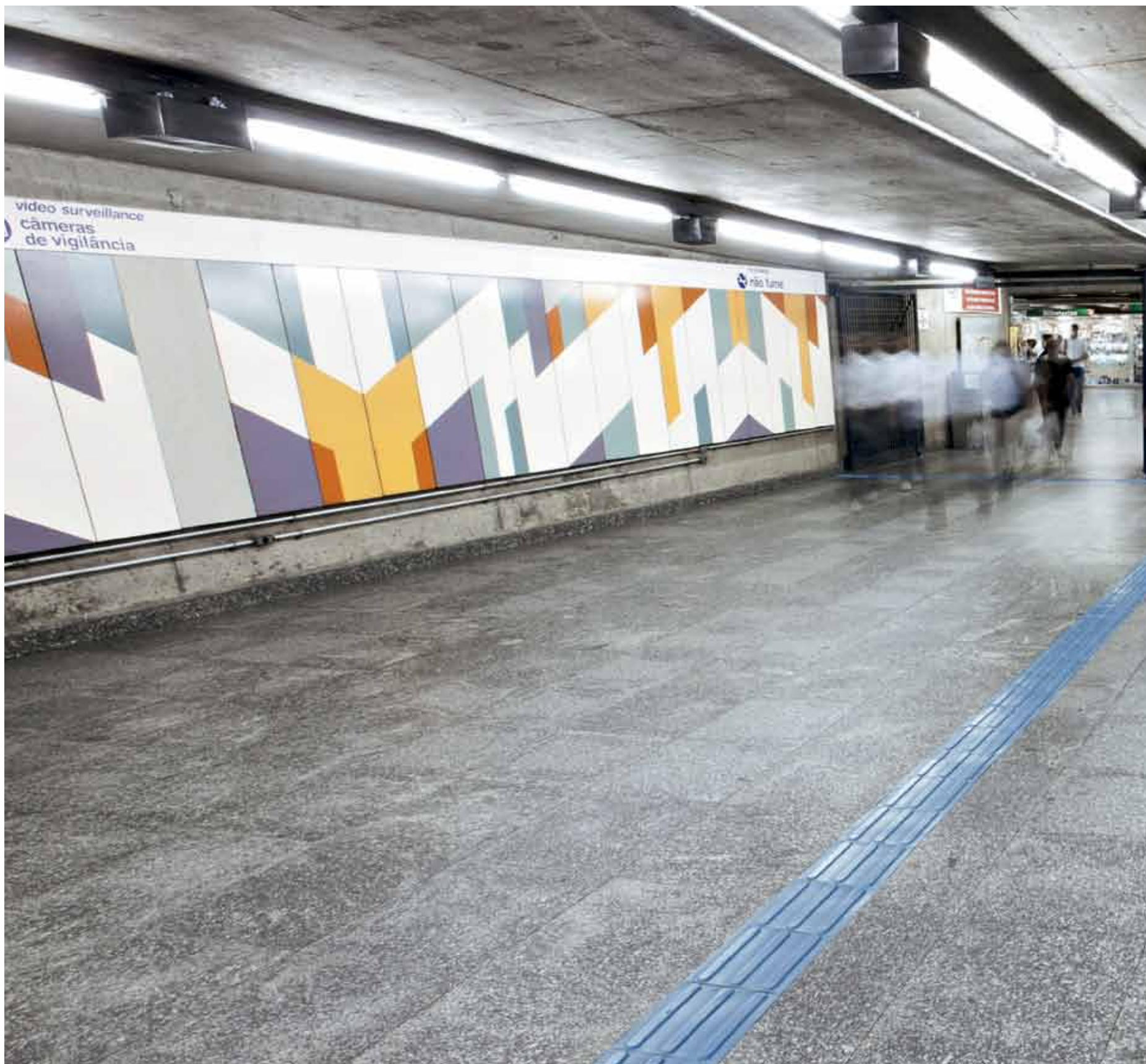
Renina Katz (Niterói, RJ, 1925), gravadora, desenhista, aquarelista, ilustradora, professora, inicia sua formação artística no Rio de Janeiro, onde estuda Xilogravura com o australiano Alx Leskoschek. Em 1947, ingressa na Escola Nacional de Belas Artes – ENBA, diplomando-se em 1950. Estuda ainda Desenho na Faculdade de Filosofia da UnB e Gravura em Metal com Carlos Oswald no Liceu de Artes e Ofícios. Em 1951, muda-se para São Paulo onde, paralelamente a seu trabalho de ateliê, dedica-se a atividades docentes no Masp e na Faap. Em 1956, torna-se professora de Programação Visual da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP – FAU/USP, na qual faz mestrado e doutorado, permanecendo no cargo até 1988.

No início de sua carreira, Renina Katz desenvolveu obra engajada politicamente. Em 1956 publica seu primeiro álbum de gravuras: *Favela*. Trabalhou, ainda, os temas dos *Retirantes*, dos *Camponeses sem-terra* e dos *Meninos de morro*. Costumava fazer seus esboços no próprio local, em contato com seus motivos. Muitos dos estudos para a série *Retirantes* foram feitos na Estação do Norte em São Paulo. Em seguida, abriu-se para outros temas, como a paisagem urbana até chegar à série das aquarelas e litografias abstratas, que sempre têm, segundo a artista, “referências do entorno e da paisagem”.

Renina começou a expor sua obra na coletiva *Os pintores vão à escola do povo*, na ENBA/RJ, em 1946, participando em seguida de numerosos salões de arte e de outras coletivas, no Brasil e no exterior. Participou da Bienal Internacional de São Paulo em 1955, 1959, 1961, 1963 e 1985. Sua primeira exposição individual aconteceu na ENBA no Rio de Janeiro, em 1950. Desde então, realizou cerca de 50 individuais no Brasil, Chile, Estados Unidos, México, Paraguai, Portugal, Itália e Holanda.

Renina foi a primeira artista a ter obra no acervo artístico do Metrô de São Paulo: uma pintura em módulos sobre concreto de 81 metros quadrados, na qual ela trabalha com 6 matizes de verde, instalada na Estação da Sé em 1978. Além dessa, ela realizou uma outra pintura sobre placas de fibrocimento de 154 metros quadrados na Estação Jabaquara, em 1991, em tons baixos, que remetem a uma música de câmara. Ambos são trabalhos abstratos, realizados dentro da perspectiva da geometria sensível.







**Título**

Sem Título

Gênero

Mural

Técnica

Acrílica sobre concreto

Dimensões

55 módulos de 2,7 m x 0,6 m

Data

1978

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação Sé,
acesso sul - Praça Clóvis Bevilacqua





ROBERTO MÍCOLI



Roberto Mícoli (Campinas, SP, 1953), pintor, desenhista e criador de objetos de arte.

Roberto Mícoli iniciou-se nas artes plásticas pelas mãos de seu pai, Mário Mícoli, que lhe transmitiu as primeiras noções de desenho. A pintura ele aprendeu sozinho, com os próprios erros e acertos. No fim dos anos 1970, atua junto à Oficina de Artes para Crianças da Casa de Cultura de Valinhos, interior de São Paulo, e, em 1983, no *Projeto Jacarés*, que envolveu trabalhos performáticos nas ruas de São Paulo.

Roberto Mícoli iniciou sua carreira na segunda metade dos anos 1970, quando realizou individuais de desenhos nas galerias SESC (1978) e Castro Mendes (1979), em Campinas (1975), e participou do Salão Nacional de Artes Plásticas, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM/RJ (1979). Sua presença no sistema de arte brasileiro intensificou-se nos anos 1980, período em que o mercado de arte brasileiro mostrou significativa vitalidade. Na década de 1980, Mícoli marcou presença em exposições coletivas realizadas em Campinas, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, entre elas a Bienal Internacional de São Paulo (1987 e 1989) e a mostra *A Trama do Gosto um Outro Olhar sobre o Cotidiano*, na Fundação Bienal (1987). No período realizou cinco individuais, na Galeria Kaos Brasilis (1984), Galeria de Arte São Paulo (1985), Galeria Montesanti (1987), todas na cidade de São Paulo, e na Galeria Unicamp, onde mostrou a instalação *A Via Láctea*, em Campinas (1987) e no Espaço Capital, em Brasília (1988).

Na década seguinte, Mícoli levou sua arte para os Estados Unidos, Canadá, Japão, Chile e Bolívia, mediante exposições coletivas e realizou individuais no Brasil, entre elas *Objetos*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (1994).

Sua arte tende para as soluções geométricas e é construída sobretudo com retângulos de cores variadas ou quadrados, muitas vezes dispostos em faixas, chegando à construção propriamente dita de pinturas-objetos em que fragmentos de telas são costurados uns aos outros ou em que a tela é recortada. O artista coloca em sua obra as cores num diálogo sinfônico de vozes incisivas e outras vezes apenas balbuciadas, em áreas de cores vibrantes e outras de cores veladas.

Para a Estação República do Metrô de São Paulo, Roberto Mícoli criou uma obra muito original, uma instalação de teto, um *Grande Cocar* de 25 metros de extensão por dois metros de largura, ondulante, referenciado no adorno de cabeça, em forma de fita, confeccionado com panos coloridos e usado por diversos povos indígenas. A grande fita é dividida em faixas coloridas azuis, laranjas, amarelas, que enriquecem o ambiente e o torna mais confortável.

Título

Século XXI – Grande Cocar

Gênero

Instalação

Técnica

Mista (alumínio, fibra de vidro, madeira, tinta e resina acrílica)

Dimensões

25 m x 2 m

Data

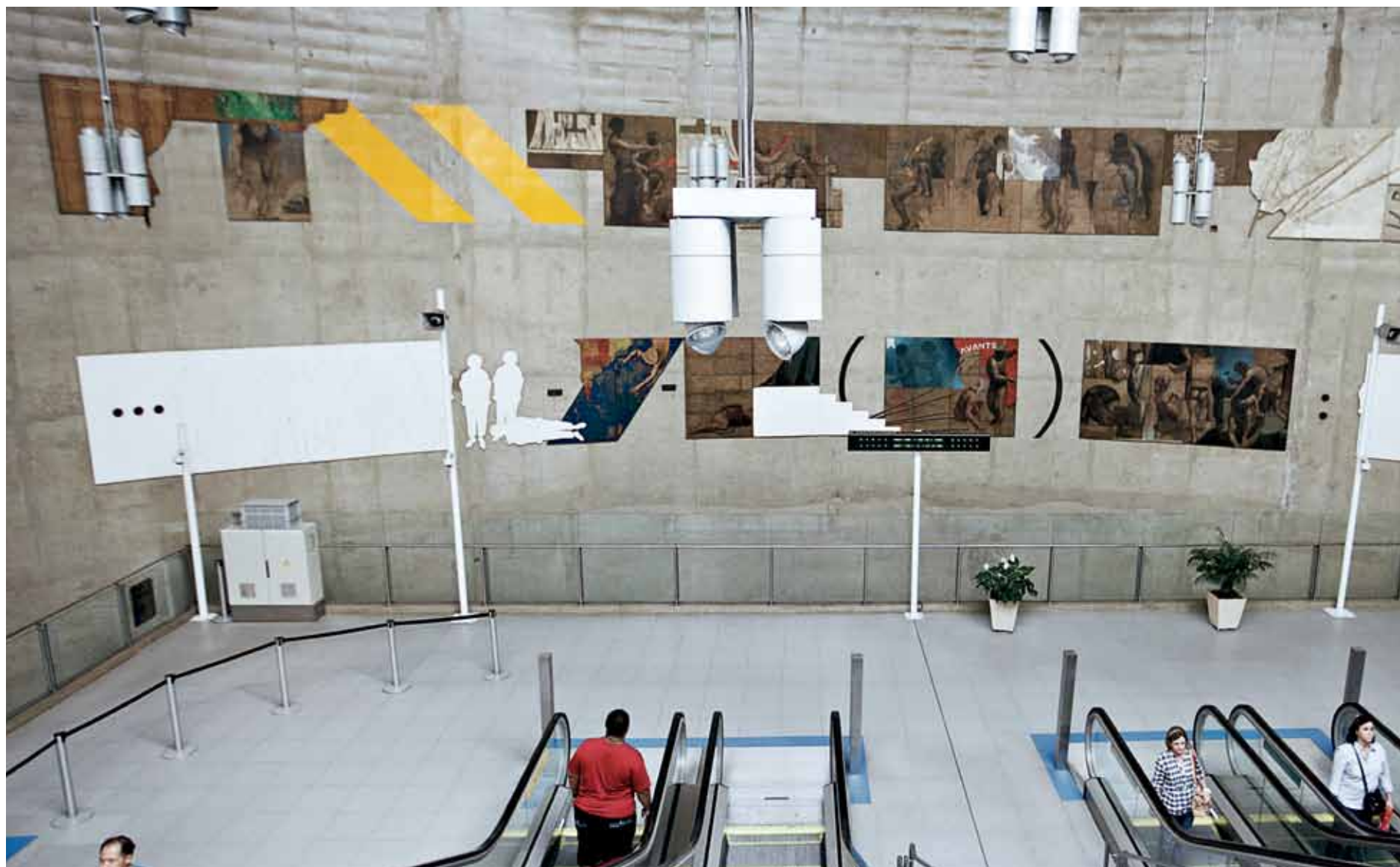
1991

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação República, teto do 2º subsolo, integração Linha 4





**Título**

Cenas e Sonhos Latino-americanos I e II

Gênero

Painel

Técnica

Mista (acrílico e óleo sobre tela de linho, madeira, corda e vidro)

Dimensões

2 painéis de 2 m x 27 m

Data

1990, reinstalada em 2010

Localização

Linha 2 - Verde, Estação Vila Prudente, empena curva do mezanino de distribuição

SÉRGIO FERRO



Sérgio Ferro (Curitiba, PR, 1938) é pintor, desenhista, professor e arquiteto. Diplomou-se em arquitetura pela FAU/USP (1962), pós-graduando-se em Museologia e Evolução Urbana na mesma Universidade (1965). No ano seguinte, cursa Semiologia na Universidade Mackenzie. Encaminha-se para o mestrado, inicialmente como professor da Escola de Formação Superior em Desenho e, posteriormente, no curso de História da Arte e Estética da FAU/USP e do curso de Arquitetura da Universidade de Brasília. Juntamente com Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, cria em São Paulo o Grupo de Arquitetura Nova, que propunha uma reflexão sobre o papel social do arquiteto, objetivando construções essenciais dentro da perspectiva do que eles chamavam de *poética da economia*.

Em 1972, devido a conflitos com o governo militar brasileiro do período, transfere-se para a França tornando-se, no mesmo ano, professor da École d'Architecture de Grenoble, na falda dos Alpes franceses, cargo que ocupou até 2003. Cria na mesma Universidade, em 1982, o Laboratório Dessin/Chantier, que dirige até 1997. Depois de viver muitos anos entre as cidades de Paris e Grenoble, dividindo-se também entre as atividades docentes e de ateliê, Sérgio Ferro instalou-se na aldeia medieval de Grignan, Provence.

Sérgio Ferro começou a expor seu trabalho em meados dos anos 1960. Participa das mostras *Opinião 65*, no MAM/RJ, *Propostas 65*, no MAB/Faap e da *Nova Objetividade Brasileira*, no MAM/RJ, em 1967. Com a transferência para a França, suas obras integraram numerosas exposições ocorridas neste e em outros países. Sua primeira individual aconteceu na pequena galeria do Teatro de Arena, em São Paulo e a ela seguiram cerca de 50, mais da metade na França.

A obra de Sérgio Ferro mescla elementos figurativos a abstrações. Suas figuras guardam relações próximas às de importantes artistas da história da arte, sobretudo Michelangelo. Fazendo apropriações de figuras, ele as decompõe, as fragmenta, ora utilizando recursos da pintura, ora do desenho, ora da colagem.

Suas obras estão em numerosas coleções particulares e públicas. Tem murais de sua autoria na École de Buttes e na École Joseph Vallier em Grenoble e no Jardin de Fauvrière, em Lyon, na França e no Memorial de Curitiba. Na Estação Vila Prudente do Metrô de São Paulo tem dois painéis: *Sonhos latino-americanos I e II*, instalados inicialmente em 1990 na Estação Barra Funda, entrada principal do Memorial da América Latina, onde foram vítimas de vandalismo. Retirados do local, foram restaurados em 2001-2 e armazenados na Estação São Bento até serem reinstalados na Estação Vila Prudente, em 2010. Eles têm como tema a evolução política e social da América Latina, seus povos, seus problemas, suas lutas e suas conquistas.







TATTI MORENO



Octavio de Castro Moreno Filho, Tatti Moreno (Salvador, BA, 1944), escultor, começou na arte pelos bonecos de arame, que ele fazia quando tinha 13 anos de idade. Mais tarde, recebeu orientação de Mário Cravo Júnior num curso livre da Escola de Belas Artes da UFBA. Começou a expor sua obra em 1970. Desde então, sua obra esteve em numerosas mostras coletivas realizadas no Brasil e no exterior. Tatti realizou individuais em várias capitais brasileiras, em Amsterdam (1994) e em Lisboa (2003).

Sua exposição mais impactante e que o tornou nacionalmente conhecido foi a comemorativa de seus 30 anos de percurso artístico, em 2001: *Orixás da Bahia por Tatti Moreno*, constituída por 32 orixás, 8 dos quais destinados a ser expostos em lagos, flutuando sobre as águas. A mostra percorreu várias cidades brasileiras.

Segundo Jorge Amado, “os Orixás da Bahia, os deuses vindos da África Negra e que se fizeram mulatos na mistura com os santos católicos e os caboclos da selva, foram fixados na madeira e no ferro pelos artesãos, desde os tempos da escravidão até os dias de hoje – artesãos da qualidade de Marco Proença e de Manu. Os escultores partiram dessa criação popular para conceberem, cada um armado com sua originalidade, a grandeza dos orixás: Mário Cravo, Agnaldo, Mirabeau, Antônio Rebouças, Manuel Bonfim. Diferente de todos eles, mas nascido da mesma tradição da cultura e da criação popular, Tatti Moreno restabelece mais uma vez a imagem dramática luminosa e mágica dos orixás”.

Entre as obras públicas de maior visibilidade de Tatti Moreno destaca-se um conjunto de oito orixás de sete metros de altura, dispostos sobre estacas e em círculo no Dique Tororó, em Salvador. No Rio de Janeiro, ele tem uma Ossanha de 5 metros de altura no Jardim Botânico.

Para a Estação Tucuruvi do Metrô de São Paulo, Tatti Moreno criou um *Ogô* de Exu que, na mitologia africana do candomblé, é o orixá que abre e protege os caminhos. Tatti confessa que foi com enorme prazer que recebeu da Companhia do Metropolitano de São Paulo e da Odebrecht o convite para criar a obra. “Esse projeto representa um motivo de orgulho para todos os brasileiros pela quantidade e pela qualidade das obras de arte alocadas não só no Tucuruvi mas em outras estações, reunindo, em seu gênero, um dos maiores acervos de arte da América do Sul”, afirma o artista. E informa: “Pesquisando a origem do nome Tucuruvi – montanha situada na faixa norte oriental da cidade de São Paulo, inspirei-me também para a criação da forma, nas modernas linhas arquitetônicas da estação em concreto e vidro. Partindo dessas informações, veio a imagem do trem rasgando os túneis entre as montanhas e surgiram as três formas cônicas sintetizando a imagem”.

Título

Ogô

Gênero

Escultura

Técnica

Aço, resina de polietileno e tinta epóxi

Dimensões

7 m x 3,3 m

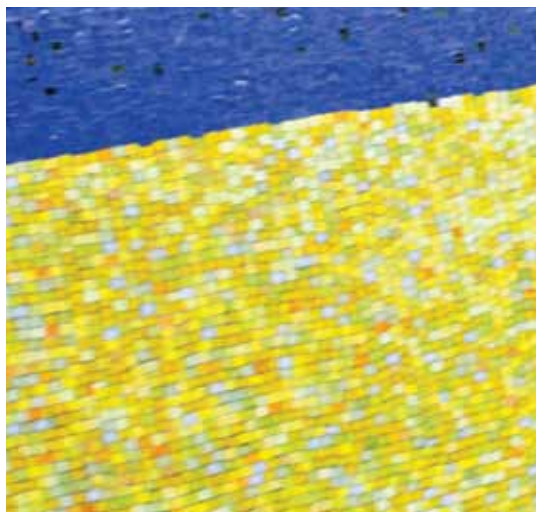
Data

1999

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Tucuruvi, jardim externo





Título
Quatro Estações

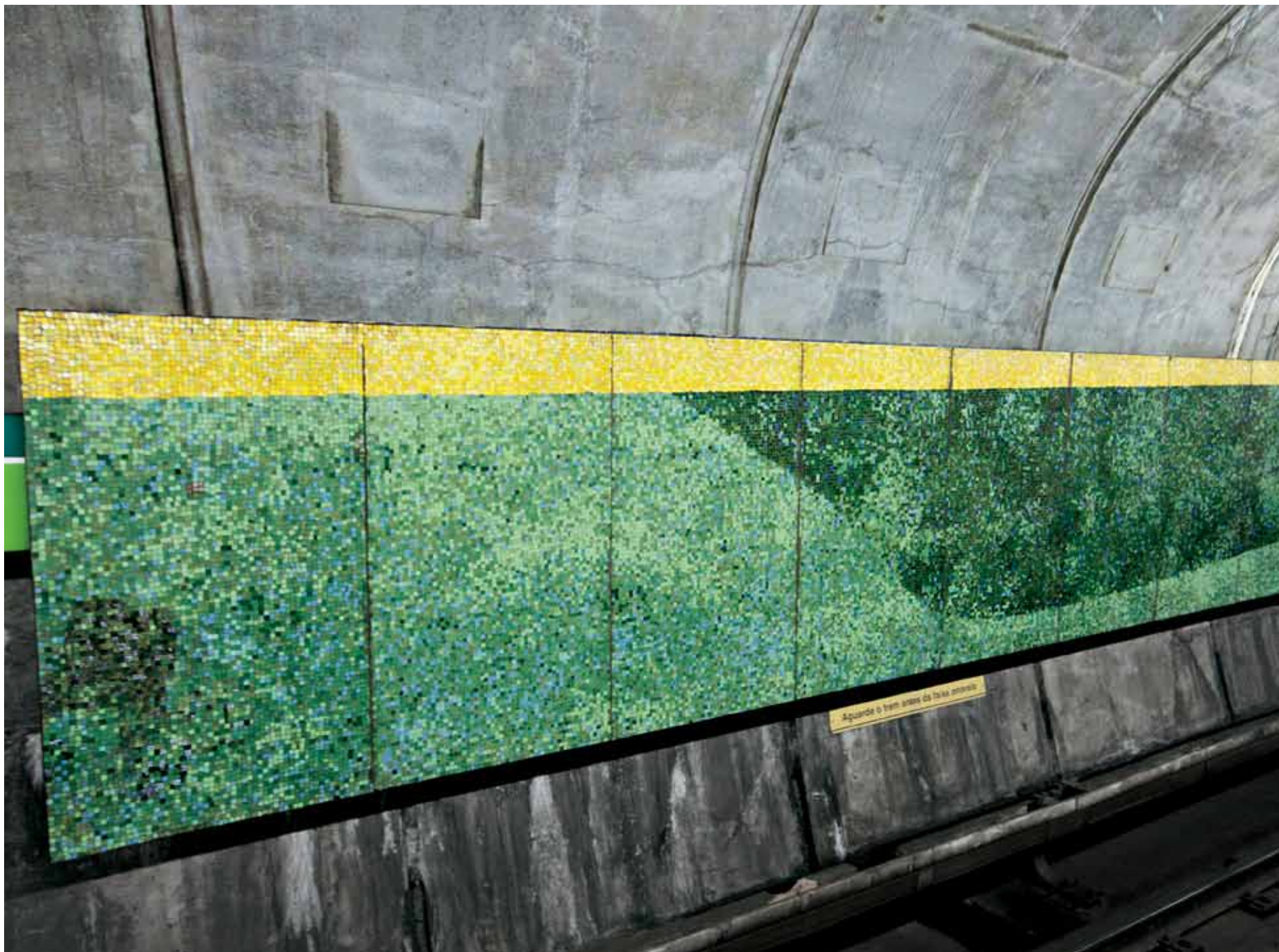
Gênero
Painel

Técnica
Mosaico em tésseiras de vidro

Dimensões
4 painéis de 2 m x 15,4 m

Data
1991

Localização
Linha 2 - Verde, Estação Consolação,
plataforma sentido Ana Rosa



TOMIE OHTAKE



Tomie Ohtake (Kyoto, Japão, 1913), pintora, gravadora e escultora, emigrou para o Brasil em 1936, fixando residência em São Paulo. Começou a pintar em 1952, orientada por Keisuke Sugano. No ano seguinte, integra o Grupo Seibi. Suas primeiras obras eram paisagens, mas já em 1953 aderiu à abstração.

Nos anos 1970, Tomie aproxima-se da gravura e, na década de 1980, começa a produzir esculturas e painéis para lugares públicos. “Gosto da obra em espaço público, porque fica ao alcance de todos”, costuma afirmar a artista.

Para a Lagoa Rodrigo de Freitas, do Rio de Janeiro, ela fez uma escultura de ferro com 20 metros de diâmetro, em forma de uma estrela ondulante, pintada em amarelo, que presenteou à cidade. Em Brasília, tem uma peça em ferro tubular no Instituto Rio Branco; outra em aço carbono nos jardins do Hotel Blue Tree Alvorada e um painel em vidrotil no Edifício Number One. Para o Parque Industrial da Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração, em Araxá, MG, projetou uma peça que descreve uma curva numa extensão de 23 metros. Ainda em Minas Gerais, tem painel em vidrotil na CTBC Telecom de Uberlândia. São ainda de sua autoria uma escultura em concreto armado instalada em frente ao Museu Metropolitano de Arte de Curitiba; o teto do Teatro Pedro II, de Ribeirão Preto; uma escultura em ferro pintado no Laboratório Aché, em Guarulhos, interior de São Paulo. Mas é a capital de São Paulo que reúne o maior número de suas obras públicas. Uma delas é uma escultura em concreto armado, constituída por quatro “lâminas” curvas de 40 metros, instalada na Av. 23 de Maio; outra está na empena cega de um prédio na Ladeira da Me-

mória, no Anhangabaú. Na Cidade Universitária da USP está o *Marco da Eterna Amizade entre Brasil e Japão*, inaugurada pelo imperador Akihito em 1997; uma escultura em aço tubular em frente ao MAC e um painel no Instituto de Estudos Brasileiros. No SESC Vila Mariana há um trabalho em ferro tubular, que descreve caprichosas linhas curvas nas paredes que contornam a piscina. Numa parede do auditório do Memorial da América Latina, há uma enorme tapeçaria de sua autoria e no hall central do Auditório Ibirapuera, uma escultura. Outras obras suas estão no Renaissance São Paulo Hotel, na Escola Maria Imaculada e nos edifícios Tomie Ohtake e Berrini. Uma das mais destacadas, todavia, é a da Estação Consolação do Metrô, constituída por quatro painéis intitulados *Quatro Estações*, referindo-se ao verão, inverno, outono e primavera, com predominância, respectivamente, das cores amarela, vermelha, azul e verde. Ao revisitar a obra, confessou Tomie, com seu jeito simples e essencial de se expressar: “Estou impressionada com a quantidade de gente que passa por aqui. São Paulo cresceu muito, não é?”













TOSHIFUMI NAKANO



Toshifumi Nakano (Gumma-Maebashi, Japão, 1948) emigrou para o Brasil em 1955, fixando-se em São Paulo. Estudou Artes Plásticas na Faculdade de Artes da Fundação Armando Álvares Penteado, onde lecionou Desenho e Pintura a partir de 1981.

Participou de numerosas exposições no Brasil, entre elas *Jovem Arte Contemporânea – JAC*, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP (1982); *Tendências*, na Galeria Niterói, Angra dos Reis, RJ (1981); *Arte e Geração*, na Galeria SESC Carmo, São Paulo (1983); *Nipo-brasileiros – Mestres e Alunos*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo (1983); *Arte na Rua II*, promovida pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP (1984).

Tem uma pintura de sua autoria na Estação Liberdade do Metrô de São Paulo, pintada em 1988 durante performance realizada no Parque do Ibirapuera por um grupo de artistas de origem nipônica, em homenagem aos 80 anos de imigração japonesa no Brasil. Trata-se de obra abstrata de um vermelho profundo sobre um campo pictórico escuro, que projeta sentimentos do artista em relação à imigração japonesa, iniciada em 1908, com a chegada do navio Kasato Maru ao Porto de Santos.

**Título**

Sem Título

Gênero

Pintura

Técnica

Acrílica sobre tela

Dimensões

1,8 m x 1,15 m

Data

1988

Localização

Linha 1 - Azul, Estação Liberdade, mezanino

**Título**

Meditação Labiríntica

Gênero

Painel

Técnica

Acrílica sobre tela e madeira

Dimensões

3 m x 4 m

Data

1990

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação
Palmeiras/Barra Funda, plataforma



VALDIR SARUBBI



Valdir Sarubbi (Bragança, PA, 1939 – São Paulo, SP, 2000), pintor, desenhista, gravador, professor, graduou-se em Direito em Belém (1962). Em 1969, ingressa na Faculdade de Arquitetura, que abandona no segundo ano, quando se muda para São Paulo, onde desenvolve uma obra profundamente ligada a suas origens. “Nasci em uma pequena cidade do interior da Amazônia, onde convivi com rios, animais, florestas e costumes indígenas de uma Amazônia intocada, que deixaram em mim conteúdos afetivos que seriam importantes para a minha expressão artística anos depois”, afirmou o artista.

Sarubbi começou a desenhar e pintar no início dos anos 1970, quando desenvolveu uma série que ele chamou de *Meditação Labiríntica*, constituída por trabalhos com formas de labirintos à semelhança dos desenhos das cerâmicas marajoaras. Essas formas, com o tempo, transformaram-se em linhas sinuosas que lembram o trajeto de rios nos mapas. A vontade explícita de representar o grande rio e seus afluentes leva-o a trabalhar a partir de levantamentos aerofotogramétricos da região amazônica.

Em São Paulo, Valdir Sarubbi desenvolveu carreira consistente. Já em 1971, quando se transfere para a capital paulista, participa da XI Bienal Internacional de São Paulo, do Salão de Arte Contemporânea de Campinas, da Bienal Nacional de Santos e do Salão Paulista de Arte Contemporânea, no qual é distinguido com uma Referência Especial do Júri. No ano seguinte, na Bienal Nacional, conquista o prêmio *Brasil Plástica*, que o distingue como um dos cinco expositores mais representativos. As participações e os prêmios se sucedem. Em 1974, recebe o Prêmio APCA na categoria Melhor Objeto, láurea que volta a conquistar em 1988 na categoria Pesquisa. Em 1981, conquista o

Prêmio *Governador do Estado*, o mais importante do Salão Paulista de Artes Visuais; e, em 1992, lhe é atribuído o prêmio de Viagem ao Japão, no Salão Brasileiro de Arte da Fundação Mokiti Okada. Em 2000, é distinguido com bolsa de estudos da Pollock-Krasner Foundation, de NYC.

Nas três décadas de sua produção artística, Valdir Sarubbi realizou mais de 40 individuais no Brasil e uma na Alemanha. Obras de sua autoria integram numerosas coleções públicas no Brasil, estando presentes também nos acervos da Casa de las Américas, em Cuba e no Museo Del Grabado Latino-Americano, em Porto Rico.

Em 1990, mediante concorrência, Sarubbi realizou um painel de 14 metros quadrados para a Estação Palmeiras/Barra Funda do Metrô de São Paulo. “Para realizar este painel, resolvi retomar o início do meu trabalho (*Meditação Labiríntica*) como forma de perenizar minhas raízes amazônicas por meio dessa obra, que ficará no mínimo cem anos num espaço público da maior cidade brasileira”, declarou o artista. O painel, que foi produzido nas madrugadas, “entre o último trem da noite e o primeiro da manhã”, remete não apenas ao curso dos rios amazônicos, mas também à malha urbana de uma metrópole como São Paulo.



WALDEMAR ZAILLER



Waldemar Zaidler (São Paulo, SP, 1958), arquiteto, designer e artista plástico, graduou-se em 1982 pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU/USP. Juntamente com Carlos Matuck e Alex Vallauri, atuou pioneiramente como grafiteiro em São Paulo. Realiza trabalhos de grande visibilidade na fachada do MAM/SP, no hall do Teatro da FAU/USP, no Teatro Lira Paulistana e no *outdoor* da mostra *Arte na Rua 1: 75*. Em 1989, Zaidler cria o escritório de design gráfico *Planeta Terra Design*.

Além de seu trabalho em espaços externos, participou de várias exposições em espaços fechados, sobretudo nos anos 1980, entre elas a Bienal Internacional de São Paulo (1985), *Como Vai Você, Geração 80?*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro (1984); *Graffitis Circenses*, na Galeria Thomas Cohn Arte Contemporânea, no Rio de Janeiro (1984); *Mural Graffiti: Vallauri, Matuck e Zaidler*, na Galeria São Paulo (1983); *A Trama do Gosto: um Outro Olhar Sobre o Cotidiano*, na Fundação Bienal de São Paulo (1987); *I Mostra Paulista de Grafite*, no MIS/SP (1992).

Para a Estação Sé do Metrô de São Paulo, Zaidler criou o mural *Fiesta*, de 32 metros quadrados plenos de humor e fantasia, que torna mais leve a faina diária de milhares de trabalhadores de São Paulo que se utilizam desse sistema de transporte de massa que é o metrô. O mural apresenta dois palhaços com suas sombras projetadas para trás, o que pressupõe a existência de uma fonte luminosa à frente. Na verdade, essa luz corresponde aos sons de um clarim que nem está justaposto aos lábios do palhaço e gera uma multiplicidade de figuras dentro de um clima mágico e passa, à maneira do artista, a lição de Paul Klee de que a missão da arte é tornar visível o invisível.

Para Zaidler, o painel “remete à poética e à discussão de movimentos de arte pública que, no início dos anos 1980, conquistavam em São Paulo espaço significativo e abriam caminho para vertentes que ecoam vivamente na produção atual da arte para e/ou com a cidade. Nos últimos 27 anos, a obra observou o ir e vir de alguns milhões de usuários em uma das mais concorridas plataformas da Estação Sé. Mesmo que apenas uma ínfima parte desse público tenha devolvido à obra o seu olhar, já corresponderia a uma incalculável multidão convidada à fruição e instigada à crítica. Isso bastaria para indicar a importância da manutenção de acervos de arte pública, principal via de acesso a muitas questões urbanas contemporâneas”.

**Título**

Um Espelho Mágico da Pintura no Brasil

Gênero

Instalação

Técnica

E-print sobre lona vinílica

Dimensões

Variadas. O conjunto mede 2 m x 40 m

Data

2001

Localização

Linha 2 - Verde, Estação Trianon-Masp, plataforma



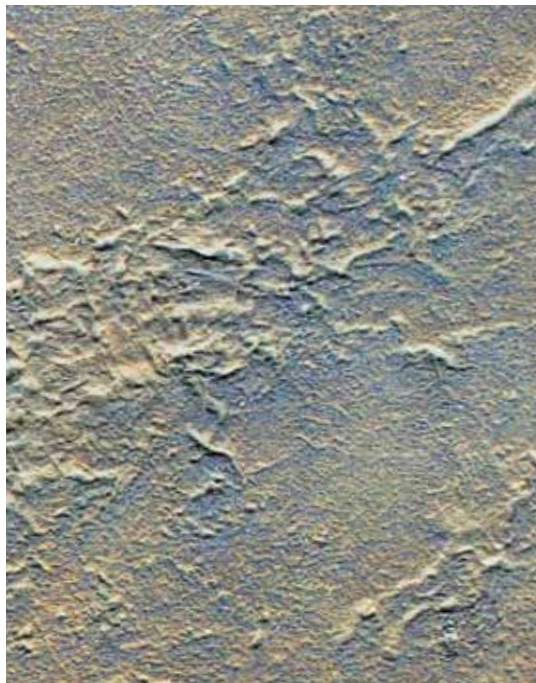
WESLEY DUKE LEE



Wesley Duke Lee (São Paulo, SP, 1931-2010), pintor, desenhista, gravador e professor, iniciou sua formação artística fazendo curso livre de Desenho no Masp, em 1951. Viajou, no ano seguinte, para Nova York, onde estudou na Parson's Scholl of Design e no American Institute of Graphic Arts. Em NY, foi atraído pelas manifestações da *pop art*. De volta ao Brasil, recebeu orientação do pintor Karl Plattner em São Paulo e, posteriormente, na Áustria. Em Paris, estudou Desenho na Académie de la Grande Chaumière e frequentou o ateliê do gravador Johnny Friedlaender.

Em 1963, atuou no movimento *Realismo Mágico*, juntamente com Maria Cecília e Pedro Manuel-Gismondi, Bernardo Cid, Otto Stupakoff e Carlos Felipe Saldanha, em reação ao que chamavam de academização do abstracionismo. Paralelamente orientou um grupo de artistas, entre eles Luiz Paulo Baravelli, Carlos Fajardo, Frederico Nasser e José Resende. Com os três últimos e mais Nelson Leirner e Geraldo de Barros, criou, em 1966, o Grupo Rex, que se posicionou, com humor e ironia, contra o mercado de arte. Entre 1964 e 1966, participou ainda do Grupo Austral do movimento *Phases*, a convite de Walter Zanini, primeiro diretor do MAC/USP. No período, realizou objetos tridimensionais, tais como *O Helicóptero*. Wesley foi um dos pioneiros da Nova Figuração e do Happening no Brasil. No final da década de 1960, residiu e trabalhou na Califórnia, EUA. Nos anos 1970 desenvolveu trabalhos relacionados à cartografia, caligrafia oriental e botânica e, na sequência, com a técnica do Xerox, com Polaroid, vídeo e outras formas de reprodução eletrônica de imagens.

Wesley Duke Lee participou de numerosas exposições coletivas no Brasil e no exterior e realizou cerca de 40 individuais. Entre suas obras de maior visibilidade figura *Um Espelho Mágico da Pintura no Brasil*, localizada numa das plataformas da Estação Trianon-Masp do Metrô de São Paulo. A obra, constituída por reproduções eletrônicas de 124 pinturas brasileiras, de dimensões variadas e com molduras diversas, segundo ele, partiu de uma obra flamenga do século XVII, de autoria de Willem van Haecht, que enfoca uma galeria com paredes cobertas por quadros coloridos em formatos diversos, tema também caro a David Teniers e que representa um gênero em que a pintura torna-se tema da própria pintura. A escolha de Wesley considerou naturalmente a proximidade do Museu de Arte de São Paulo – Masp, que empresta seu nome à estação do Metrô.

**Título**

Século XXI – Resíduos e Vestígios – Luz da Matéria

Gênero

Mural

Técnica

Pintura e aplicação de materiais diversos sobre fibra de vidro e sobre concreto

Dimensões

4 colunas com 4 faces

Data

1991

Localização

Linha 3 - Vermelha, Estação República, 2º subsolo



XICO CHAVES



Francisco de Assis Chaves Bastos (Tiros, MG, 1948), artista plástico, poeta, letrista, ingressou em 1967 no Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília, sendo expulso, em 1970, por subversão. Em 2010, quarenta anos depois, a Universidade de Brasília, em solenidade presidida pelo vice-reitor, lhe outorgou o título de Reconhecimento de Notório Saber.

Xico Chaves é um artista múltiplo. Como artista plástico, participou de numerosas exposições coletivas, entre elas *Como vai você, Geração 80?*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, em 1984; em 2011 participou do evento *Transperformance*, promovido no Rio de Janeiro pela Oi Futuro, ao lado de vários outros artistas e intelectuais brasileiros e do exterior e que inclui performances e intervenções urbanas que, iniciadas no bairro de Ipanema, se expandiram para vários outros espaços da cidade. O artista realizou diversas exposições individuais, entre elas na Casa França-Brasil, em 1993, e na Oi Futuro, Rio de Janeiro: *Órbita – Poética – Xico Chaves* (2011), retrospectiva multimídia que englobou quatro décadas de produção do artista.

Paralelamente às artes plásticas, Xico Chaves atua nas áreas de poesia, música, cenografia e cinema. Integrou o Movimento Brasileiro de Poesia Marginal. É autor ou coautor de mais de 100 letras de músicas gravadas por diversos artistas da MPB, tais como Nara Leão, Caetano Veloso e Elba Ramalho. Trabalhou nos jornais *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha da Tarde*. Aproximando-se da administração cultural, foi diretor do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro – MNBA/RJ, Diretor de Artes Visuais da Escola do Parque Lage e diretor de Artes Visuais da Funarte. Além disso produziu espetáculos e coordenou a produção de vários projetos artísticos.

Possui obras nos acervos do Museu de Arte de São Paulo – Masp, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP, Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro – MNBA/RJ. Tem um mural de sua autoria na Estação República do Metrô de São Paulo: *Luz da Matéria*. A obra tem como suporte quatro pilares de concreto que receberam materiais diversos, entre eles minérios de ferro, quartzo, pigmentos minerais e resina de poliéster compondo áreas de cor e texturas diversas.



YAE TAKEDA



Yae Takeda (São Paulo, SP, 1941), desenhista, pintora, ceramista e publicitária, graduou-se em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Estudou Desenho com Massato Aki Takaoka, Tamaki, João Suzuki e Carlos Fajardo; Cerâmica, com Alberto Cidraes, Kimi Nii e Jerene Finnes; e Escultura, com Hisae Sugishita. Participou de workshop com Nelson Leirner, Carmela Gross e Fayga Ostrower e estagiou no ateliê do ceramista Ichita Ukeseki, no Japão.

De 1982 a 1987, participou da exposição coletiva na Invandramas Kulturcentrum, Kunst Galleriet, em Estocolmo e participou de coletivas de cerâmica na Toki Galeria de Arte, A Tenda, Deco, Babélidus e Odra, em São Paulo. Esteve no IV e X Salão Nacional de Artes Plásticas, SP; IV Salão Paulista de Arte Contemporânea, São Paulo; XVI e XIX Salão Bunkyo de Artes Plásticas, da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, São Paulo, XV Salão de Arte Contemporânea de Santo André, SP; Museu de Arte de São Paulo – Masp, Paço das Artes e Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM/SP.

Desde 1986, Yae Takeda expõe em conjunto com Hisae Sugishita.



Na Estação Liberdade do Metrô de São Paulo, há uma obra de sua autoria produzida durante performance no Parque do Ibirapuera em homenagem aos 80 anos da imigração japonesa no Brasil. Trata-se de uma técnica mista envolvendo a utilização de tinta acrílica verde, amarela e vermelha, cores das bandeiras do Brasil e do Japão, peneiradas sobre tela branca à maneira da *action painting* e uma área circular – a peneira – na qual aparece a fotografia de uma criança nissei.

Título
Sem Título

Gênero
Pintura

Técnica
Mista (acrílica e fotografia) sobre tela

Dimensões
1,8 m x 1,15 m

Data
1988

Localização
Linha 1 - Azul, Estação Liberdade, mezanino



CRÉDITOS

Texto

Enock Sacramento

Edição

A&A Comunicação Ltda.
São Paulo - 2012

Foto

Izan Petterle e Marcos Silva

Coordenação Editorial

Carolina Andrade

Consultoria Técnica

Heloisa Bettim, Priscila Netto, Sandra Theodozio

Supervisão e Assistência de Produção

Gisele Tcherkesian Kumruian e
Micaela Molan Monteiro

Projeto Gráfico

Gustavo Lacerda

Tratamento de Imagem

David Maia e Venâncio Rodrigues

Editoração Eletrônica

Celso Dal Sasso, Eduardo Coleoni,
Guilherme Portela, Jairo Rodrigues,
Lucas Rampazzo

Produção Gráfica

Daniel Costa

Revisão de Texto

Cleusa de Souza Quadros, Maria Teresa Ribeiro

Impressão


Prol Editora Gráfica Ltda.

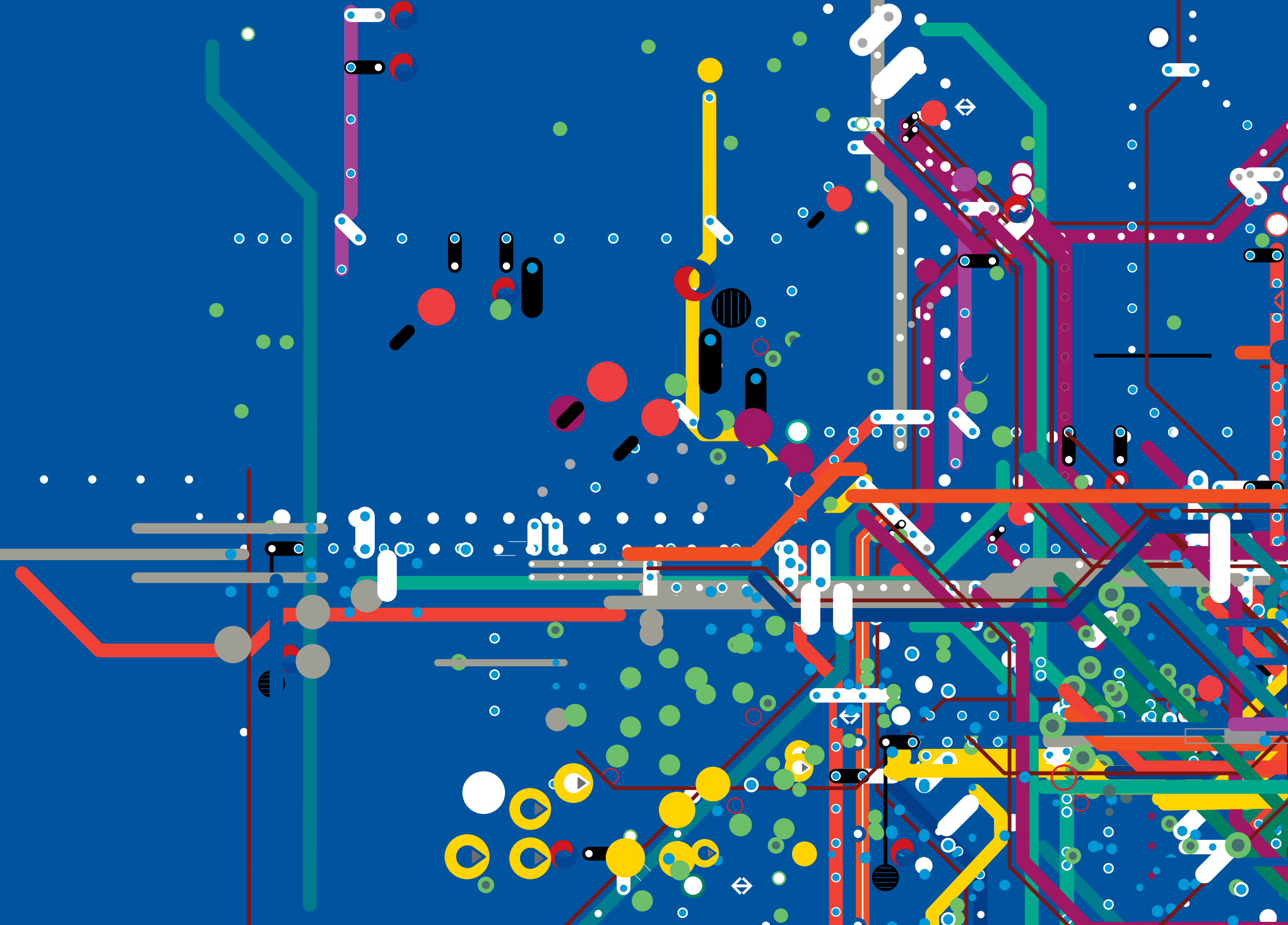
Administração

Sequência – Serviços do
Conhecimento S/C Ltda.

Agradecimentos

Aluizio Gibson
José Aloisio de Castro
Jurandir Fernando R. Fernandes
Marcos Monteiro
Peter Berkely B. Walker
Raul Christiano de O. Sanchez
Sérgio Henrique Passos Avelleda





LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Apoio Institucional



Secretaria dos
Transportes Metropolitanos

Patrocinador



Ministério da
Cultura

